

Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Os italianos atacaram esta madrugada a Albania

ROMA, 7. — Desencadeou-se uma acção militar e naval contra a Albania.

A agencia Stefani, que noticiara o envio de contingentes de tropas e de diversos navios italianos para a Albania, «a-fim-de protegerem os subditos italianos», publicou mais tarde o seguinte comunicado:

«Esta manhã efectuou-se o desembarque de tropas italianas nos portos de Santi Quaranta, Valona, Durazzo e S. João de Medua. Não houve nenhuma reacção digna de ser particularmente mencionada, excepto em Durazzo, onde a tentativa de resistencia da parte de bandos armados foi, imediatamente, dominada. As tropas italianas, partidas de Durazzo, começaram a marcha para o interior. A população apresenta uma attitude tranquila e cordial. 400 aviões da esquadra aerea «A» patrulham a costa da Albania com ordem de não alvejar centros habitados e poupar as populações». — (Havas).

A rejeição dum ultimato italiano e as primeiras medidas militares

TIRANA, 7. — A repartição da Imprensa albanesa comunica:

«A noite passada, entre as 4 e 30 e 4 e 45, duas esquadilhas italianas voaram sobre o territorio albanês para causar impressão ao governo que deliberava sobre a posição definitiva a tomar com respeito ao ultimato italiano, que foi unanimemente rejeitado pela Camara e pelo Governo. Hoje, esquadilhas de bombardeamento voaram sobre o territorio albanês, deixando cair manifestos que davam a conhecer o desembarque de tropas italianas e ameaçavam o povo albanês de medidas militares atrozes, se resistisse. Os manifestos convidavam o povo a fazer acto de submissão ao rei e imperador italiano, o qual fará reinar a paz. Valona sofreu um bombardeamento terrível durante toda a noite. Os combates que se travam entre soldados, gendarmes e voluntarios de Valona e as tropas italianas são violentissimos. Durazzo é constantemente bombardeada. As tropas italianas que desembarcaram na costa de Durazzo foram repelidas para o mar Adriatico. Em Ashinguini travam-se combates atrozes; o sangue corre a jorro. O Conselho de ministros está em reunião permanente no Palacio Real». — (Havas).

Três divisões em acção

ROMA, 7. — Segundo os boatos que circulam em Roma, na acção contra a Albania tomam parte 3 divisões de cerca de 35 mil homens cada. — (Havas).

A attitude dos albaneses

O rei Zogu dirigiu uma mensagem ao seu povo

BELGRADO, 7. — O rei Zogu dirigiu ao povo do seu país uma mensagem impressionante, em que declara que estava pronto a concluir um accordo com a Italia, mas que as pretensões desta eram, até agora, de molde a pôr em perigo a liberdade do país.

O soberano albanês termina por convidar o povo a resistir até á derradeira gota de sangue. — (Havas).

Um apelo do povo albanês

PARIS, 7. — A's 12 e 30 a legação da Albania publicou o seguinte comunicado:

«A legação da Albania, em nome do seu governo e de todo o povo albanês, ergue o mais violento protesto contra a barbara acção do governo fascista contra a Albania. Tendo a Camara albanesa rejeitado ontem á noite, por unanimidade, o ultimato que continha condições inaceitaveis para um povo livre, forças navais e aereas importantissimas bombardearam, logo de noite, e continuam a bombardear, violentamente, todas as cidades abertas do litoral, chacinando, desta forma, mulheres e crianças sem defesa. O Exército albanês assim como todo o povo albanês repeliram até agora todas as tentativas de desembarque es-

tribados no seu direito de viver livres e independentes, a-pesar da desigualdade de forças: 44 milhões de italianos contra 1.200.000 albaneses. A legação dirige um apelo veemente a todas as nações civilizadas que ainda fazem do direito dos povos uma regra internacional, para que se conceda um auxilio moral e material immediato aos albaneses, que a despeito da desigualdade de forças, fazem com os seus peitos generosos muralha contra a corrente dos barbaros invasores». — (Havas).

A repercussão do conflito

Roma justifica-se

ROMA, 7. — A agencia Stefani publicou o seguinte comunicado acerca da acção italiana contra a Albania: «Nos ultimos dias, enquanto se realizavam conversações entre o governo italiano e o rei Zogu para a conclusão dum novo accordo mais estreito, efectuaram-se em Tirana e noutras localidades manifestações ameaçadoras da parte de grupos e bandos armados, que puseram em grave perigo a segurança pessoal dos italianos residentes na Albania. Ontem de manhã, 6 navios de guerra italianos receberam em Durazzo e Valona algumas centenas de compatriotas entre os quais mulheres e crianças, trazendo-os para a Patria. Ontem á noite contingentes de tropas

(Ver continuação na 8.ª pagina)

Nas operações a Italia emprega 3 divisões, navios de guerra e 400 aviões



O rei Zogu com o conde Ciano durante a ultima viagem que este fez á Albania

BONS CAMINHOS

Entra hoje o «Diário de Lisboa» no 19.º ano da sua laboriosa existencia, com a mesma fé da sua origem e com a mesma fidelidade aos principios que constituem a linha organica da sua acção. Na epoca do seu aparecimento, os homens mostravam-se injustos uns com os outros, guerreando-se, calunhando-se e algumas vezes envolvendo a Republica em agressões e diatribes que traduziam muito rancor e paizão.

Cada um se julgava apto para livrar o país de perigos que deliberadamente se avolumavam, a-fim-de fazer sobressair o quixotismo dos salvadores impacientes. Era no tempo em que a revolução se dividia em patrulhas, conspirando-se á aventura, num romantismo boemio que ia das mesas dos cafés ás doulas sessões das academias.

Entrou, então, connosco um pensamento audaz — reagir contra o caudal dos odios reboricos, erguendo entre as hostes desovindas uma pequena ponte que facilitasse o transito no terreno comum da Patria, sem irritar assasmente o badabar dos campanarios.

Numa palavra: buscámos Portugal no meio dos portugueses.

A nossa ambição, tão modesta como patriótica, provocou o riso de alguns cepticos para quem a politica endurecia os animos, diminuindo a compreensão das intenções alheias. Persistimos, a-pesar disso, no proposito de transpôr a barragem das intolerancias e situar-nos numa posição acessivel a todos os homens de boa vontade. Como sempre acontece, appareceu a inevitavel interrogação:

— Que se oculta por detrás de semelhante generosidade? Que tórvo interesse move amanhã isenção?...

Não nos demorámos na resposta, porque, quando o entusiasmo é ardente, os obstaculos estimulam e não afrontam o brio. Confiamos na nossa estrela, que é como quem diz: pedimos á sorte um certificado de livre transito. Estimado por este, discutido severamente por aquele, considerado ora irreverente ora conformista por aquel'outro, o «Diário de Lisboa», feito por gente moça, com o sangue na guetra e o coração á flor dos labios, foi vencendo as prevenções, desfazendo as intrigas e conquistando as simpatias dos que presam, acima de tudo, a honestidade e a sinceridade.

O seu triunfo — sem ruído som de tubas — representa da parte do publico um atestado de confiança que nunca tratmos. Queremos continuar a merecer o seu aplauso e o seu apoio, pois o «Diário de Lisboa», ainda quando erra, aspira simplesmente a ser util á nação. Não vivemos para fausto e gaudío das tribus poderosas, mas sim para contribuírmos, na medida das nossas forças, para o bem estar geral.

Jámais sentimos qualquer disposição para sacar proveitos de serviços prestados, avaliados exorbitantemente, por entendermos que o jornalismo impõe tambem algumas abstinencias.

O «Diário de Lisboa» não collecciona anniversarios, na preocupação estulta de se julgar melhor do que os outros, visto que conhece o que vale e esse conhecimento não o autoriza mais do que a isto — trabalhar sempre no sentido do progresso e da perfeição.

Dr. Reinaldo dos Santos

Para celebrar o seu restabelecimento, gentes das letras e das artes oferecem-lhe, amanhã, um almoço

Em volta dum dos maiores valores portugueses, o dr. Reinaldo dos Santos, nome admirado não só entre nós, mas, também, no estrangeiro, vai realizar-se, amanhã, uma festa de amizade. Alguns dos nomes mais em evidência na literatura, no jornalismo e nas artes, vão oferecer-lhe um almoço, para celebrar o seu restabelecimento, após a grave operação cirúrgica a que, em consequência dum acidente de automóvel, teve de submeter-se recentemente.

A esse almoço, que se efectua no Restaurante Chave de Ouro, às 12 e 30 de amanhã, assistirão os seguintes amigos e admiradores de Reinaldo dos Santos, muitos deles seus próprios clientes:

Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Assis Esperança, Augusto de Castro, Augusto Pinto, Bourbon e Meneses, Carlos Amaro, Carlos Rebelo de Andrade, Diogo de Macedo, Fernando Mardel, Ferreira de Castro, Francisco Franco, Gualdino Gomes, Guilherme Rebelo de Andrade, João do Couto, João Silva, Joaquim Manso, Jorge Barradas, Lino António, Luiz Xavier da Costa, Matos Sequeira, Maximiano Alves, Ortigão Burnay, Pardal Monteiro, Roberto Nobre, Sousa Lopes, Varela Aldemira, Veloso Salgado e Pedro Bordoalho Pinheiro.

O almoço é exclusivamente de escritores, jornalistas e artistas que sejam amigos de Reinaldo dos Santos. Porque se quis dar a este acto um carácter de intimidade e sinceridade, não se abriu inscrição pública. Sendo, possível, porém, que alguns escritores, jornalistas e artistas amigos de Reinaldo dos Santos, não tenham sido prevenidos particularmente, previne-se, por este meio, aqueles que, porventura, se encontrem nessas condições e queiram tomar parte no almoço que podem inscrever-se, amanhã de manhã, no restaurante acima referido.

MORTO SEM ASSISTENCIA

Recolheu à Morgue o cadáver do cidadão espanhol Antonio Becerra Gordillo, de 62 anos, que faleceu esta manhã na sua residência, em Lisboa, sem assistência médica.

ATROPELAMENTO FATAL

Faleceu hoje no hospital de S. José o pedreiro José Gomes Arantes, de 36 anos, que fora anteriormente atropelado por um automóvel.

CASINO ESTORIL

Por hoje ser sexta-feira Santa, encontra-se encerrado o Casino.

VIDA DESPORTIVA

SELECÇÃO DE HOCKEY

A selecção nacional de Hockey em patins chegou hoje a Montreux—local dos campeonatos mundial e europeu—e deve fazer hoje o seu primeiro desafio internacional.

Os dois encontros disputados em terra francesa constituíram dois triunfos e dois óptimos treinos para os portugueses. A selecção da Gironda subiu por 8-3, e a selecção do sudoeste da França por 6-2.

A nossa selecção impressionou os franceses. Todos os jornais tecem elogios à actuação portuguesa. Portugal apresenta-se assim, em Montreux, com uma confiança absoluta nos seus recursos, e fará por certo boa figura.

O caso português do «hockey» em patins é curioso. Em Portugal há desportos praticados por milhares de pessoas que não conseguem impôr-se sob o ponto de vista internacional. O «hockey» em patins, com uma população reduzida, é o que se vê...

PORTUGAL-ESPANHA

Nós julgávamos que os dirigentes do «football» português tinham ido a Sevilha tratar dum Portugal-Espanha em Lisboa.

Quem está no «segredo dos Deuses» diz-nos que não é bem assim. Trata-se de fazer, primeiro, um Portugal-Espanha, em Madrid, possivelmente no próximo mês de Maio, e depois um 2.º Portugal-Espanha, em Lisboa, no fim deste ano.

De qualquer modo, a tradição do «football» português é mantida, apenas com esta pequenina variante: antigamente os dirigentes portugueses iam a Espanha pedir o jogo para Lisboa; agora, pedem-no para Madrid...

«OS SPORTS»

Completo vinte anos de existência «Os Sports». Não é apenas aquele jornal que está em festa. Também o está o desporto português, de tal modo este e o referido jornal se confundem...

«Os Sports» tem uma longa folha de serviços na causa desportiva. Tão longa e valiosa que o seu nome—pode dizer-se—anda ligado a todas as manifestações da especialidade.

Dirigido por Raul de Oliveira, com a dedicação de Neves Reis e a cooperação brilhante de Ribeiro dos Reis, Ricardo Ornelas e doutros jornalistas, «Os Sports» é o grande órgão da imprensa desportiva portuguesa.

Saudemo-lo, pois, quando ele completa vinte anos de existência, numa altura igualmente festiva para o nosso jornal.

E destaquemos o belo artigo de hoje,

«O grilo dum mutilado», que honra Raul de Oliveira, seu autor, a própria causa desportiva, e «Os Sports».

T. S.

GIMNASTICA

Uma festa no Sporting

Anualmente organizam os alunos do curso de ginástica aplicado do Sporting Club de Portugal uma festa. A deste ano realizar-se-á no dia 6 de maio.

Os ginastas do Sporting dirigidos com uma dedicação que é justo destacar por mestre António do Carmo, terão ocasião de revelar os seus progressos e o seu aperfeiçoamento.

TIRO AOS POMBO

Torneio em Santarém

SANTAREM, 7.—Promovido pelo Club de Caçadores desta cidade, realiza-se amanhã e depois de amanhã, um torneio de tiro aos pombos, disputando-se 4 valiosas taças, oferecidas pela Sociedade Portuguesa de Seguros, Camara Municipal de Santarém, R. C. A. (Radio G.) e Junta de Província do Ribatejo.

A esta prova devem comparecer as melhores espingardas da região e doutros pontos do país.

BASKET-BALL

O União e o Lisgás, finalistas da taça «Xara Brasil»

Prosseguiu ontem no campo do Lisgás o torneio da Federação para disputa da taça «Xara Brasil».

Os jogos das meias finais deixaram boa impressão pelo ardor com que foram jogadas as duas partidas.

No primeiro desafio, o União venceu o Benfica por 27-21, depois dum jogo em que houve equilíbrio.

Os santarenses foram no entanto tecnicamente superiores e imprimiram à luta uma velocidade que os encarnados nem sempre conseguiram acompanhar. Os primeiros momentos foram de vantagem acentuada do União que elevou o marcador a 8-0.

Porém, o Benfica reagiu, e conseguiu atenuar a desvantagem para 8-10 até ao intervalo.

No segundo tempo, a partida disputou-se com maior energia, mas com vantagens por parte do União. O resultado final traduz a superioridade evidenciada.

O último jogo teve um resultado inesperado. Lisgás e Carnide exibiram-se de forma a entusiasmar a assistência. Foi incontestavelmente o melhor jogo da noite.

As sucessivas alterações do marcador e o conjunto evidenciado pelos dois grupos animaram a partida até final, por estar indeciso o vencedor.

O resultado da primeira parte foi favorável ao Carnide por 18-13.

Na segunda parte o Lisgás foi superior, quer na condução do jogo quer no lançamento ao cesto, pois todos os elementos do ataque remataram com facilidade.

Não foi por essa circunstância difícil igualar o marcador, acabando por conquistar o triunfo, por 32-29.

Os últimos lances foram cheios de emoção, dada a reacção operada pelos antigos campeões de Portugal. Alinharam pelo Lisgás—Natividade, Vicente, Barbosa, Neves, Cabral e Petinga.

Jogaram pelo Carnide—Artur Ferreira, R. Amaral, Fernando Amaral, Cruz Jesus e Souto.

A final do torneio está marcada para amanhã no campo do Lisgás, jogando o Benfica com o Carnide para apuramento do 3.º classificado e o União com o Lisgás. Ao primeiro classificado será entregue a taça «Xara Brasil», havendo outros prémios para o segundo e terceiro.

BILHAR

Alfredo Ferraz chega hoje a Lisboa

Alfredo Ferraz, o bilharista português que ganhou o Campeonato do Mundo de partida livre, 500 carambolas, chega hoje a Lisboa, no «rápido» da noite.

Ser-lhe-á prestada uma afectuosa recepção, para a qual a Associação dos Amadores de Bilhar e o Sport Lisboa e Benfica convidam os seus associados.

Estes chás sem rival são muito apreciados pelo seu finíssimo aroma e delicioso paladar. A venda nos bons estabelecimentos de todo o país

Chá Li-Cungo

Preto e Verde

Qualidades de chá extra-Fina
Contra a entrega de invólucros que representem o consumo de três quilos de Chá Li-Cungo, preto ou verde, entregaremos UM LINDO BULE.

Companhia da Zambézia

VIDA ARTISTICA

A exposição

DE BRONZES DE ARTE

A Exposição de Bronzes Artísticos, do escultor e mestre de cinzelagem português sr. António Maria Ribeiro, pode ser considerada



«S. José», escultura de arte em bronze

um acontecimento artístico de relevo excepcional no nosso meio.

Os salões da Garrett estão transformados em galeria de arte de Museu.

São algumas dezenas as peças expostas a denotar um belo esforço de oficina e um poderoso engenho de artista.

Entre os bronzes expostos encontra-se a «Camoneana», alegoria inspirada no canto V dos «Lusiadas», cujo pedestal ornado de figuras simbólicas, no conjunto plástico notável, valoriza extraordinariamente a peça.

Também a Imagem de S. José, cujo halo se inspira na rosacea da igreja de S. Francisco, do Porto, afirma a convergência do artista.

As esculturas, reproduções de obras primas, são na técnica da execução, além do mérito próprio do escultor, do melhor que se tem visto em Lisboa.

Assim, «Caridade», de Teixeira Lopes; «Abandonado», «Flor Agreste», «Morte de Adonis», «Cristo» e «Inglesa», de Soares dos Reis; «Cabeça de Filósofo», de Simões de Almeida, sobrinho; «Fama do Pescador», «Ronda», «Cavador», de Henrique de Almeida.

Medalhões, bustos, peças de arte sacra, candélabros, estatuetas, peças decorativas completam a magnífica exposição.

Brinquedos

para as crianças do Outão

O nosso prezado colega a «República», a exemplo do que fez o ano passado, promove para domingo próximo —Pascoa Florida—uma jornada ao Sannatorio do Outão: levar brinquedos às 400 crianças doentes ali internadas.

Simpática iniciativa é esta, a que muitos dos leitores e anunciantes daquele jornal se têm associado.

O «Diário de Lisboa», secundando a iniciativa de a «República», envia a este também o seu contingente, e recomenda a ideia aos nossos leitores.

NOTÍCIAS DO ALGARVE

FARO, 6.—Decorreu com invulgar brilho e muita concorrência as festas da «Semana Santa» nesta cidade, havendo algumas procissões, como a de S. Francisco, que ha vinte anos não se realizava.

—Causou geral satisfação em toda a província a noticia do proximo regresso do sr. dr. Joaquim da Cunha Pignatelli Sena Belo, delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdencia neste distrito, onde conta muitas simpatias.

Sucursal do Café Tavares

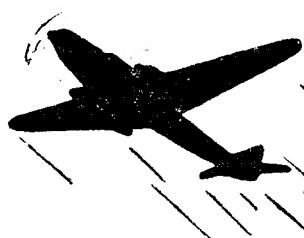
Rua do Mun'õ, 60 — Telef. 2 9687

Domingo de Pascoa: Jantar Especial com vinho do Porto

(Todos os dias pratos especiais)

SAFE MIND GO — Tel. 2 5676

HOJE: Maria Repromissa, Natividade Pereira e Mario José Paninho. Amanhã — A grande revelação Deolinda de Sousa. Consumo 1\$30



CORREIO AEREO

SERVIÇO BI-SEMANAL

PORTUGAL - AMERICA DO SUL
EM 48 HORAS

RESPOSTAS DENTRO DE UMA SEMANA

Aero - Portuguesa

33, R. Alecrim, — Telet. 2 3371

TODOS OS DOMINGOS A'S 8 E 15

para: Marrocos-Africa Ocid. Francesa-Guiné Portuguesa e Francesa-Libéria-Costa do Marfim e do Ouro, Angola e AMERICA DO SUL

ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até às 5 horas da manhã de Domingo

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do sul.

Deutsche Lufthansa A. G.

34, Aven. 24 Julho—Telef. 6 0343

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

para Las Palmas, Bathurst e America do Sul

ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS na Central dos Correios, até às 7 horas da manhã de 5.ª feira

Serviço diário para Passageiros, Mercadorias e Correio entre Lisboa-Berlim com escalas em Salamanca, Marseille, Genève e Stuttgart
No Mesmo Dia

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

No Tivoli apresenta-se amanhã Alexandre Swaine, o bailarino genial, que tem conquistado em todo o mundo os maiores triunfos.

E' difícil exprimir o que é Swaine, o homem que abriu novos horizontes à dança, descendente em linha recta dos grandes bailarinos...

A sua expressão e os seus movimentos conjugam-se admiravelmente, dando-nos criações dum realismo palpante, assombroso.

E' assim que as suas criações, dum pessoalismo inimitável, correm mundo, como sendo as maiores manifestações da arte da dança.

Alexandre Swaine abriu a vir a Lisboa, a-pesar-de muitas solicitações que contava para as grandes capitais da Europa.

Eis o grande acontecimento: Swaine vai dançar, em Lisboa, amanhã e depois de amanhã, no Tivoli!

Atrás do reposteiro

O elenco feminino da companhia Beatriz Costa, na sua «tournée» ao Brasil, ficou assim constituído: Beatriz Costa, Maria Salomé, Maria Brásão, Deolinda Saraiva, Rosa Maria e a artista-cantadeira Berta Cardoso.

— O Trindade terminou depois de amanhã, com «Aldem da roupa branca», a sua temporada de cinema, devendo reatar, no sábado, 15 do corrente, os seus espectáculos de teatro, com a continuação das representações, pela

companhia Maria Matos, da comédia «A Fidalga de Arronches».

— A actriz Palmira Bastos assina o seu contrato para a Companhia Teatral Portuguesa, no Avenida, na próxima semana, começando seguidamente os seus trabalhos neste teatro.

— O título «Borges & Irmão» fôra adoptado, primitivamente, para a peça que se representou no Variedades, chamando-se «Desculpa, ó Cae-tano!» e não pôde ser adoptado por reclamações de carácter comercial.

— Estão bem encaminhadas as negociações que devem alterar o disposto da regulamentação do horário de trabalho nos teatros, devendo os trabalhos de dia durarem três horas e meia e os de noite quatro e meia.

— O actor Octavio de Matos, em virtude do seu plano de se transferir à America do Norte, declinou o convite que lhe foi feito para a futura temporada de revistas no Coliseu.

— A sociedade artistica do Apolo, «Artistas Unidos», reclamou superiormente contra o facto de se haver insinuado que a sua organização não obedecia inteiramente aos regula-

mentos impostos pelo Sindicato dos Artistas Teatraes.

— Voltaram a colaborar com a empresa do nosso amigo José Loureiro os escritores teatraes Fernando Santos, Lourenço Rodrigues e Xavier de Magalhães.

— Dos teatros de Lisboa só um funciona esta noite, o Avenida, com a peça sacra «Maria Madalena».

— A actriz-cantora Maria Albertina deve fazer a sua reaparição no teatro, na revista em ensaios no Apolo, «Lá vai Lisboa!».

— Com o concurso dos guitarristas Domingos Costa e Vitorino Ribeiro, a actriz Lina Democel realizou no Casino Belo, de Lourenço Marques, dois grandes espectáculos, interpretando canções e fados.

— O actor Estevão Amarante, enquanto durarem os trabalhos de filmagem em Lisboa, do filme «O Feticço do Imperio», não tomará nenhuns compromissos de carácter teatral, tanto mais que terá ainda outro filme a realizar esta época.

— A companhia Adolpha-Aum Abranches de-

ve iniciar na próxima semana os ensaios da comédia «Quantas vezes a mãe canta...» com que inaugura no Nacional a temporada que ali vai realizar durante a ausencia da companhia titular deste teatro.

— Está já completo o programa dos proximos espectáculos do Sá da Bandeira, do Porto: no sábado de Aleluia, estreia da companhia de circo Mariano; no dia 18, temporada da Embaixada da Alegria e, a seguir, companhia do Apolo, com as revistas «Isas com elas», «Dança da luta» e «O João do Grão».

— Continua a trabalhar-se na reabertura do Maria Vitoria, em condições de actuação permanente, para o que, entre diversas entidades teatraes, se têm realizado varias conferencias nos ultimos dias.

— Num dos nossos teatros populares deve fazer brevemente a sua reaparição um actor da vinda guarda.

— No Rio de Janeiro actuarão esta época, subvencionadas pelo governo, as seguintes companhias: Jardel Jerolim, Renato Viana, Irmãos Celestinos, Jaime Costa, Luiz Iglezias, Delorges e da Casa dos Artistas.

— O actor Silvestre Alegria, que recebeu convite para ingressar na «tournée» Hortense Luz, realiza, no dia 22 do corrente, a sua festa artistica no Jardim-Cinema, com um programa de filmes e variedades por artistas de teatro.

— Nos jornais do Rio de Janeiro, foi publicada a noticia que a companhia de revistas do Coliseu, com a vedeta Vanice Meirelles e o actor Santos Carvalho (Ricardo), vai aquela cidade, em setembro, exhibir o seu repertorio, no Teatro João Caetano.

AVENIDA

TODAS AS NOITES: A's 9 1/2 H.

A peça sacra do grande espectáculo

Maria Madalena

Original de Maximo Portugal

DOMINGO: «MATINEE» E «SOITE»

TIVOLI

— TELEFONE 5 0595 —



Hoje não ha espectáculo

Amanhã, Sabado da Aleluia!

Um artista como Portugal nunca viu!

Hoje: ELE! Ha vinte anos: Ana Pawlowa e os bailados russos!

O genio da dança, do ritmo, do voo!

ALEXANDER SWAINE

O interprete sublime dos grandes problemas da alma humana!

Atenção! Swaine não é um artista de «music-hall». Não é um bailarino para preencher «fins-de-festa» em espectáculos de cinema.

Swaine é um genio raro que percorre o Mundo com o poder maravilhoso da sua arte, espalhando harmonia, e deixando, na memoria de quem o vê, a mais inesquecivel recordação de beleza alada e pura!

Interpretações de MOZART, BEETHOWEN, STRAVINSKY, DEBUSSY, DE FALLA, etc.

Domingo de Pascoa, de tarde e á noite: **Alexander SWAINE**

Segunda-feira: A obra-prima do ano! O primeiro filme a cores da Metro — **NAMORADOS**, com Jeanette Mac Donald e Nelson Eddy. — O filme que reata a tradição dos grandes e empolgantes espectáculos de cinema!

PROGRAMAS DE HOJE

São Luiz
Hoje — A's 21 e 30 Tel. 2117
Viver não custa
com Janet Gaynor, Douglas Fairbanks, Paulette Godard e Billie Burke
Imagens da guerra da Espanha

CENTRAL
TEL. 24361
Uma exhibição
BEN-HUR
Tel. 24361 — A's 21 e 30

ODEON REI DOS REIS
A's 21 e 15
Tel. 2 6283
de Cecil B. de Mille

PALACIO
A's 21 e 30
Tel. 4 7163
Um sonho côr de rosa
com Shirley Temple e Ch. Farrell

TERRASSE
Tel. 2 9017
Vida de Cristo
O sinal da Cruz

TIVOLI
Hoje, não ha espectáculo
Amanhã, estreia do grande bailarino de fama mundial
A's 21 e 30
TELEF. 5 0595
Alexander SWAINE

POLITEAMA
Hoje não ha espectáculo
Amanhã:
Uma noiva em férias
com Barbara Stanwick
Sombras de Nova York
com Louis Hayward
A's 21 e 30
Tel. 26305

REX
Tel. 2 9656
A's 21
Vida de Cristo
Joana d'Arc

LYS
Tel. 48560
A VIDA DE CRISTO
Miguel Strogoff

ROYAL
Tel. 45037
A's 21
A VIDA DE CRISTO
Regresso duma alma

EDEN
Hoje, não ha espectáculo
Amanhã, estreia do grande filme francês
A's 21 e 30
Tel. 2 0788
CIUME (gente nova)
com Janine Darcey e Louis Jouvet; e XII SALÃO AUTOMOVEL, PORTO

CONDES
As apparencias enganam
com Michele Morgan e Raimu
A Vida de Cristo
A's 21 e 30
Tel. 2 2523

CAPITOLIO
O P. INCIPI. e o P. B. E. SINFONIA INCOMPLETA
Amanhã: Baile até de madrugada.
Tel. 2 7493 A's 21

PARIS
A's 20 e 30
A VIDA DE CRISTO
TORTURA DUM PAI

Lêr nas paginas 22 e 23:

O nosso terceiro inquerito
A crise do teatro português está no proprio teatro

Teatro Nacional
Amanhã, ás 9 e 4... domingo, ás 4 horas da tarde e ás 21 e 45
3 — Unicas representações — 3 em récitas populares
NODDA NEGRA

VARIEDADES: Amanhã
A's 8 e 30 e 11 horas
EH! REAL!
Matinée e duas sessões

UM ERRO JUDICIÁRIO?

A Policia rehabilita

um individuo

condenado a pena maior

AVEIRO, 7.—(Pelo telefone).—Encontra-se nesta localidade o agente Custodio das Dôres, da P. I. C., de Lisboa, a proceder a investigações para a reabilitação dum rapaz condenado a pena maior e que parece estar inocente.

Em 16 de fevereiro ultimo foi julgado no tribunal desta comarca um rapaz de nome Albino Simões Neto, acusado de agressão seguida dum crime grave na pessoa de Rosa Lopes, de 13 anos, caso ocorrido nos pinhais da Gandia, entre o lugar do Eixo e a Granja da Oliveirinha. A pequena após o crime de que foi vítima queixou-se a um tio. Este encarregou das investigações um individuo de nome Diamantino Simões Jorge, pessoa entendida em assuntos policiaes, que começou por intimar varias pessoas a comparecerem em sua casa.

Albino Simões Neto não ligou importancia á intimação que recebeu. Foi o bastante para ser apontado ás autoridades como autor do crime, tanto mais que ele havia passado no local, momentos antes, de bicicleta, na companhia do irmão. O Albino negou a acusação que lhe era feita. O seu advogado, sr. dr. Alberto Couto, não se conformou com a sentença e requereu ao sr. ministro da Justiça novas investigações. Foi nomeado o agente Custodio das Dôres para proceder ás diligencias. Auxiliado pelo agente Martins, da policia de Aveiro, levou aquele as investigações a bom termo.

Na cadeia de Agueda encontra-se preso Amadeu Ferreira dos Santos, de S. João de Loure, condenado a 9 anos de prisão por crimes identicos. Este individuo, após um demorado interrogatorio, acabou por confessar ter sido o autor do crime de que foi vítima a pequena Rosa Lopes.

O agente investigador falou-lhe ao coração, dizendo-lhe que não era humano que estivesse a sofrer na cadeia um homem que estava inocente.

O criminoso, por fim, exclamou:

—Em face do que o sr. agente acaba de me dizer, não quero que outro pague por mim um crime que não cometeu. Fui eu, senhor agente, fui eu que pratiquei o crime na tarde de 7 de junho, do ano findo.

Após esta confissão, o agente Custodio das Dôres, acompanhado do juiz, do criminoso e da vítima, foi proceder á reconstituição do crime. O confesso criminoso descreveu como encontrou a rapariga a apascentar gado, onde escondeu a bicicleta que levava e o local onde praticou o crime. Finda a reconstituição foi ouvida a ofendida que, posta em presença de Albino Neto, mal olhou para ele, disse logo:

—Foi este!

Esta atitude da rapariga em apontar o Albino Neto, com tanta insistencia, depois de

(Ver continuação na 6.ª pagina)

NO MATADOURO DE LISBOA

A matança de hoje

foi uma das maiores

realizadas nos ultimos anos



O esquartejamento dum boi

Hoje foi o dia da chamada «matança grande» que este ano bem mereceu este nome, pois foi uma das maiores dos ultimos anos. E, além de ser grande, é, ao mesmo tempo, boa, pois o gado abatido é do melhor e está em boas condições de gordura.

Em virtude do elevado numero de reses a abater e de não haver tempo para proceder á matança total durante o dia de hoje, foi determinado, a exemplo do que já se fez no ano anterior, que a «matança grande» fosse feita em dois dias. Assim, os trabalhos começaram ontem no Matadouro Municipal ás 7 horas e terminaram ás 17 horas. Durante aquele espaço de tempo os magarefes mataram 78 bois, 96 vitelas, 1.027 carneiros e 50 porcos, respectivamente com os pesos de 22.279, 5.306, 9.535 e 5.431 quilos.

Hoje, ás 7 horas, recommearam os trabalhos, que se prolongarão pela tarde fora.

Ontem e hoje, dirigiram superiormente os trabalhos os srs. dres. Tiago

Ferreira, director dos Serviços de Abastecimento da Camara Municipal de Lisboa, e Brito Vasques, director do Matadouro Municipal, e assistiram os inspectores veterinarios srs. Oliveira Cunha, Cruz e Silva, Sousa Santos e Morgado Romeiras.

Pela primeira vez numa matança desta natureza, assistiram á classificação das reses e á sua distribuição pelos talhos da cidade representantes do Gremio Concelhio dos Comerciantes de Carnes de Lisboa, os srs. Antonio Joaquim Alves Martins e Francisco José Pinto.

Até ao findar da tarde de hoje foram abatidos 160 bois, 160 vitelas, 2.000 carneiros e 545 porcos.

A matança da Semana Santa é, de facto, a maior do ano, em bois e carneiros abatidos, e no respectivo peso; mas a do Natal é a maior do ano, no que se refere a porcos.

Ao todo, nos dois dias são abatidos 238 bois, 256 vitelas, 3.027 carneiros e 595 porcos.

Para os judeus foram abatidos dois bois e duas vitelas.

Lêr nas paginas 20 e 21:

A Europa regressa ao sistema

de alianças politicas e militares

— Da segurança colectiva

a Munich — A Inglaterra toma

o comando — A posição actual

do Reich.

Chá dançante no Aviz

O Chá de amanhã no Aviz Hotel será uma brilhante «reprise» dos effectuados sob a direcção de Armando da Camara Rodrigues. Espera-se retirar a tempo da Alandega as lindas «toilettes», a exhibir. Começa a inscrição (gratuita) do campeonato de Ping-Pong para a Taça Aviz. Vai ser, nesta tarde, organizado o campeonato de Bridge e Mah-Jong.

DOS NOSSOS ENVIADOS ESPECIAIS

A GUERRA

onde repousam os gra



O Escorial v

MADRID, 6.—(Via Radio Directa).—O Escorial, ninho de aguias agreste e selvatico, tem uma legenda: o nome de Mangada. Esta legenda persistiu mesmo quando o famoso guerrilheiro, triturado por uma manobra politica do Madrid vermelho, foi apeado de senhor da serra e da montanha. Durante muito tempo, o Escorial foi «la belle au bois dormant».

Sabia-se que estavam ali vermelhos, mas ignorava-se qual fosse a sua acção. Estrategicamente, talvez constituísse um bastão de Madrid—uma especie de praça forte a quarenta e cinco quilometros da cidade.

Franco nunca quis atacar o Escorial. Nem uma bomba de aviação, nem uma granada de artilharia ali caiu.

Os grandes reis de Espanha—um Carlos V, um Felipe II—dormiram durante a guerra, tranquilamente, o seu sono eterno. Nada ouviram. Algumas brigadas internacionais fizeram dali mosteiro, quartel de inverno, mas não se atreveram a profanar o glorioso panteão real da historia da Espanha.

Revimo-lo hoje, intacto, a-pesar-de despojado num maravilhoso contra-luz jacente sobre os contrafortes de Guadarrama, salpicados de neve.

Sair de Madrid, atravessando a Casa de Campo e depois meter pela estrada de Corunha, não é tão facil como pensá-lo. Percorre-se uma extensa zona abandonada de batalha. Aravaca e Rosales são testemunhos negros do que foi ali a guerra. Nada ficou! Os «pueblos» já não existem. A terra é um cemiterio de trincheiras, de covas abertas, onde os mortos apodrecem.

Já perto do Escorial, o terreno muda de fisionomia. Parece que ali não se passou nada. São montes negros e pedregosos como as paisagens que se vêem nos pesadelos de febre, numa descida ao Inferno! A estrada, tantas vezes cortada ou escancarada pelos reventamentos das granadas da artilharia, torna-se normal, o que nos permite acelerar o motor do automovel. Corra, há duvidas no trajecto, metemos no carro um soldado. Um miliciano fugido ou um nacionalista? Ignoramo-lo. Sabemos apenas que tom um singular desembaraço para sacar da pistola. Pouparamos algumas vidas, talvez inocentes, talvez suspeitas.

Enfim, surge-nos o Escorial, com a sua aldeiazinha de telhados vermelhos, á esquerda, numa restea tímida de sol. Está perfeita como o «grabado» que Pedro Vilafranca desenhou no seculo dezassete. Os requetés tomaram conta das tropas do coronel Galego, ultimo sucessor de Mangada. Franco, num gesto simbolico, entregou á guarda dos «Boinas rojas» o panteão realengo.

Um velho guarda, reumatico de alma triste e mortifica como luz bruxoleante duma candeia, acompanha-nos, lamenta-se. Levaram-lhe duzentos e cin-



A «puntilla»!

AIS

POUPOU ESCORIAL

ndes reis da Espanha



to de avião

quenta e um tapetes preciosos, feitos sobre cartões de Goya e Bayeu. De facto, a sala dos Embaixadores está nua, com os seus hispano-árabes, os seus cadeirais de seda branca, as suas arcarias de ferragem, os seus tectos apainelados de Felipe Lopez. Debruçamo-nos na mesma janela em que Felipe Segundo, no retrato de Pantoja, pávido, ascético, com a sua meia cara de «velludillo» negro, contemplava a enorme e pesada fabrica do seu convento tumular.

O claviculário fecha todas as portas atrás de si. Conduz-nos por onde levava os soldados vermelhos até ao «pu-dridero», soturna cripta de bronze e ouros, onde vinte e uma urnas guardam os restos doutras tantas testas coroadas. Mas ha cinco vazios. O ultimo pertence a Afonso XIII...

Ao lado, numa dependencia caiada de branco, como uma cela, está Maria Cristina «a enxugar os ossos»—na frase textual do claviculário—durante 10 anos, até ser mumia.

Tudo se encontra intacto, com a morte tragica figurada de expressões, simbolos e alegorias. Nas camaras dos tumulos por onde agora nos embrenhamos, com as suas estatuas jacentes, anjos de marmore que voam, santos guardando os Austrias e Bourbons—os que morreram—os que estão vivos, mas já numerados e etiquetados nesta genealogia dramática. Dom João de Austria dorme, com sua espada de ouro de Lepanto. Maria Teresa, irmã de Afonso XIII, está também ali, isolada numa cripta, com o seu manto de prégas de marmore, que nunca se mechem. Os tumulos pequenos de infantes são brancos como os caixões dos anjos. (O que faz ser de pedra, o que faz ser de pinho humilde, se a morte é igual?). Mas na sala capitular o nosso guia estremece, não escondendo uma lagrima, ao ver os grandes vazios das paredes. Não estão ali os três melhores gregos da colecção: «Sonho de D. João II», «São Francisco» e São Maurício. Faltam também Ribieras, Velasquez, Ticianos, Veroneses, Van der Weyden, e três Bosch. Diz-nos: «Genebra não é Espanha! Não-de voltar, não é verdade?».

ARTUR PORTELA e ROGERIO PEREZ

NOS ULTIMOS DIAS MORRERAM

vinte pessoas em desastres de aviação

SEVILHA, 7.—Os ultimos dias têm sido fatais para a Aviação espanhola que, além de Garcia Morato, perdeu mais vinte pessoas, entre pilotos, observadores e passageiros. Atribue-se isto ao nervosismo provocado pela victoria, à falta de cuidado que o fim da guerra originou, como era natural, e às más condições atmosfericas.—A. P. e R. P.

O «DIARIO DE LISBOA»

A imprensa da capital

e o nosso 18.º aniversário

«A Imprensa da capital referiu-se hoje em termos tão gentis ao nosso 18.º aniversário que não resistimos à tentação de reproduzir as suas palavras que do coração agradecemos, como uma consagração publica dos nossos processos de jornalismo e da lealdade e da camaradagem de que sempre temos dado provas:

De «O Seculo»:

Entra hoje no seu 19.º ano de existencia o nosso prezado colega «Diario de Lisboa», com quem mantemos, desde o inicio, a mais leal camaradagem, e que merece a nossa maior consideração pelo seu apurmo e desenvolvimento.

Ao sr. dr. Joaquim Manso, que tem posto, na direcção do «Diario de Lisboa», uma dignidade e uma elevação invulgaes; e ao sr. Pedro Bordallo Pinheiro, cujas qualidades dirigentes se afirmam na projecção da sua actividade magnifica, apresentamos, bem como a todos que trabalham naquele jornal, as nossas saudações.

Do «Diario de Noticias»:

Completa hoje dezoito anos de existencia o nosso muito prezado e brilhante camarada «Diario de Lisboa». Ao seu iustre director, sr. dr. Joaquim Manso, assim como a todo o corpo redactorial, apresentamos as mais efusivas saudações.

Do «Diario da Manhã»:

Completa hoje dezoito anos de publicação o «Diario de Lisboa». Longo periodo, afinal, que nos parece tão breve.

Estava-se a dois dias daquelle memoravel 9 de Abril em que os corpos dos soldados desconhecidos de Africa e da Flandres foram solenemente trasladados de S. Bento para a Batalha.

Anunciava-se, com a concessão de uma amnistia, logo deminuida, um periodo de trégua politica em Portugal. Mas eram bem fugazes as ilusões, naquele tempo! Poucos meses depois o «19 de Outubro» assinalava-se, na madrugada seguinte, como uma das mais trágicas e sangrentas revoltas demagógicas. Cinco anos ainda, ou pouco menos, viveu ou suportou o País as horas mais atrozes e perigosas—até que o «28 de Maio» tornou possível o admirável resurgimento nacional a que assistimos.

Assim, em duzia e meia de anos, tem o «Diario de Lisboa» acompanhado os periodos mais diversos da vida portuguesa.

Apreciadas e discutidas têm sido as suas atitudes, de que por vezes é legitimo discordar. Mas o que ninguém contesta é que, como jornal de informação, tem aquele nosso prezado colega realizado sempre, e cada vez mais, um esforço que deve considerar-se exemplar, como o publico reconhece.

Jornal em que se faz, com verdadeiro interesse, com paixão, bom jornalismo, é natural que sempre seja olhado com justa simpatia pela gente dos jornais.

Por isso, muito sinceramente enviamos as nossas saudações a Joaquim Manso, a Pedro Bordallo e a todos os seus dedicados e brilhantes colaboradores.

De «O Jornal do Comercio e das Colonias»:

No dia 7 de Abril de 1921 aparecia em Lisboa um jornal destinado ao exito mais retumbante do jornalismo português nos ultimos tempos: o «Diario de Lisboa». Dirigido pelo dr. Joaquim Manso, contava com uma redacção excelente; e isso lhe permitia renovar processos e impor orientações mais em harmonia com os interesses e exigencias do leitor do após Guerra.

A orientação dos primeiros anos mantem-se. E o «Diario de Lisboa» pode orgulhar-se de satisfazer uma grande parte do leitor português com as suas crónicas, vivas e cintilantes, com as suas reportagens, oportunas e bem redigidas, com a sua informação, variada e cheia de interesse.

Neste dia—data do seu 18.º aniversário—felicitamos sinceramente o sr. dr. Joaquim Manso, seu director, os srs. Pedro Bordallo Pinheiro e Alfredo Vieira Pinto, directores da Renascença Gráfica, proprietaria daquelle nosso prezado colega, e toda a Redacção.

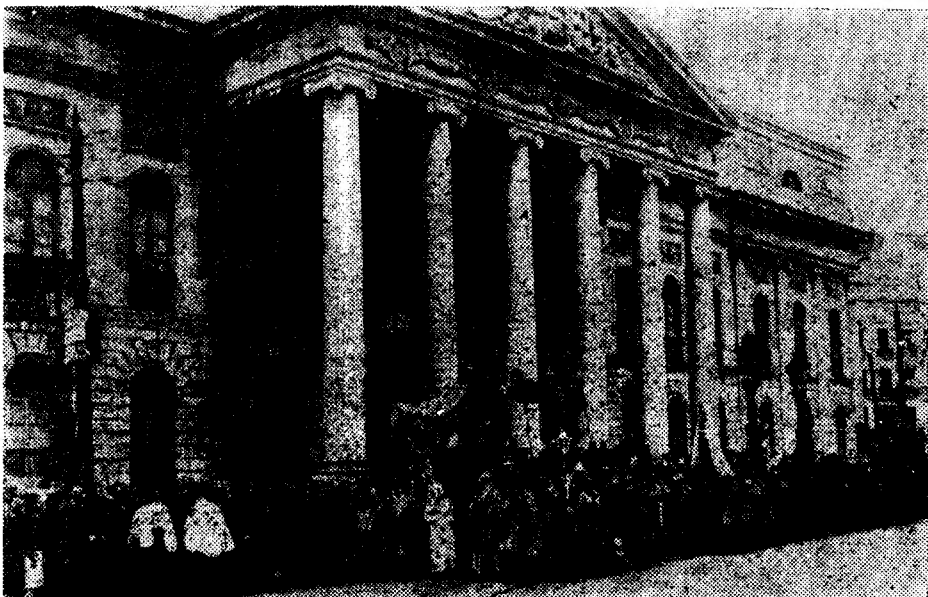
Da «Republica»:

O «Diario de Lisboa» entra hoje no 19.º ano da sua existencia. Está, pois, em festa aquele nosso prezado e brilhante colega—e a sua festa nos associamos com a maior simpatia, enviando ao nosso amigo e ilustre jornalista sr. dr. Joaquim Manso, a Pedro Bordallo, a Alfredo Vieira Pinto e a todo o corpo redactorial as nossas efusivas saudações com votos de constantes prosperidades.

SEXTA - FEIRA SANTA

Deu hoje a volta ao Rossio

A PROCISSÃO DO ENTERRO



A procissão passando em frente do Teatro Nacional

Um espectáculo de significado e expressão religiosa, que há algumas dezenas de anos se não via em Lisboa—realizou-se esta tarde, depois das 16 horas, com grande surpresa do publico desprevenido: a Procissão do Enterro, que saiu da Igreja de S. Domingos, atravessou o largo e o Rossio defronte do teatro Nacional, cortou a praça pelo lado Ocidental (lado dos cafés), passou defronte do Arco do Bandeira, tomou a parte oriental e entrou pela rua do Amparo para voltar á entrada do templo.

A procissão era precedida da cruz alçada, do guião e do pendão das irmandades; seguiam-se os tradicionais «anjinhos», os seminaristas dos Olivais em colegiada, membros das Irmandades parquiais, e logo o andor do Se-

nhor Morto, seguido do de Nossa Senhora das Dóres.

Acompanhava a procissão o prior de S. Domingos, Mgr. Manuel Vieira, com mais clero, seguindo-se colectividades religiosas e Filhas de Maria.

Esta procissão não se realizava mesmo nos tempos antigos. No largo de S. Domingos encontrava-se muito povo—fiéis que estavam prevenidos—e que respeitadamente se ajoelhavam.

No Rossio a procissão já passou um pouco despercebida, pela surpresa.

O serviço de ordem foi mantido pela policia do posto do teatro Nacional.

Nesta sexta-feira de Paixão de 1939 esta procissão constituiu uma evocação, ainda que palida, e sem tradições historicas, dos cortejos religiosos dos seculos passados.



Oferecido pela direcção do Hotel Internacional, da qual faz parte o sr. Eduardo Maria Rodrigues, membro da direcção da Albergaria de Lisboa, foi hoje servido, na ampla sala de jantar daquelle hotel, um almoço, a um grupo de internados naquelle estabelecimento de ensino do Estado, que se apresentaram irrepreensivelmente, com uniforme da «Mocidade Portuguesa». Tomaram também parte no almoço os srs. Augusto de Lacerda e Melo, Carlos João Madeira e Correia dos Santos, respectivamente presidente, secretario e tesoureiro da Albergaria de Lisboa.

BMW Um automovel economico de grande classe, que é uma revelação.

Peça uma demonstração a

J. J. Gonçalves, Suers.

90—R. RODRIGUES SAMPAIO—92

Todos os doces tradicionais da Pascoa na Suissa--Rossio, 96-98

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

PELA PASCOA

Adquira um lindo receptor

WELCO-RADIO

Receptores desde 300\$00 — Facilidades de pagamento

Casa do Radio — 113 R. S. Nicolau, 113-Tel. 2 1578

Um erro judiciário?

(Continuação da página anterior)

Amadeu Ferreira dos Santos ter declarado que era o criminoso intrigou os investigadores.

—Vê lá bem o que dizes, pequena... Olha que o Amadeu Ferreira indica o fato que tu vestias nesse dia, a cor das vacas e do carneiro que tu levavas e até diz que te perguntou se o pinhal era teu... E' verdade isto?

—E' sim, senhor

—Não te disse ele também que estavas multada e se não tinhas dinheiro para pagar a multa? E, em seguida, não te deu uma cacetada na cabeça com um pau que levava e, acto contínuo, não te rasgou a blusa?

—E' verdade...

—Então não compreendo porque acusas o Albino Neto...

A rapariga baixou a cabeça e não respondeu. —Ora dize lá: tu continuas a acusares o Albino porque ele foi condenado a dar-te 8.000\$00 de indemnização, não é verdade?

A rapariga voltou a não responder. Acareada com o presumido criminoso verificou-se que a ofendida tinha interesse em manter a acusação contra ele.

O chefe Vidal, que esta desempenhando as funções de comandante da P. I. C., e que presidiu a todas as investigações, falou ao coração da Rosa Lopes para que ela esclarecesse o caso com toda a verdade. E ela manteve-se na sua anterior afirmativa, a mesma que contribuiu para a condenação de Albino Neto.

O processo encontra-se em recurso no Tribunal da Relação de Coimbra. Só depois da resolução deste tribunal é que o processo contra o confesso criminoso segue os seus trâmites.

O comboio correio do Porto

sofreu um atraso de 2 horas e 23 m.

O comboio correio n.º 8—que costuma chegar ao Rossio, vindo do Porto, às 7 e 50—só pelas 10 e 13 deu entrada naquela «gare», devido a dois desastres que sofreu e que lhe provocaram o atraso de duas horas e vinte e três minutos: o primeiro foi na Granja, onde o vagão J. 246 teve uma avaria; e o segundo foi na estação de Taveiro, onde, no momento em que parava por um golpe de freios, se avariaram os vagões J. 8 e J. 140.

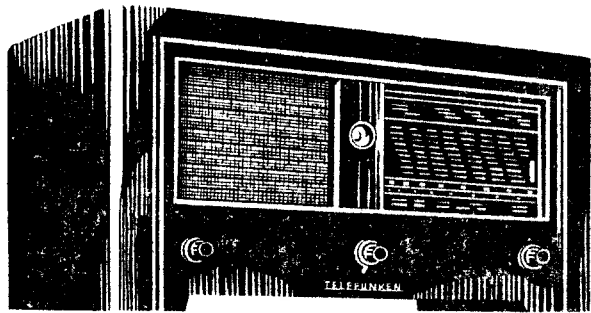
Não houve desastres pessoais.

O vagão J. 140 teve de passar para a cauda do comboio, por trazer malas do correio.

O «GOLFINHO» CHEGA AMANHÃ

De regresso do seu cruzeiro africano á Madeira, Cabo Verde e Guiné, chega amanhã, pelas 10 horas, á base de Belem, o submarino «Golfinho».

O melhor brinde
para a Pascoa
um
TELEFUNKEN 39



TELEFUNKEN
A MARCA MUNDIAL

Querendo trocar o seu velho receptor por um moderno aparelho consulte os revendedores autorizados da TELEFUNKEN que avaliará ao máximo o seu receptor

Não toque, não compe sem consultar os nossos revendedores

AEG LUSITANA DE ELECTRICIDADE

LISBOA R. DOS FANQUEIROS, 12 PORTO R. SÁ DA BANDEIRA, 209

TEATROS E CINEMAS

«Sombras de Nova York» e «Uma noiva em férias», no Politeama

Espirituosa e encantadora comédia é «Uma noiva em férias». Mostra-nos, em finos traços, a historia dum exaltado que resolve casar com uma rapariga do mesmo genero e feitio. O que acontece é cheio de espirito. Os noivos são pobres, mas o rapaz, apesar de ganhar pouco, não quer que a rapariga trabalhe.

Nos primeiros papeis vêem-se Barbara Stanwick, Gene e Robert Young, que faz de milionário apaixonado. Deve destacar-se neste filme a acção dum comico que nos recorda o pato Donald com as suas felicissimas intervenções. «Sombras de Nova York» é um curioso filme policial cuja acção decorre em Nova York.

«O santo», Louis Hayward, um amador de peixes, resolve, a pedido da propria policia, exterminar uma numerosa quadrilha de «grangers» que aterroriza a cidade. Um a um, os criminosos vão caindo ou desaparecendo.

Os dois filmes de que falamos, um, leve, gracioso, despreocupado, outro, emocionante, rápido, com cenas de movimento, completam-se, dando-nos um espectáculo agradável, que se vê com muito agrado. — *Visor 40.*

CAVATTE

TEATROS

AVENIDA — As 21 e 30 — Maria Madalena

CINEMAS

S. LUIS — As 21 e 30

CAPITOLIO — As 21

GENERAL — As 21 e 30

COLISEU — As 21 e 30

CHADO FERRASSE — As 21 e 30

CONDES — As 21 e 30

ODEON — As 21 e 30

OLIMPIA — Das 14 e 30 ás 6 horas

PALACIO — As 21 e 30

REF — As 21

ROYAL — As 21

SAO DEAL — Rua do Loreto

ENGENHEIRO LAMEIRA BUERI

O engenheiro agrônomo sr. Julio Lameira Bueri, que ontem ficou ferido num choque de veículos, foi hoje transferido da sala de observações do hospital de S. José, para os quartos particulares do referido hospital.

Atropelado por uma camioneta

Foi atropelado por uma camioneta, no largo das Fontecas, Alvaro Alves da Cruz, de 11 anos, residente no Bairro da Belgica, letras A. S., que recolheu ao hospital de S. José, onde ficou internado.

SE duvidam, ainda, do alto valor artístico e humano do filme CIUME—GENTE NOVA—(Entrée des Artistes), a estreiar no Eden, amanhã sabado de Aleluia, leiam mais:

«O filme merece ser visto, porque nele encontramos, a todo o momento, passagens deliciosas e o diálogo é soberbo...»

Gilbert Bernard «Le Matin»

«Ciume (Gente Nova) é um filme que não causará nenhuma decepção a quem o vir».

Jean Nery «La Giffre»

«O cinema francês acaba de se enriquecer com uma produção de valor... E' um filme como se vêem poucos, mesmo muito poucos».

Marcel Lapierre «Le Peuple»

UM EXCLUSIVO D. I. F.

Estreia-se amanhã, em «matinée» e à noite, no Coliseu, o colossal filme de aventuras, em 24 partes: «O Rei dos Gorilas»

Realiza-se amanhã, no Coliseu, a estreia, tão aguardada e pensada, do gigantesco filme de aventuras, em 24 partes, «O Rei dos Gorilas». É a mais empolgante história de amor de heróis e temeridade em o cinema tem conhecido e cuja acção decorre em plena selva africana, com desenhos acrobáticos, ritmos de selvagens e animais feroces. E, finalmente, o filme que vai impressionar Lisboa inteira.

Última exibição de «A Vida de Cristo», hoje, no Coliseu

O programa duplo que se exhibe, esta noite apenas, no Coliseu, compõe-se do filme religioso, colorido, «A Vida de Cristo», na sua mais perfeita e completa versão, e do filme «Luz de Consciência». Os preços são populeíssimos.

NOVE DE ABRIL

A convite da Liga dos Combatentes da Grande Guerra a direcção da «Union des Anciens Combattants Français résident au Portugal» pede aos combatentes franceses residentes ou de passagem em Lisboa que se reúnam no largo fronteiro ao cemiterio do Alto de S. João, no dia 9 de abril, pelas 10 e 45. Depois irão depor flores no Monumento aos Mortos, na avenida da Liberdade.

JUNTA DA FREGUESIA DE CAMÕES

A Junta de Freguesia de Camões distribui amanhã, pelas 16 horas, a 400 pobres, seus protegidos, um bôdo.

TAUROMAQUIA

No domingo de Pascoa realiza-se no Campo Pequeno, uma grande corrida de touros

A corrida de depois de amanhã, a primeira da época, é aguardada com grande interesse não só pelos elementos que nela tomam parte como ainda pelos preços das entradas que estão ao alcance de todas as bolsas.

Serão lidados oito touros de grande corpulencia e de casta espanhola. Na lide a espanhola alternará com Lopez Lago o valente e discutido novilheiro Martin Bilbao.

Fernando Salgueiro e D. Vasco Jardim, os noveis cavaleiros que tão grande interesse estão despertando entre a nossa «afición», apresentarão na corrida inaugural da temporada os seus novos cavalos de combate, e um grupo dos nossos melhores bandarilheiros e espanhóis completará este excelente «cartel».

A bilheteira abriu ontem e pela enorme afluencia de publico, confirmamos o que atrás dizemos — a corrida de depois de amanhã, que começará às 16 horas, despertou interesse e por esse facto vai registar uma grande afluencia.

Vai para a Boa Hora

o autor do atentado contra o professor Egas Moniz

O engenheiro Oliveira Santos, que ha dias ajeitou a tiros o professor dr. Egas Moniz, esteve hoje no Manicomio Miguel Bombarda, acompanhado do agente Mira Leal, para conclusão do exame a que está sendo sujeito. Por hoje ser feriado, ficou transferido o exame para amanhã.

O sr. dr. Rodolfo Lavrador, director-adjunto da P. I. C., determinou que o preso, depois de terminado este exame, seja remetido ao Tribunal da Boa Hora, até á conclusão do relatório dos peritos, unico elemento que falta para completar o processo.

3 pescadores portugueses

Salvaram um espanhol, num naufragio

SEIXAS, 7.—No naufragio da barca de carga espanhola morreu afogado o tripulante Manolo Esteves, casado, que deixa cinco filhos, e foi salvo Eduardo Salgueiros, da vila fronteiriça de Goian pelos pescadores portugueses Cerveira, Joaquim e José Virgílio Santos, que arriscaram a vida, pois o temporal era grande.

O corpo de Manolo Esteves, as redes e o barco ainda não apareceram.

BRINDES os mais baratos os mais valiosos para a PÁSCOA são os que se comp.
Ourivesaria do **BARATEIRO PINE TA**, Rua da Palma, 2

SIERA Radio



O receptor que reúne todos os aperfeiçoamentos de técnica radiofonica.

Elegancia e distincção de linhas.—O mais perfeito acabamento técnico—consumo mínimo de corrente.

AGENTES AUTORIZADOS EM TODO O PAIS
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

PRIMAX, L.^{DA}

Tell. 22772 — R. dos Sapateiros, 15, 1.º — LISBOA

BRANDY ★★★★★
CONSTANTINO
AGUARDENTE VELHA
DO DOURO

ESTRANGEIRO

Um calice de
Brandy Borges
e uma chávena de bom
café. SÃO O COMPLEMENTO
INDISPENSÁVEL DE UMA
BOA REFEIÇÃO

Opiniões da Imprensa

Sobre a situação internacional

O «Jour-Echo de Paris» diz:

«Os resultados das negociações de Londres causaram em Berlim grande decepção e irritação que não procuram dissimular. Na capital do Reich pensa-se que a tregua pascal poderá ser de curta duração e que a resposta alemã não se fará esperar. Trata-se primeiro de uma resposta diplomática e em primeiro lugar da denuncia do acordo naval anglo-alemão de 1935».

O «Figaro» escreve:

«Para salvar alguma coisa do equilíbrio europeu, a Inglaterra procura refazer a leste uma cadeia composta pela Polónia, Romenia, Hungria, Yugo-Eslavia e Italia. Presentemente a diplomacia não é solidária senão nos ajustamentos militares e economicos muito precisos e em informações muito exactas. Tal é o pensamento dos estados orientais convidados a constituir essa cadeia».

PROTECÇÃO A' INFANCIA

Realiza-se amanhã, pelas 17 horas, nas salas da Sociedade Propaganda de Portugal, um bode oferecido pelo Grupo Infantil «Defensor dos Animais e de assistência á infancia necessitada», a cinquenta crianças que do antigo bairro das Minhocas transitaram para o bairro da quinta da Calçada, celebrando a festa da Páscoa, conforme tem feito nos anos anteriores

Calendários

Da firma Augusto Marques, Lda, da rua dos Caldeiros, 143, no Porto (artigos graficos e papeis), recebemos dois belos e artisticos calendários.

Pensão Belga

R. Actor Tasso, 11 (Rotunda) Telf 40529
Instalada em paicete proprio, oferece o melhor conforto por preços acessiveis

GARAN
TIA!
SEM LIMITE!

O que significa a garantia de um, dois ou três anos para uma máquina de costura? Nada!

O Serviço Singer é a garantia efectiva prestada no domicilio

SINGER SEWING MACHINE COMPANY

Sucursais e agentes em todas as localidades do mundo

DEPOSITO GERAL
AVENIDA 21 DE JULHO, 42
LISBOA

MALINHAS PARA SENHORA

Modelos de grande novidade são apresentados pela CASA DAS MALAS ao mesmo tempo que em Paris. Os preços são o segredo de uma casa que ha mais de meio seculo vem servindo uma clientela exigente.

180, Rua do Ouro, 182
10, Rua da Prata, 114

Restaurante Portugal

Ribeiro & Catita, Lda
Rua do Carmo, 101-1.^o
(Junto do Rossio)

Esmerado Serviço-Cozinha á Portuguesa

Telefone 2 9501

LISBOA



A rainha Geraldina, da Albânia

A Albânia era um Estado independente, da península dos Balcãs situado sobre o Adriático, tendo uma superfície de 30 mil quilómetros quadrados e uma população aproximada de um milhão de habitantes.

País essencialmente montanhoso e agrícola a sua posição marítima privilegiada tornava-o, desde ha muito, objecto de rivalidades e cobiças que se traduziam nas conferencias internacionais e nas trocas de documentos diplomaticos entre as chancelarias.

O litoral, profundamente recortado, apresenta dois portos de apreciavel importancia: Durazzo e Valona.

Além destes centros de população, na região costeira, Tirana e Scutari concentram, quasi toda a actividade comercial da terra albanesa.

Sujeita durante muito tempo á dominação turca, a Albânia continuou sempre a ressentir-se desse periodo prolongado da sua historia.

As guerras balcanicas, que precederam de perto a grande conflagração mundial foram para os albaneses o pretexto que aguardavam, ha muito, para reconquistar a independencia.

Nas negociações que consagraram o desmembramento do imperio turco, a Albânia foi constituida em principado autonomo cuja integridade as grandes potencias começaram a vigiar cuidadosamente.

A Grande Guerra veio pôr novamente em causa a independencia albanesa. Durante os contactos diplomaticos que precederam a entrada da Italia em guerra foi muitas vezes questão da Albânia e do seu futuro.

Terminadas as hostilidades, a Conferencia da paz ocupou-se da Albânia. O problema do Adriático e das compensações a dar á Italia, por um lado, á Yugo-Eslavia por outro, preocupavam os negociadores. A situação de Fiume, de Trieste e da Dalmácia e a constituição do reino dos servios, croatas e eslovenos estavam no primeiro plano das questões a liquidar.

A Italia, desiludida, abandonou a Conferencia e preparou, com a aventura de D'Annunzio, o primeiro acto do fascismo. A Yugo-Eslavia viu satisfazer as suas mais ardentes aspirações e passou a constituir o mais solido aliado da França na península balcanica.

A Albânia passou a ser uma republica independente e mais tarde um reino.

A influencia italiana tornou-se decisiva com o advento do fascismo e a rivalidade italo-yugo-eslava.

A politica interna albanesa foi agitada por uma serie de revoltas, as principais ocorridas em 1935 e 1937, e a sua politica externa, conduzida na orbita do eixo Roma-Berlim, passou a ser fundamentalmente re-

A QUESTAO ALBANESA

A acção da Italia

visa a neutralizar

a Grecia e a Yugo-Eslavia

guiada pelo tratado com a Italia, tornou definitivo quando da ultima visita a Tirana do ministro dos estrangeiros conde Ciano.

O significado dos acontecimentos

Cosendo de uma independencia relativa, a Albânia passou a ser, de novo, motivo de preocupações gerais quando a luta entre as grandes potencias se intensificou ultimamente.

A paz aparente estabelecida entre italianos e yugo-eslavos, em seguida ao assassinio do rei Alexandre, em Marselha, não podia desfigurar as realidades geograficas e historicas. A Italia, afastada da zona danubiana pela marcha do germanismo, não podia abandonar a sua preponderancia no Adriático, base da sua posição no Mediterraneo. Depois da queda do gabinete italo-piloto de Stoyadinovich, os yugo-eslavos reconheceram, perante o perigo exterior, a necessidade de refazerem, em bases novas, a unidade nacional.

O chefe croata Matchek e os delegados do governo servio chegaram rapidamente a acordo.

A Yugo-Eslavia, pressentida, mostrou o seu desejo de colaborar no esforço diplomatico empreendido em Londres. Era decerto, um dos países que Chamberlain se recusou a indicar quando lhe foram pedidas, na Camara dos Comuns, precisões sobre as negociações em curso.

A resposta dos estados totalitarios á iniciativa britanica foi rapida.

No plano diplomatico a sua acção impediu a assinatura do acordo anglo-polaco; no plano militar as conferencias de Innsbruck entre os chefes dos estados maiores italiano e alemão prepararam o primeiro golpe tendente a paralisar qualquer tentativa de cerco. Esse primeiro golpe foi desferido na Albânia.

O eixo Roma-Berlim responde ás divagações das potencias occidentais (ha semanas que a diplomacia franco-britanica prepara uma declaração conjunta das nações dispostas a travar a offensiva germanica) com uma serie de iniciativas fulminantes.

A Imprensa do Reich dirige um ultimo apelo á Polónia que está produzindo os seus efeitos, porquanto Beck sai de Londres sem trazer no bolso o tratado que ingleses e polacos firmemente desejavam; as tropas italianas desembarcam na costa albanesa, paralisando a Yugo-Eslavia e ameaçando directamente a Grecia.

Em Berlim e em Roma encara-se a partilha do antigo reino da Servia. Não se trata de um projecto impreciso e vago, Belgado depende economicamente do Reich e está á mercê da esquadra italiana poderosa e bem apetrechada. O gabinete yugo-eslavo reuniu-se para decidir.

Quanto á posição das grandes potencias não é possivel ter duvidas, pelo menos quanto ás suas intenções immediatas.

O Primeiro ministro britanico declarou ontem que a Grã-Bretanha não tem interesses a defender na Albânia. Este país interessa-lhe apenas como factor da paz mundial. A Agencia Stefani, indo ao encontro destas afirmações, annunciou já que é tambem para servir a causa da paz e defender os interesses italianos ameaçados que as tropas fascistas realizaram hoje o seu desembarque.

As nações do leste e do sudeste europeu e da península balcanica aguardavam de Londres a palavra de ordem que devia conciliar os seus interesses e conjugar os seus esforços na iminencia de um perigo comum. Sabem agora qual o caminho que mais lhes convem seguir.

No Extremo Oriente

A ocupação das ilhas Spratly

TOQUIO, 7.—O informador do ministerio dos Estrangeiros, interrogado acerca do protesto francez relativo ás ilhas Spratly entregue ontem pelo embaixador da França, declarou que o protesto deve ser, naturalmente, rejeitado. Recusou-se a revelar o conteúdo da nota francesa e limitou-se a acrescentar: «O Japão não pode admitir o recurso á arbitragem».—(Havas).

A 11 milhas de Cantão

XUN-KING, 7.—As tropas chinesas continuam a sua offensiva e encontram-se já a 11 milhas de Cantão.—(Havas).

O nazismo na America do Sul

BUENOS AIRES, 7.—O juiz federal deu ordem telegrafica a todas as autoridades do país, incluindo da Patagonia, para procederem a buscas em todas as organizações nazis.—(H.).

AERONAUTICA

O desastre de ontem

CHERBURGO, 7.—O hidro-avião de ligação que ontem de tarde caiu ao largo de Grandville e procurado por hidro-aviões francezes e ingleses foi encontrado durante a noite por um torpedeiro da base de Cherburgo. A tripulação do hidro-avião, que nada sofreu, foi recolhida pelo torpedeiro, que rebocou o hidro-avião para lugar seguro.—(Havas).

Morto por um auto-carro

Na Estrada de Benfica, foi atropelado, por um autocarro, José Marcelino Costa, de 12 anos, empregado no commercio e residente na rua de S. Domingos de Benfica, 1, loja. Chegou ao hospital de S. José já morto, pelo que foi removido para a Morgue.

Uma organização modelar

A Thomson General Electric representa, indiscutivelmente, as mais importantes organizações de aparelhagem electrica que existem no mundo.

Seja qual for o produto, quer se trate dum simples comutador, quer se trate dum motor gigantesco com milhares de cavalos, a Thomson General Electric está sempre habilitada a fornecer-lo, e ele será sempre a ultima palavra da perfeição. Os imensos laboratorios e fabricas das companhias suas associadas, são dirigidos por engenheiros de fama mundial, que são sempre os primeiros a apresentar os maiores e mais importantes inventos electricos (Cooledge-Kellogg-Muir-Steinmetz-Edison). Os radios receptores R. C. A. são um exemplo frizante desta superioridade tecnica.

Vendidos pela Thomson General Electric que tem uma alta reputação de qualidade a manter, eles são, sob qualquer aspecto por que se encarem, os melhores e mais perfectos que existem no mundo.

3.000 MILHAS

Já verificou que o Oleo Penn-Rad e o oleo com maior indice de viscosidade? Que é o oleo que mais economia traz apesar de ser um oleo de luxo? Use-o e verá como aumenta a compressão do motor e diminui o consumo da gasolina. Representante em Lisboa: A LUBRIFICADO, RA, Lda, Rua da Gloria, 21, 2.^o Telefone 28513. Agentes no Porto: Altamiro & Filhos, Rua das Flores, 101. Em Estarreja: Antonio Souto.

BRINDES DA PASCOA

Os mais bonitos e os mais baratos são as

Porcelanas da Vista Alegre

Visitem o depósito da Fábrica, no Largo do Chiado, n.º 18.

Leia o

fixe

OLIVEIRA & SANTOS, Lda

Compram e vendem AUTOMOVEIS de todas as marcas
Adianta-se Dinheiro nas transacções

Escola de condutores de automoveis

Rua Luz Soriano, 15-17 — Telef. 2 3743 — LISBOA

GUERRA NO ADRIATICO!

As forças albanesas resistem aos italianos que se apoderaram de quatro importantes cidades

(Continuação da 1.ª pagina)

italianas partiram de Brindisi e Bari com destino à Albania. A mesma hora partiu a primeira esquadra naval, que esta madrugada cruzava ao longo do litoral albanês de Santi Quaranta a S. João de Medua. A esquadra aérea foi mobilizada. — (Havas).

As intenções da Itália

ROMA, 7.—O «Piccolo» publica um comentário significativo a respeito das intenções italianas quanto à Albania. «Faz-se muito na Albania—escreve—mas ainda falta muito que fazer. A agricultura e o comércio esperam um desenvolvimento mais vasto. Com o auxílio da Itália fascista e com o seu impulso, a Albania converter-se-á num país próspero e aberto à civilização confiada e tranqüila». — (Havas).

Mal estar em Roma

ROMA, 7.—A notícia da partida de tropas e da esquadra italiana para a Albania produziu grande impressão na opinião pública romana, embora não tivesse causado nenhuma surpresa. Com efeito, nos últimos dias corria o boato dum próximo desembarque de tropas italianas nas costas albanesas. Este boato espalhado em todos os meios e todas as camadas da população provocou um sentimento de mal estar inegável.

Nas ruas arrancam-se, literalmente, as edições dos jornais que publicam o comunicado da agência Stefani sobre a acção em curso no Adriático. As folhas fascistas anunciam em grandes títulos que a intervenção italiana foi determinada pelas ameaçadoras demonstrações de bandos armados. — (Havas).

No campo diplomático

A reacção britânica

LONDRES, 7.—A reacção britânica da opinião sobre os acontecimentos da Albania dependerá, em grande parte, do carácter violento ou não que tenha a ocupação desse país. Alguns aventam a possibilidade do Parlamento ser imediatamente convocado, se os acontecimentos tomarem feição sangrenta. — (Havas).

Chamberlain e Halifax são informados dos acontecimentos

LONDRES, 7.—«A declaração grave e mesmo sensacional do primeiro ministro, ontem, nos Comuns, a respeito das medidas italianas quanto à Albania—escreve o redactor diplomatico da «Press Association»—indicava que o governo inglês tinha perfeita consciência da situação, mas a rapidez com que a situação evoluiu e com que a Itália vibrou o seu golpe não pode deixar de ter efeito grave na situação europeia, no seu conjunto. Lord Halifax, que se conservou em Londres, durante as festas da Páscoa, foi informado, assim que chegaram as notícias oficiais a Londres. Ao mesmo tempo, o primeiro ministro—que se encontra no condado de Aberdeen, em contacto permanente com White Hall—era ele também informado, por telefone, dos acontecimentos. No principio da semana, quando se tornou evidente que se agravava a tensão entre a Itália e a Albania, fez-se uma declaração nos círculos oficiais de Londres que certas esferas interpretaram como aviso à Itália. A Yugo-Eslavia tem certos interesses no norte da Albania mas parece muito duvidoso que esteja disposta a defendê-los. Uma coisa parece certa—conclui o redactor diplomatico—Se V. Ex.ª não deseja engordar deve substituir o pão (pelo menos nos pequenos almoços) por

TIRANA, 7.—O gabinete de Imprensa do governo albanês comunica que até às 10 e 30 ainda nenhum soldado italiano conseguira desembarcar na Albania. As tropas albanesas—diz o comunicado—resistem furiosamente. — (Havas).

As forças expedicionárias italianas utilizam cerca de 190 navios

BELGRADO, 7.—A radio albanesa difundiu a seguinte notícia: «Esta manhã, cerca das 4 e 30, cerca de 190 navios italianos apareceram ao largo de diferentes portos albaneses: 75 navios em Santi; 40, em Valona; 38, em Durazzo; 28, em S. João de Medua e uns 10, em Bistipals. O porto de Durazzo foi bombardeado por 4 vezes. S. João de Medua está completamente destruída. Os italianos tentaram por três vezes desembarcar em Durazzo, mas foram repellidos. Os italianos também foram repellidos em S. João de Medua. Avaliam-se em 100.000 homens as forças expedicionárias italianas». — (Havas).

A ocupação de quatro cidades

ROMA, 7.—A agência Stefani comunica que os italianos ocuparam completamente Durazzo, Valona, S. João de Medua e Santi Quaranta. — (Havas).

A caminho dum entendimento?

LONDRES, 7.—De Tirana dizem á Reuter: De origem bem informada, sabe-se que o governo italiano teria aceiteado a contra-proposta albanesa. Uma delegação de autoridades albanesas teria partido para Durazzo, a fim de tomar as disposições necessárias para a cessação das hostilidades. A delegação albanesa é dirigida por Gera, ministro da Economia Nacional, e compreende o tenente-coronel Samikoka, do exercito albanês, acompanhado pelo adido militar italiano, coronel Gabrielli. — (Havas).

co da «Press Association» — é que a agressão italiana terá por resultado novo agravamento das relações entre Roma e a Inglaterra. — (Havas).

Conferencias em Londres

LONDRES, 7.—O ministro da Albania em Londres esteve esta manhã no «Foreign Office».

O embaixador de França esteve também no «Foreign Office», onde conferenciou longamente com sir Alexander Cadogan, segundo se supõe, sobre os acontecimentos albaneses e suas consequências. — (Havas).

Diligencia inglesa em Roma

ROMA, 7.—Lord Perth procurou esta manhã Ciano para lhe pedir explicações a respeito da acção da Itália na Albania.

Segundo o comunicado oficial, Ciano «deu ao embaixador explicações e garantias oportunas». — (H.).

A posição da Yugo-Eslavia

Foi solicitado o apoio do governo yugo-eslavo?

BELGRADO, 7.—Correm aqui boatos contraditórios, a propósito dos acontecimentos na Albania. Segundo uns, a Itália pediu à Yugo-Eslavia apoio para a sua acção contra a Albania, oferecendo, em troca, à Yugo-Eslavia, Scutari. Segundo outros, o governo albanês enviou um apelo de auxílio à Yugo-Eslavia. — (Havas).

As providencias da Yugo-Eslavia

BELGRADO, 7.—O governo de Belgrado indicará esta tarde as providencias que entende tomar para salvaguardar os seus interesses no Adriático. — (Havas).

Garantias da Itália

BELGRADO, 7. (Dum enviado especial da Havas):—O governo italiano deu a garantia à Yugo-Eslavia de que terá em conta os seus interesses no Adriático, segundo os compromissos

de março de 1937, firmados entre os dois países, mas entende-se aqui que os acontecimentos ultrapassam esses compromissos. Julga-se, todavia, que as relações entre o rei Zogu e o governo italiano ainda se não romperam, definitivamente. Os governos de Roma e Belgrado mantêm contacto permanente.

A expectativa da Yugo-Eslavia

BELGRADO, 7.—Ao contrario do que se esperava, depois do governo se ter reunido, na casa do príncipe regente, não foi publicado qualquer comunicado. A attitude da Yugo-Eslavia é de expectativa. — (Havas).

Diversas notícias

A rainha Geraldina fugiu para a Grecia?

ATENAS, 7.—Os acontecimentos da Albania são seguidos aqui com grande atenção, mas também com serenidade e sangue frio. Segundo boatos não confirmados, a rainha Geraldina teria deixado Tirana em direcção à Grecia. — (Havas).

O texto do manifesto italiano dirigido ao povo albanês

ROMA, 7.—A «Stefani» publica a seguinte informação: «Aviões italianos das esquadras «A» lançaram sobre o territorio albanês, antes do desembarque das tropas, centenas de milhares de manifestos, dizendo: «Albaneses! As tropas italianas que desembarcam no vosso territorio são tropas dum povo que é vosso amigo há séculos e que vós-lo provou. Não ofereceis a menor resistencia, que seria dominada. Não deis ouvidos aos homens do governo que vos empobrecem. As tropas de sua Majestade o rei e imperador da Itália vêm e ficarão durante o tempo necessario para assegurar a ordem, a justiça e a paz». — (Havas).

Amanhã: Sábado Aleluia

GRANDE NOITE DE FESTA

Hoje encontra-se encerrado, atendendo á solenidade do dia.

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

Grande actividade da diplomacia europeia

EM FRANÇA

PARIS, 7.—Daladier conferenciou com Bonnet e recebeu Patonotro, ministro da Economia.

—Bonnet, por sua vez, recebeu Suritz, embaixador da U. R. S. S.; Davaz, embaixador da Turquia e Bullit, embaixador dos Estados Unidos.

—BIARRITZ, 7.—O marechal Pétain, embaixador da França, acedeu ao convite que lhe foi feito de, em 13 do corrente, vir a Biarritz assistir á inauguração do monumento á rainha Victoria. O marechal virá de S. Sebastian, onde reside, acompanhado por varios colaboradores.

NA ALEMANHA

MUNICH, 7.—O chanceler Hitler chegou a esta cidade a fim de passar as férias pascaes em Berchtesgaden.

—BERLIM, 7.—Gafenco, ministro dos Estrangeiros da Romenia, visitará Berlim, em primeiro lugar, durante a viagem que conta fazer ao estrangeiro em 13 do corrente. Deve chegar a Berlim em 18 e demorar-se na capital alemã dois dias.

NA ITÁLIA

ROMA, 7.—O general Pariani regressou esta manhã de Innsbruck.

Logo que chegou, Pariani dirigiu-se ao Palacio de Veneza, onde conferenciou com o Duce, para lhe dar conta das conversações que teve com o general alemão von Keitel.

—SAO REMO, 7.—Às 8 horas Goering, acompanhado por sua esposa e pela comitiva, partiram, em comboio especial, para Florença. Depois duma paragem de duas horas nesta cidade, Goering continuará a viagem para Reggio di Calabria, onde é esperado por um navio de guerra alemão que o conduzirá a Trípoli.

Antes de deixar São Remo, Goering recebeu o príncipe de Hesse, que era portador de uma mensagem confidencial do Fuehrer.

EM INGLATERRA

LONDRES, 7.—Beck deixou esta cidade às 14 horas, pela estação de Victoria.

Antes de partir, Beck, falou com o embaixador de França, Corbin, e recebeu o ministro da Romenia, Tilca, chegado ontem de Bucareste. A conversa de Beck com Tilea, teve particular importância.

—Os embaixadores da Polonia e o Encarregado de Negocios italiano estiveram esta manhã no «Foreign Office». Lord Halifax está desde manhã no ministério. Estiveram ali também os ministros da Romenia e da Albania.

Chamada de reservistas em Itália

ROMA, 7.—O ministro da Guerra italiano decidiu chamar durante o ano corrente e por um periodo de instrução de 30 dias, certas categorias de oficiais de reserva, de infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia. — (Havas).

Uma caixa de «pôrto» é,
incontestavelmente, um
Bom Presente de Páscoa.



Weetabix
(Trigo esmagado e tostado)
Pacote de 12 fatias, 9\$50

A' venda nas boas mercearias, leitarias e pastelarias

IMPERIUM SALAO CHA
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105-T.2527

MAXIM'S



Damascos — Veludos,
— Tapeçarias — Estampas etc.

Lopos dos Santos, L.ª

Rua Augusta, n.ºs 82 e 84

Telef. 2 3637

GARAGE TIVOLI

R. Rodrigues Sampaio, A. S. — LISBOA

(Esquina da R. Barata Salgueiro)



O hidro-avião «Yankee Clipper», que esteve recentemente em Lisboa.

A utilidade dos pilotos civis

O apetrechamento aeronautico como arma de guerra e o desenvolvimento da aviação comercial que no caso de conflito poderá prestar excelentes serviços é a preocupação dominante, em todo o mundo.

O nosso país não é indiferente ao problema, um dos mais importantes no momento actual. Estão a organizar-se as bases da nossa aeronautica, de onde sairá sem duvida uma aviação de acordo com as nossas necessidades e responsabilidades, como terceira potencia colonial. Porém, deviamos pensar em resolver, com urgencia, alguns pormenores dessa organização.

A Imprensa portuguesa tem acompanhado de perto o assunto, dedicando-lhe carinho especial, consciente da missão que lhe compete.

A tarefa, porém, não tem sido facil. Dificuldades incompreensíveis, surgem sempre, ao procurarem-se elementos que possam servir para o desenvolvimento da nossa aeronautica. Registe-se no entanto que se tem encontrado por parte dos officiaes aviadores, simpatico acolhimento.

Ora a acção dos jornais portugueses deve circunscrever-se, para um resultado util, á propaganda e á divulgação, auscultando também a opinião dos tecnicos, de forma que quaisquer deficiencias possam a tempo ser reparadas.

E' necessario portanto que algumas entidades officiaes, até agora alheias aos serviços que a Imprensa pode prestar, facilitem ao jornalista, as informações de que carece.

A má vontade não se compreende, nem é admissivel.

A. B.

A missão aeronautica de Angola

Deve ser submetido dentro de dias á apreciação do sr. ministro das Colonias, o projecto de aquisição de aparelhos, destinados aos Serviços Aereos de Angola, do qual consta um trimotor «Junkers» e três monomotores ingleses, «De Havilland».

Na proxima semana seguirá para a Alemanha a Missão Aeronautica de Angola, constituída pelos srs. capitão Joaquim Baltazar, chefe dos Serviços Aereos da colonia, e pilotos Reinaldo Barros, Francisco Barros e Pedro Gomes.

Com os srs. ministro das Colonias e engenheiro Rui de Sá Carneiro, director do Fomento Colonial, tem effectuada conferencias o sr. capitão Baltazar, sobre assuntos que se prendem com a aviação em Angola, seu apetrechamento, sinalização de pistas e instalações.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

Um «rallye» internacional Mediterraneo-Cabo

O Aero Club de França tem um projecto: a realização de um «rallye» internacional Mediterraneo-Cabo, para aparelhos de turismo, cujo traçado está sendo objecto de aturados estudos.

Supõe-se que o itinerario escolhido será o da Regie-Air-Afrique, até Broken-Hill, prosseguindo-se depois por Kimberley. O regresso effectuar-se-á, possivelmente, seguindo a linha da Imperial Airways, através da região dos Grandes-Lagos, pelo vale do Nilo, regiões com grande interesse turistico.

A comissão organizadora procurará dar ás equipagens a maior segurança, fornecendo-lhe as necessarias informações meteorologicas.

A classificação será baseada na regularidade.

A Italia organiza o serviço aeronautico obrigatorio

Pela primeira vez um país organiza o serviço militar obrigatorio para a aeronautica. A Italia toma assim um grande ascendente sobre as restantes nações.

Em 1936, o general Valle, sub-secretario do Estado da Aeronautica, annunciou ao Parlamento italiano o estudo de uma lei que instituisse o serviço aeronautico obrigatorio, realização pratica, que teria por fim aumentar o potencial da nação.

A lei, recentemente promulgada, dá autonomia no recrutamento, o qual se dividirá em três categorias: pessoal navegante, especialista e serviços diversos, com as necessarias sub-divisões.

Comunicações aereas em Moçambique

O aeroporto maritimo de Lourenço Marques acaba de receber um grande melhoramento, sendo dotado com um cais flutuante, destinado a embarque e desembarque de passageiros, movimento e deposito de cargas, reabastecimento de combustivel, etc. Além das instalações de uma pequena estação maritima, serviços aduaneiros e de emigração, possui um porão para deposito de mercadorias.

As comunicações aereas privativas da colonia estenderam-se a Porto Amelia.

Assim, todos os centros populacionais mais importantes do litoral, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Quelimane, Lumbo e Porto Amelia, estão ligados rapidamente. A viagem entre a capital e Porto Amelia e regresso é feita em três dias.

O equipamento do territorio prossegue, com a abertura de novos campos e melhoramento das actuais instalações. A montagem dos serviços de radiogoniometria está também em plena execução.

O transporte aereo tem tido um movimento progressivo, pensando-se até no aumento das unidades.

Do estrangeiro

FRANÇA — Luis Castex, um dos directores da Air-France-Transatlantique, esteve recentemente em Londres, onde teve varias entrevistas com os capitães Wilcockson, Bennet e Thomson, do Departamento do Atlantico-Norte da Imperial Airways, que se relacionaram com a utilização das bases inglesas pela Air-France e do navio francês «Carimare», pela Imperial.

Será o abandono de Lisboa como testa das linhas transatlanticas?

Em Biscarrosse, continua em experiencias o hidro-avião «Latécoere-611», quadrimotor Gnome-Rhone, de 4.100 cv. Foi criador do aparelho o engenheiro Moine e preside ás experiencias o piloto-chefe Crespy.

Devido aos recentes acontecimentos mundiais, a França vê prejudicadas as suas linhas aereas. O governo alemão, desde que ocupou a Checo, proibiu as aterragens em Praga, em consequencia do que a França suprimiu as suas carreiras para aquele país. Por outro lado, os acontecimentos de Espanha obrigaram também os franceses a abandonar as suas escalas, o que prejudicou bastante a sua linha para a Africa do Norte.

BELGICA — A companhia de navegação aerea «S. A. B. E. N. A» realizou um acordo com a «Regie Air-Afrique», a fim de assegurarem semanalmente o correio aereo para o centro de Africa. Os aviões belgas partirão todos os domingos de Bruxelas e os franceses ás sextas-feiras, de Paris. O novo acordo principia no domingo.

ALEMANHA — O general Udet, numa recente conferencia sobre as directrizes da tecnica aeronautica alemã, disse que a superioridade militar pertence ao país que, com maior rapidez, dote os seus armamentos com os ultimos progressos scientificos.

JAPAO — Foi criada uma sociedade militar japonesa para transportes aereos, que dispõe de um capital de 265 milhões de francos.

HOLANDA — Encontra-se na America uma missão militar holandesa, presidida pelo almirante Van Dulm, que negocia a compra de aviões para o rearmamento dos Países Baixos e Indias Neerlandesas.

Os Estados Unidos preferem reservar para aquelas possessões da Holanda a venda de aviões de bombardeamento, «Gleyn Martin», dada a sua particular posição com referencia ao Pacifico.

Leiam o

sempre
fixe

Vida mundana

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Baronesa do Seixo, D. Maria Isabel de Varena Monteiro de Mendonça, D. Maria das Dores de Lomelino Portugal e Castro, D. Julia de Castro e Almeida de Melo Breynar, D. Margarida de Faria Teixeira Bastos, D. Beatriz Madureira, D. Maria Alice Ribeiro da Silva Arbúes Moreira, D. Maria Beatriz Centeno Gorrão Henriques, D. Maria Tereza dos Santos Leitão, D. Maria do Carmo Dantas Rodrigues dos Santos, e a menina Alda dos Santos Moutinho de Carvalho.

MATINEES ELEGANTES

Na tarde de amanhã, nas lindas salas do Club Brasileiro, nas suas novas instalações á rua Victor Cordon, realiza-se novo chá «mah-jong», ao qual está destinado um grande successo mundano.

Na tarde de amanhã haverá dança, estando já tomadas muitas mesas pelas principais familias da colonia brasileira e senhoras da nossa sociedade.

NO CLUB TAUROMAQUICO

E' amanhã que, nas salas do Club Tauromaquico, se realiza o anunciado baile para o qual ha imenso entusiasmo.

Estamos certos de que mais uma vez os lindos salões do aristocratico club se vão encher de uma multidão elegantissima.

EM VIAGEM

Com sua esposa, sr.^a D. Emilia Maria do Amaral Ferreira Gomes, chegou do Porto o sr. dr. Eurico Ferreira Gomes.

—Acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Ana Maria Ferreira do Amaral e de sua gentil filha Maria Clara, regressou á sua casa no Porto, o sr. dr. Ferreira do Amaral.

—Regressou de Paris, a sr.^a D. Virginia de Castro e Almeida.

—Partiu para Viana do Castelo a sr.^a D. Maria Adelaide Malheiro Reymão.



A' venda em todos os bons estabelecimentos e na Filial, rua do Alecrim, 117. Telef. 22556. Entregas aos domicilios.

LANCHES PARA CASAMENTOS
CONFETARIA NACIONAL
Rua da Betesga, n.º 59 a 65

Gremio Luso-Alemão

Dada a grande affluencia aos cursos de lingua alemã, o Gremio Luso-Alemão iniciará em breve mais uma serie de cursos de iniciação e aperfeiçoamento, para os quais recebe inscrições até ao dia 15 do corrente. Estas inscrições serão as ultimas que se podem abrir este ano lectivo. Todos os antigos alunos que queiram frequentar os seus cursos são avisados de que devem confirmar a sua matricula dentro do prazo mencionado.

O Gremio Luso-Alemão está aberto ás segundas, quartas, quintas-feiras e sabados, das 15 e 30 ás 18, e ás terças e sextas-feiras, das 20 ás 22 horas. Prestará todos os esclarecimentos acerca destes cursos, bem como dos cursos de férias na Alemanha.

TRECHOS ESPANHOIS na Emissora Nacional

A Emissora Nacional realiza amanhã, das 23 ás 0 horas, uma emissão de variedades constituída por trechos espanhóis que serão cantados e declamados por artistas portugueses e espanhóis, acompanhados pela Orquestra São Payo.

A Emissora Nacional convida para esta audição todos os elementos da colonia espanhola que a ela desejem assistir.

A DEFESA PASSIVA

Medidas de protecção

contra os projecteis incendiarios

As trincheiras constituem uma modalidade de protecção contra os projecteis explosivos.

Trata-se de uma protecção muito relativa, em que os factores de ordem moral pesam sobremaneira. Sem abrigos e sem ter convenientemente dispersado, é preferível dar a uma população que se sente desamparada, a certeza confortante (?) de uma protecção, ainda que ligeira, a deixá-la simplesmente entregue á sua dor.

É esse o papel das trincheiras. Dezenas de metros se abriam nos jardins e parques de Paris e Londres quando em setembro do ano findo a crise europeia atingiu um maximo impressionante. Do mal o menos...

A trincheira confere unicamente protecção contra estilhaços e isenta os seus ocupantes dos efeitos de desabamentos, pelo que devem ser abertas a sufficiente distancia dos prédios—200 a 300 metros—. O seu traçado deve ser em zig-zague, cremalheira ou outro e travesado. Têm a profundidade de 1,80 a 2,00 m. e a largura de 1,80 á superfície e 1,20 no fundo, podendo com estas medidas receber 4 pessoas por metro corrente. Devem ser abertas em locais elevados, batidos de ar, de modo a furtar-se o mais possível os seus ocupantes á acção dos toxicos. Desoidas nuncosas.

No sentido de se garantir uma maior protecção podem cobrir-se as trincheiras com uma camada protectora constituída, quer por barrotes, sobre os quais correm pranchas cobertas por uma camada de terra, quer por laje de cimento armado. Podem tambem revestir-se os taludes com este ultimo material. Ha que contar, então, com iluminação (acetileno ou outra). Como se pode avaliar, trata-se de um rudimentar meio de protecção.

Uma das modalidades do perigo aereo é constituído pelo projectil incendiario. Tendo fraco peso (média de 3 quilos) é susceptível de ser lançado em larga escala sobre uma cidade. Se atendermos a que a superfície coberta de um aglomerado citadino representa uma parte restitua da sua area total e ás multiplas causas que se opõem á propagação de incendios (preceitos modernos de construção, medidas preventivas, etc.), seremos forçados a concluir que o numero de incendios provocados por um bombardeamento com projecteis especiais será diminuto em relação ao numero de bombas lançadas. Todavia, não se pode esquecer que alguns aviões podem transportar centenas destas bombas e autores reputados calculam que um total de 100 bombas de 2 quilos provoque 5 grandes incendios. Facil é compreender que se a organização de socorro for deficiente, com facilidade a população será tomada de pânico.

Ha por isso que estudar, desde o tempo de paz, as medidas de socorro a prestar pelos Corpos de Bombeiros e que devem compreender:

—A protecção da propriedade publica e privada contra o fogo;

—A preparação dos serviços de desobstrução e desentulhamento;

—A preparação dos serviços de desinfecção dos locais publicos contaminados pelos toxicos vesicantes (equipas Z);

—A preparação dos serviços de recolha dos projecteis não detonados (equipas de recolha);

—O aumento de pessoal de bombeiros, de modo a satisfazer, em tempo de guerra, não só as necessidades de ataque a incendios, mas a dos serviços mencionados anteriormente.

Entre as medidas preventivas de protecção contra o fogo, figura a criação de um Serviço de vigilância de fogo.

Nos prédios mais elevados de cada rua ou praça instalar-se-ão vigias, um por cada edificio, escolhidos entre os moradores. Esses vigias darão o alarme quando observem que qualquer prédio foi atingido por bombas incendiarias.

O ataque imediato ao fogo é uma condição de successo para a sua rapida extinção. Nesta ordem de ideias, é vantajosa a criação de equipas de protecção, entre os moradores de prédios com bastantes inquilinos. Na Alemanha, os componentes dessas equipas (4-ou 5) designam-se correntemente por bombeiros de casa e competelles o ataque imediato ao fogo, perante um alarme no seu edificio.

F. SILVA PAIS
Ten. Eng.º

Komol

Pinta os cabelos em 15 minutos

É representante:

M. CABRAL

Av. Almirante Reis, 166, 1.º c.º.

TELEF. 4 6865

O MERCADO CHILENO

Anuncia-se que a Missão Economica do Ministerio dos Negocios Estrangeiros ás Americas está em Santiago do Chile negociando um Acôrdo Comercial.

O Chile é um mercado importante. Em 1937 importou 428 milhões de pesos de mercadorias e exportou 947 milhões de pesos de produtos. Os Estados Unidos foram o maior fornecedor do Chile: 124.7 milhões, seguindo-se a Alemanha com 111.7; a Inglaterra com 46.7; Peru com 34.8; Argentina com 18.4, e Japão com 11.1.

Fôram tambem os Estados Unidos o primeiro cliente do Chile: 213.1 milhões de pesos, seguindo-se Inglaterra, 185.2; Alemanha, 90.1; Belgica, 56.8; França, 46.7; Italia, 43.2; Suecia, 35.9, e Japão, 14.9.

As importações principais fôram, em 1937, pela ordem da sua importancia: tecidos de algodão: 26.8 milhões; Oleos minerais: 26.4; Maquinaria industrial e agricola: 24.8; Produtos quimicos: 21.4; Oleos industriais e resinas: 21.0; Açucar: 17.1; Material electrico: 16.6; Tecidos de lã: 15.8; Ferro em bruto: 14.2; Fio de algodão: 13.8; Chás e cafés: 13.6; Veículos: 12.3; Ferro em obra: 12.2; e Produtos alimentares não especificados: 11.8.

As exportações principais fôram: Cobre: 504.2 milhões; Nitrato de sodio: 189.6; Lã churra: 43.6; Legumes: 35.2; Peles: 19.9; Cevada e Aveia: 15.2; Minerio de ferro: 12.6; e Carnes congeladas: 7.5.

A nossa Estatística Comercial por países de procedencia e destino de 1936, ultima publicada, informa que nesse ano importámos do Chile 2.218 contos de mercadorias e vendemos-lhe apenas 450 contos de produtos, o que equivale a um saldo negativo para o nosso país de 1.767 contos.

Pode dizer-se que comprámos ao Chile exclusivamente nitrato de sodio: 2.175 contos.

As nossas principais vendas fôram de manufacturas de cortiça: 130 toneladas no valor de 391 contos. Vendemos-lhe tambem 11 toneladas de conservas de sardinha no valor de 41 contos e 4 toneladas de cortiça em prancha e em refugo no valor de 7 contos.

Nos anos anteriores a 1936 sempre o Chile nos vendeu mais do que nos comprou. Nesse ano a nossa exportação atingiu os numeros mais elevados desde 1930.

O nosso comercio com o Chile foi como segue.

Anos	Importação	Exportação
	(contos)	
1935... ..	1.372	136
1934... ..	3.431	178
1933... ..	583	37
1932... ..	1.272	80
1931... ..	1.819	107
1930... ..	1.112	11

Foi 1934 o ano em que a nossa importação do Chile atingiu valor maior. Como nos outros, o azotato de sodio constituiu, pode dizer-se, a compra exclusiva: 3.204 contos. O restante foi preenchido por enxofre: 189 contos e colas-gelatinas: 24 contos.

Em 1937 importámos do Chile 4.724 toneladas de azotato de sodio no valor de 3.608 contos, em relação a uma importação total de 5.966 toneladas no valor de 4.553 contos. A nossa importação do Chile foi nesse ano, portanto, maior do que em 1934.

Para o Chile exportámos manufacturas de cortiça no valor de 560 contos, conservas de peixe no valor de 848 contos e algum pouco vinho do Porto: 6 contos.

E como nos primeiros 11 meses do ano passado a nossa importação total de azotato de sodio aumentou de 1.426 toneladas em relação a igual periodo de 1937, é de crêr que o Chile haja aumentado tambem sensivelmente o valor das suas vendas a Portugal.

Nos primeiros onze meses de 1938 baixou muito a nossa exportação de conservas de sardinha para o Chile, mas mais do que duplicou a exportação de rólhas de cortiça.

Significa isto que podemos alargar ainda muito o nosso comercio com o Chile vendendo-lhe mais obras de cortiça, mais conservas e mais alguns resinosos que o Chile está comprando, é certo, aos Estados Unidos, mas tambem por intermedio de clientes nossos europeus, como a Alemanha e a Inglaterra.

Esperemos que o projectado Acôrdo vise a pelo menos equilibrar a nossa balança comercial com o Chile.

NUNO SIMÕES

Eis as melhores amendoas



Uma bonita carteira ou malinha de senhora, ultimos modelos, ou uma raposa Argentée, branca ou azul, acabada de chegar directamente á Pelaria Confiança, na R. da Palma, 3. Tel. 28157, Casa de Peleiro, fabricante.

AS FESTAS CENTENARIAS

A restauração de castelos e o de Miranda do Douro

A proposito das comemorações centenarias, publicou o «Diário de Lisboa» a lista dos castelos a restaurar, omitindo-se, certamente por não figurar na lista oficial, o castello de Miranda do Douro.

Ora a Camara de Miranda, em devido tempo representou no sentido dos seus monumentos militares serem restaurados em comemoração da Independencia e Restauração, e neste pedido não ha senão justiça, pois que Miranda está ligada a esses dois factos, os mais importantes da nossa nacionalidade.

Miranda existia já no tempo dos romanos. Num completo estado de ruínas recebeu-a o conde D. Henrique e seu filho deu-lhe foral em 1136 e castello.

Desde logo sofreu as consequências da guerra, visto ser a guarda avançada do seu reino contra os leoneses. Está, pois, o castello de Miranda relacionado directamente com a fundação da nacionalidade.

Nos reinados seguintes, a praça de guerra, devido á sua posição estratégica, continuou merecendo a atenção dos nossos reis. Assim, D. Sancho I mandou construir «em redor da povoação uma outra cerca de muralhas defendida por algumas torres ou cubelos».

Na luta que se travou entre D. Afonso II de Portugal e Afonso IX de Leão, a Terra de Miranda é talada a ferro e fogo pelos leoneses e a praça só nos é restituida em 1213.

As suas fortificações foram refundidas e ampliadas por D. Diniz. O mesmo monarca mandou construir uma nova cinta de muralhas.

Assim fortificada, deteve e repeliu os ataques dos inimigos e foi tomada por vil estratégia no reinado de D. Fernando, na primeira guerra com Castela e anos depois, na guerra da Independencia, por Miranda—segundo Fernão Lopes—repeliu desde logo a tutela castelhana «tendo de sofrer as desastrosas consequências da guerra e o cêco do Mestre de Alcantara em 1400».

É interessante notar que a praça poucas vezes foi entrada pelas armas. Castelhanos e espanhóis encontravam-na sempre bem defendida, preferindo meios mais comodos: a compra do governador ou do sargento-mór. Felizmente para nós, mirandeses, esses traidores não foram nados em Terra de Miranda.

Vila em 1286 é feita cidade em 1545. A Restauração veio encontrar o castello em quasi completo estado de ruínas. Foi necessario reconstruí-lo e adaptá-lo ao uso da artilharia.

De 1640 a 1646, Miranda é constantemente atacada pelos espanhóis, que sofrem varios reveses. Luta de guerrilhas, eram as localidades indefesas que mais sofriam.

Em 1646 sofre outro cêco, de que se liberta com o auxilio do governador da provincia, Rodrigo de Alarcão.

Até ao tratado de paz que pôs termo á guerra da Restauração os ataques á praça sucedem-se uns atrás dos outros, não atingindo o seu fim.

Anda, pois, o castello de Miranda directamente ligado á Restauração. Por ela sofreu; por ela venceu.

Na guerra da Sucessão ha a notar a traição da venda e na dos Sete Anos a explosão do castello que sepultou centenas de victimas. Havia já três meses que a praça era cercada, quando se deu a explosão de 1.500 arrobas de pólvora. Segundo a tradição o governador fôra comprado e pusera fogo ao paiol.

Conserva-se viva a tradição das glórias e dos sofrimentos e convem não a deixar morrer e é para isso que a restauração dos monumentos serve. E essa restauração não é tão dispendiosa que se não possa realizar dentro das verbas destinadas ás comemorações.

A reconstrução da torre de menagem pode custar 30 a 35.000\$00 e a dos torreões da Senhora do Amparo poderá fazer-se com 5.000 escudos.

Tratando-se dos dois factos principais da nossa Historia, o Estado não deve regatear este pequeno concurso. As comemorações feitas sem que delas fiquem monumentos são factos transitorios e é preciso reavivar o sentimento patriótico e conservá-lo vivo nas populações.

UM MIRANDES

Antes de comprar a sua prenda da Pascoa, passe pelo

TORROAES

119—Rua da Prata—123

Terá oportunidade de escolher e adquirir

UM BOM RELOGIO

UMA JOIA DE CATEGORIA ou

PRATAS DE GOSTO

Por preços de sensaçã molvados pela proxima mudança para as novas instalações.

TEMAS DE ARTE

Os quadros do «Leão de Ouro»

Ao microfone da Emissora Nacional leu ha dias o distinto critico de arte sr. Luiz Reis Santos esta interessante palestra:

O instinto de destruição encontra-se no fundo da natureza humana. Manifesta-se nos novos, que pretendem realizar qualquer obra revolucionaria, como elemento construtivo. E' dominado e occulto pela educação. Revela-se na gente do povo, na sua propria essencia, sem objectivos mais altos, como se revela igualmente o da conservação, sob o supremo instinto da criação. São os três aspectos fundamentais da actividade material e espiritual do homem, simbolizados na trindade brahmanica, Brahna, Siva e Vishnu.

O prazer da destruição existe na alma de gente simples e boa: não para gozar o mal, mas para ter a satisfação de assistir aos espectaculos que ela pode oferecer-lhe. E' a entrada vitoriosa de «Parsifal», e depois o seu arrependimento, no primeiro acto do drama wagneriano.

Tenho-o verificado muitas vezes. Uma vez tive um desastre de automovel. Virei o meu carro, que levava quatro pessoas. Felizmente apenas sofremos pequenas escoriações. Era domingo e dia de festa numa terra entre Coimbra e a Figueira da Foz.

O povo que ia na estrada assistiu estupefacto ao apparatus spectaculo. E não se imagina o ar desiludido que tinham quando nos tiraram de dentro do automovel, que estavam com as rodas viradas para o ar, e constatarem que não havia ferimentos graves.

As primeiras exclamações, que nunca mais esquecerei, traduziam o mesmo sentimento, certa especie de tristeza, que não occultavam: «Final, não foi nada; não morreu ninguém! Não havia sangue, nem sequer cabeças, pernas e braços partidos!!

A satisfação pelo facto do desastre não ter tido consequências funestas vem mais tarde, depois de dominados os primeiros instintos, quando a educação mete na ordem os impulsos naturais.

Com fogos tem-me acontecido coisa parecida.

—Então, o que foi?

—Oh!... Afinal não era nada!... Os bombeiros até já se foram embora.

E sente-se a magoa de não se assistir ao imponente spectaculo da destruição pelo fogo. Ninguém me convence de que nos leilões, sobretudo nos de conjuntos com sua historia, lembranças, affectos e tradições, parte dos assistentes não foi lá para satisfazer, embora inconscientemente, certos instintos de destruição, vendo dispersar objectos que uma ideia e uma vontade reuniram.

Tudo isto vem a proposito do recente leilão dos quadros do restaurante «Leão d'Ouro»

Quantos dos que lá estiveram não teriam dito, com inexplicavel tristeza: —Oh!... Afinal não se vendeu nada! francamente, só uma tela!...

* * *

Muitas e variadas foram as considerações que se fizeram dêsse leilão sensacional:

—E' espantoso... sempre estamos numa epoca!...

—... Mas para automoveis, «football» e cinema não falta o dinheiro...

—Não! A arte já não interessa... ou

—... Ah! os quadros não prestam para nada!...

—Parece impossivel, o Estado é que devia comprar aquilo!...

—Que vergonha... que spectaculo... já não ha gente de bom gosto!...

etc., etc., etc.

Mas afinal que haverá de razoavel em tudo isto?

Os tempos mudaram, evidentemente.

Hoje já não se compram quadros como se compravam ha cinquenta ou vinte anos. Por um lado varios phenomenos que se não podem censurar e que temos de aceitar tais como eles são, contribuíram para isso. Por outro, as necessidades espirituais e o gosto artistico modificaram-se tambem.

Além de tudo isto o dinheiro é mais preciso para outras coisas. Não ha tantas disponibilidades.

Finalmente, os quadros do «Leão» têm mais valor historico e sentimental do que propriamente artistico, diga-se em abono da verdade. E não pode esperar-se do grande publico, ou mesmo das elites intellectuais e financeiras, nêstes tempos em que vivemos, actos de abnegação em defesa do prestigio de um movimento de arte ou de uma epoca que já passou e que não interessa. O contrario só poderia esperar-se de exhibicionistas e de pedantes.

O coleccionador que deseje adquirir obras dos mestres ali representados sabe que, por menos de metade das quantias lançadas como base de licitação, pode obtê-las, e até de muito melhor qualidade.

Esta verdade é que é preciso dizê-la, para pôr a questão no seu devido pé.

Se não vejamos:

Os quadros que foram a leilão occupam as duas salas do conhecido restaurante da rua Primeiro de Dezembro.

No da entrada estão os trabalhos primitivos de 1885, entre os quais se encontram os melhores da colecção; e na outra, seis tripticos executados vinte anos depois.

Entre as ultimas pinturas, destacam-se as de Columbano e de Malhoa, respectivamente «Natureza Morta» e «Apoteose da Lagosta». Qualquer delas representa escassa e irregularmente as grandes qualidades dos seus autores.

A expressão da pincelada, a qualidade da substancia, os efeitos de cor e luz, que aqueles notaveis pintores trabalhavam em vigorosos e cintilantes pormenores, diluem-se nas duas composições, de construção fraca, ampliando processos que viviam de escala propria.

Os restantes tripticos da sala mais recente, são oleografias, cromos amáveis, debeis no desenho, na construção, na modelação, na cor. Não trouxeram mensagens, não marcaram posições novas, não firmaram personalidades artisticas: já não interessam a gente de bom gosto. O mais curioso, talvez, «Marinha», de João Vaz, é fraco, sem planos, sem consistencia na pincelada.

Os quadros da primeira sala, incomparavelmente mais interessantes do que os outros, estão, de forma geral, abaixo dos meritos dos seus autores, com certeza por terem sido executados á lufa-lufa, em menos de três semanas.

As «Rosas e begônias», de Rodrigues Vieira, têm realmente o espirito de decorações daquela epoca, mas não se impõem fora dela.

As obras de Vaz e de Cristino «Vista do Tejo» e «Ponte do Fidalgo» estão num plano semelhante ao que o upam as de 1905.

Bordalo, nos seus «Azulejos do Leão», limita-se a desenhar a oleo, «au camaleu», sem mais interesse uma daquelas ironicas e passageiras paginas de humorismo que profusamente publicou nas suas gazetas ilustradas.

Girão no «Interior de curral», que foi considerado o seu melhor quadro, não passa de um curioso, «Verista» miúdo, sem a noção dos valores plasticos.

Compreendo, todavia, que as suas obras enterneçam.

Na grande superficie do «Paul da Outra Banda» conhecido pelo «Pantano», ennegrecido, cenografico e turvo, perde-se o encanto da saborosa pincelada e da viva nota de cor em que era mestre José Malhoa.

Restam-nos, com Silva Porto e Columbano, as melhores pinturas do «Leão d'Ouro».

O «Quinteiro», com suas floridas arvores de fruto, suas cabrinhas pastando, sua vegetação e suas terras, verdes, sienas e azues, sua mancha esfregada ou consistente, deixando aqui, sem interresse, o suporte á vista, marcando acolá, consistentemente, um pormenor, é um belo quadro de Silva Porto, porém igual ou inferior a muitos, de menores dimensões, que tenho visto.

ARQUI CHIQUE

RETROZARIA

TELEFONE 2 1773

83, R. dos Retrozeiros — LISBOA

As mais recentes novidades em

fechos e fivelas para cintos

Columbano é, sem duvida, o pintor que se impõe no «Leão d'Ouro».

O retrato do sr. Monteiro, antigo proprietario do restaurante, é a melhor obra que lá está, com a mascara e as maos do primeiro plano, ricamente modeladas, o fundo luminoso contrastando com a tonalidade discreta da carnacão e dos tecidos. E este quadro, de entre todos o de menores dimensões, caracteristico e pecunia da notabilissima serie de retratos da melhor epoca de Columbano. Mas foi precisamente o que não puzram á venda.

Deixei, de proposito, para o fim a tela grande do mesmo pintor, conhecida pelo «Grupo do Leão».

E' um quadro interessante, sobretudo por encerrar belos esboços do Mestre, retratos incompletos mas flagrantemente.

A obra, em que se afirmam qualidades admiraveis do autor da «Luva cinzenta», ressent-se de ter tido execução apressada.

Columbano consagrou-se quasi exclusivamente á mancha, mas no «Grupo do Leão» a falta de tempo não o deixou demorar-se nos pormenores que mais lhe interessavam.

A mão dêsse, a fisionomia risonha daquele, um jogo de luz, um contraste, prenderam-lhe a atenção por momentos: mas teve de abandonar predilecções, pois que, com cada modelo, pouco mais podia gastar do que uma ou duas sessões!

Para não estabelecer confrontos desagradaveis, não comparemos esta tela com o «Concerto de Amadores» ou qualquer dos retratos que pintou na mesma epoca.

Talvez por estas e outras razões semelhantes se não venderam no leilão os quadros do «Leão d'Ouro».

Devemos, por isso, queixar-nos dos compradores, dos amadores de obras de arte, e do Estado?

Não. Devemos apenas lamentar que o proprietario não soubesse o que havia de acontecer.

O seu restaurante é interessantissimo e tem muito valor, mas assim como está. E' um evocativo testemunho da geração artistica de 85 que ali se reunia e planeou o movimento revolucionario contra a velha Sociedade Promotora

Sentados naqueles bancos, contemplando aqueles paineis, comendo e bebendo naquelas mesas, enchendo aquele ambiente com suas discussões, por vezes até com exclamações irreverentes passaram por ali e ali viveram uma das mais entusiasmadas fases da sua vida: o já velho Bulhão Pato, reliquia do Romantismo, contra o qual se bateram afritamente os novos Mariano Pina, Flialho, o poeta Vargas, que ainda conheci de fraco e olhar saudoso, Abel Botelho, Bairos Lobo, Fortunato da Fonseca, José de Figueiredo, Monteiro Ramalho, Emidio de Brito, Gualdino, com seu fulgurante espirito de imaginação milionaria, e tantos outros.

Arrancadas as telas das paredes, pouco valem.

Quem quizer fazê-lo terá de sujeitar-se á cotação da praça, que sera forçosamente baixa.

O Estado fez o que devia fazer: classificou o «Grupo do Leão» de monumento nacional, e ofereceu quantia razoavel.

Mas se ha quem não esteja satisfeito, e pretenda evitar que se dispersem aquelas reliquias, junie-se aos «Amigos de Lisboa», aos artistas que admiram a geração de 85, façam subscrições e esforços que me parecerão todos muito louvaveis, e compre-se o «Leão d'Ouro», todo, com as obras de arte, as paredes e os recantos onde vibraram coos da geração talentosa que procurou, no seu tempo, reagir contra a estagnação do pensamento e da arte nacionais.

LUIZ REIS SANTOS

A' margem da semana

Jornalistas

Ha quem faça dos jornalistas uma ideia muito pouco lisonjeira e por vezes manifestamente injusta, sobretudo quando generalizada.

Em toda a parte e em todos os sectores da vida ha bom e mau, mas na vida do jornalista quantos sacrificios ignorados e quanto talento desperdicado prodigamente, talento que serve ao publico de diversão e até de guia, mas que mal consegue enaltecer um nome ou distinguir um caracter.

O jornalista de hoje é quasi um combatente; vai aos postos mais arriscados para colher, ainda palpitante, a noticia dos acontecimentos, para presenciar-los, se possivel fôr, e depois transmitir ao seu jornal impresso bem vivos, através de perigos e fadigas sem conto. Na guerra de Espanha, os jornalistas têm uma coragem de soldados nas trincheiras.

E depois, no mundo de hoje, o posto dos que expandem ideias nas colunas dos jornais, mais ou menos lidos por toda a gente, já é um posto perigoso, mesmo para aquele que escreve tranquilamente sentado no seu escritorio. A's vezes, é tão odiado, tão ameaçado como se estivesse a bater-se em campo raso.

E ha jornalistas, que põem no exercicio da sua profissão muito mais rigor e consciencia do que muita gente julga. Dedicados, activos, procuram cumprir o melhor que podem a tarefa em que vão queimando a vida, ainda quando isso não seja notado ou compensado devidamente.

Pensei estas coisas ao ler num jornal estrangeiro um artigo sobre Fernand Vandérem, falecido ha poucos dias. Mal conhecido a vida e a obra de Vandérem, mas impressionou-me o que li no artigo a que me refiro. Pontualissimo, como jornalista, não faltava, no dia certo, com o seu artigo, e o jornal sabia que podia contar com ele. Ao mesmo tempo, detestando escrever palavras ócas, procurava sempre assunto em que de facto tivesse alguma coisa que dizer. Jornalista até ao ultimo momento, meia hora antes de morrer pediu papel e escreveu algumas linhas, quasi ilegíveis, a desculpar-se de faltar com o artigo da semana, a desculpar-se de estar doente—estar doente para quem trabalhava, é uma falta—deveria dizer a desculpar-se de estar moribundo, visto que morreu meia hora depois.

Quanto heroismo obscuro, inglorio, desenvolve a dolorosa criatura humana, heroismo que ela propria oculta, que nem a si proprio confessa...

E o artigo francês comenta: «Journaliste dans l'ame, Fernand Vandérem connaissait les règles dures d'un dur métier».

MARIA DE CARVALHO

TANK

O ENXUGADOR IDEAL PARA ESCRITA

Prático, elegante e, sobretudo

ECONÓMICO

EXIJA NO SEU FORNECEDOR



A LEMOS, L. DA

ALFAIATES-MERCADORES

113 - R. Augusta - 115

Telefone 2 6956

LISBOA

O ARCO IRIS

DROGARIA E PERFUMARIA

Vicente, Silva & Real, L. da

127 - R. da Mercúria - 129

(Antiga Rua do Mundo)

LISBOA

BALANÇO GERAL

INDUSTRIAS REUNIDAS TRIUNFO
S. JOÃO DA MADEIRA

INICIATIVA DE QUE NÃO VOLTOU A FALAR-SE

LISBOA E' A CIDADE MAIS BARULHENTA DO MUNDO

mas a comissão contra os ruidos não pode fazer nada pela simples razão de ter deixado de existir...

Lisboa não é uma das maiores cidades do mundo, mas é, certamente, uma das mais ruidosas. E, se é certo que isso representa, de algum modo, um índice da civilização dum povo, não é caso para nos felicitar-mos...

Os homens de ciência que lá fora e em Portugal têm estudado o problema chegaram a conclusões que cada um que não seja completamente bronco compreenderá facilmente: o ruído prejudica os doentes e torna por vezes doentes os sãos; uma das enfermidades que eles provocam com mais frequência é a surdez; diminuem, e por vezes chegam a anular completamente o rendimento do trabalho intelectual; exercem uma acção terrível sobre o sistema nervoso, alterando a pressão arterial e produzindo desequilíbrios por vezes fatais; e têm sobretudo uma influência nefasta no desenvolvimento das crianças. Sendo assim, por que não se trata a valer de eliminar, ou de atenuar a acção desses inimigos públicos?

Constantemente se ouvem e se lêem remoqueiros acerca da comissão imprópria chamada por muitos de *Ruidos*, e que pela Câmara Municipal foi incumbida de estudar a possibilidade de reduzir e eliminar os ruidos provenientes da actividade da cidade de Lisboa, por proposta aprovada em novembro de 1932. E a circunstância de não serem justos esses ataques leva-nos a recordar, embora resumidamente, o que se passou:

Em primeiro lugar, não foram os clamores contra os ruidos que provocaram a nomeação da comissão; foi, pelo contrario, a acção desta que provocou a intensa campanha que então se fez contra a barulheira infernal que reinava—e cada vez é maior—na capital.

Dados os inconvenientes da continuação dos ruidos que afligiam a população, e ponderadas também as numerosas reclamações existentes, a Junta Urbana de Higiene—de que era presidente nato, na sua qualidade de presidente do Município, o sr. general Vicente de Freitas—lêmbrou a conveniência de se estudar o problema e de lhe ser dada solução adequada. E aquele official propôs em sessão da Câmara de 3 de novembro de 1932, a nomeação da referida comissão, composta dos srs. major Salvação Barreto, então vereador do pelouro do Matadouro, dr. José Silva Passos—que havia muitos anos se dedicava com entusiasmo ao estudo da questão—e engenheiro Antonio Lameira Bueri, chefe da Secção de Transportes Gerais da Câmara.

A comissão «Mata o barulho», como o povo lhe chamou, imediatamente lançou mãos à obra, convocando todas as entidades interessadas no caso e pedindo-lhes alvitre. O *Diário de Lisboa* esteve representado nessas reuniões, e estamos, assim, habilitados a afirmar que se trabalhou intensamente, com método e com vontade de chegar a resultados práticos. A referida comissão pediu aos jornais que mostrassem ao publico os inconvenientes dos ruidos e a necessidade de os atenuar ou anular. E, como pediu a toda a gente que tivesse ideias sobre o assunto que lhes comunicasse, recebeu e teve de abrir, lêr, catalogar, «aproveitar», enfim, muitos milhares de cartas. E, ouvidas as entidades cujo parecer era de ter em consideração escolhidos os alvitre que continham qualquer conclusão prática, depois de alguns meses de aturado trabalho, apresentou, em 23 de março de 1933, á comissão administrativa do Município, um relatório com as soluções que julgou mais convenientes para o problema. E, «ipso facto», dissolveu-se. Não têm, pois, razão os que criticam, por esta simples razão: porque ela não existe, já ha meia dúzia de anos...

A barulheira continua! E no entanto...

Reparada esta injustiça, que tantas vezes se tem repetido, vejamos quais as principais conclusões a que a referida comissão de estudo chegou e que bem mereciam ser aproveitadas, para bem da população de Lisboa:

A finalidade mais interessante—segundo o relatório—consistia na de-

terminação das zonas mais ruidosas da cidade, a fim de as sanear o melhor possível, sem prejuizo do transito e sem pretendermos emmudecer o burgo, como exageradamente se poderia julgar.

Mas... Mas a falta de numerario impediu a realização desse esforço utilissimo para a causa, visto que os instrumentos de precisão, destinados ás investigações necessarias, além de serem caros, não são de facil aquisição.

Deste modo, apenas lhe restou o recurso de se embrenhar um pouco nos estudos efectuados por entidades de incontestavel categoria científica, compulsoando livros e revistas, para atingir dois propositos: pôr em relevo um assunto ignorado entre nós, porque nada conseguiria apurar sobre a existência de quaisquer estudos em tal sentido, realizados por medicos, fisicos ou engenheiros; apresentar ás entidades superiores um parecer sobre a forma de atenuar e eliminar alguns ruidos provenientes da actividade da população da capital, que, pela sua natureza, perturbam o sossego dos seus habitantes, embora se reconheça que o êxito depende, em grande parte, de uma inteligente regulamentação de transito de peões, conjugadamente com o estabelecimento de uma prática e compreensivel sinalização.

Os ruidos foram assim classificados:

Ruidos industriais: localizados e permanentes, devidos ao funcionamento de diversas industrias ou de trabalhos industriais transitorios executados na via publica; ruidos dispersos, ocasionados pelo transito de vehiculos mecanicos e hipomoveis.

Ruidos dispersos provenientes da actividade geral da cidade.

Ruidos especiais: resultantes da actividade militar, dentro da cidade; provenientes do toque de sinos; produzidos por cães.

Na impossibilidade de transcrever na integra as recomendações feitas a proposito de cada um dos casos, limitámo-nos a uma referencia curta aos mais importantes:

Foi proposta a prohibição, dentro da cidade, de tudo isto: avisos sonoros, destinados a regular o movimento de pessoal em estabelecimentos industriais e comerciais por meio de apitos, sirenes electricas ou a vapor (que devem ser substituidos por sinos, sinetas e campainhas electricas, cujo som não tenha uma duração superior a 15 segundos); novas instalações industriais, cujos maquinismos produzam ruidos que possam perturbar o sossego dos habitantes, sem prévia indicação tecnica sobre isolamentos; o funcionamento de maquinismos particularmente ruidosos e os trabalhos de bate-chapas das 21 horas ás 8; trabalhos ruidosos na via publica perto de habitações, das 19 ás 8 (exceptuando-se, claro, os trabalhos urgentes e inadiaveis das companhias sujeitas a contratos com a Câmara, mas mesmo assim com o menor ruido possível); que as actuaes instalações fabris continuem em plena laboração, sem a inspecção tecnica para reduzir os seus ruidos; reparar ruidosamente na via publica automoveis e motocicletas; travões mal afinados; escape livre ou silenciosos deficientes; conservar os motores em marcha acelerada durante o estacionamento; a aceleração ruidosa sem justificação tecnica; abusar de sinais avisadores sonoros, sobretudo do *klaxon*, estridente ou de sons multiplos; o uso do aparelho avisador sonoro entre as 0 e 30 e as 6 horas; passar junto de hospitais e casas de saúde com velocidade superior a 15 kilometros para autos ligeiros, salvo em caso de transporte de feridos, e a 10 para vehiculos de carga, e usar durante essa passagem avisador sonoro; as experiencias de avisadores sonoros, a afinação de motores com o escape livre e acelerações ruidosas, realizadas em garagens instaladas em propriedades habitadas por pessoas estranhas ás mesmas, entre as 22 e as 8 horas; sinalizar ruidosamente sem justificação; que o avisador sonoro seja empregado com um fim diverso que não

seja apenas o de avisar os peões; o transito de camiões e camionetas com *bandages* macias (sendo, todavia, permitidas as *bandages* semi-pneumaticas); a circulação de camiões e camionetas com velocidade superior a 20 kilometros; descarregar ruidosamente na via publica materiais que, pela sua natureza, dêem lugar a ruidos que possam perturbar o repouso dos habitantes; a circulação de vehiculos hipomoveis com rodados guarnecidos de aros metallicos, com andamento superior ao passo (so sendo permitido o andamento a trote se os rodados forem guarnecidos com *bandages*); o abuso do avisador sonoro dos carros electricos; o transito de zarras sem *bandages* nos rodados; e o uso abusivo dos silvos das locomotivas, sobretudo na passagem de nível junto ao hospital do Rego e nas gares urbanas, não devendo cada silvo prolongar-se mais de 3 segundos, a não ser em caso de absoluta necessidade.

Isto quanto á primeira classe de ruidos. Quanto á segunda, propôs-se a prohibição de: pregões clamorosos, devendo as ofertas de quaisquer mercadorias ser vocalizadas e não cantadas; musicos e cantores ambulantes; aparelhos de T. S. F. ou grafonolas regulados de modo a incomodar a vizinhança; bater tapetes, carpetes ou passadeiras; possuir animais que prejudiquem o sossego da vizinhança, desde que esta reclame; ensaios de filarmónicas (instrumentos de sopro e de corda) e estudos individuais com os mesmos instrumentos, depois das 22 horas; bailes campestres e outros, realizados em sociedades de recreio, depois da meia noite (exceptuando-se, é claro, as festas nacionais e os folguedos de caracter tradicional).

Quanto aos ruidos especiais—isso é outra historia: Enumerando as principais queixas, referentes aos ruidos resultantes da actividade militar (entre os quais as dos hospitais da Estefania e do Rego, que dizem que «estes ruidos são a causa do aumento das contrações nos doentes ali internados, portadores de meningites e tétanos»), pede-se ao sr. ministro da Guerra que transfira os quartéis para fora da cidade, ou procure remediar o que está acontecendo, da melhor forma possível.

Quanto aos toques dos sinos, a comissão consultou o sr. Cardinal Patriarca, que disse que os referidos toques são mais uteis na aldeia do que propriamente nas cidades, porque, sobretudo, têm o fim de chamar os crentes de longe á missa; que nas cidades não podem ser totalmente suprimidos, por fazerem parte da liturgia; mas que é, entretanto, possível reduzir o seu uso, sem prejuizo do culto.

Outro assunto não menos difficil de solucionar—diz o relatório—é o da existência de cães dentro da cidade, a viverem em franca promiscuidade com o homem, muitas vezes em precarias condições hygienicas. Além do exposto, o latir, o uivar, enfim, todas as manifestações proprias da raça canina, manifestações que irritam, que perturbam o repouso de quem dele carece e a ele tem direito, impõem medidas que urge pôr em prática sem subterfugios.

A comissão resolveu, pura e simplesmente, perfiilar a proposta apresentada pelos representantes do «Club dos Caçadores Portugueses», do «Livro Português de Origens para as Raças Caninas» e do jornal «O Caçador», pedindo: que sejam applicadas multas aos possuidores de cães que se prove que sem motivo perturbam o sossego habitual da cidade durante as horas da noite; que não sejam passadas novas licenças para possuir animais de raça canina em casas sem quintal, quando a isso se opõem os vizinhos, moradores dos andares laterais ou immediatamente superiores ou inferiores, que deverão justificar a sua opposição por escrito; aos imprudentes das licenças nas condições atrás referidas, cabe o recurso, fundamentado para a Junta Urbana de Higiene, que resolverá em ultimo caso.

Como se vê, ideias não faltam. O pior é que os ruidos—ainda são mais...

NECESSIDADE URGENTE

Quando haverá

em Lisboa

uma «Casa das Colonias»?

Sob esta epigrafe publicou ha tempos o «Diário de Lisboa», em fundo, um artigo vibrante de patriotismo em que, exaltando o esforço despendido em prol da colonização das nossas terras de além-mar, pretendia acordar da letargia em que se acha mergulhada a Mocidade Portuguesa, despertando-lhe o interesse pelos problemas que se relacionam com o nosso Imperio Colonial.

Diz, ainda, o articulista que na Grã-Bretanha foi constituida a Liga Colonial Britânica com parlamentares e colonialistas distintos e cujos pontos de vista se podem resumir na divulgação dos direitos da Inglaterra sobre os seus Dominios e Mandatos, preconizando—por assim dizer—a criação em Portugal duma instituição congenere que, de colaboração com os poderes publicos (Agencia Geral das Colonias), realize os mesmos fins.

E' realmente triste que sendo Portugal uma das maiores potencias coloniais, não tenha uma colectividade onde se agrupem os seus colonias e colonialistas. Mas é, ainda, mais doloroso constatar que residindo na metropole, especialmente na capital do Imperio, um numero bastante elevado de colonias, eles não tenham, a exemplo do que sucede com todas as provincias metropolitanas e com os insulares, a sua «Casa» ou «Gremio» onde, sem preconceitos raciaes ou religiosos, se agrupem todos os seus valores—e bastantes são—e em que, a par de uma assistência moral e material dispensada a tanto colonial que por aí anda na miséria e no mais completo abandono, se erie no animo dos portugueses da metropole, através duma propaganda metódica e eficiente, o interesse por tudo o que se passa nas nossas provincias ultramarinas, ensinando-lhes a conhecer e a admirar o que de maravilhoso existe nas nossas terras.

Urge, pois, que todos os colonias, sem distincção de cor, se unam de forma a que a Casa das Colonias venha a ser um facto dentro em breve, pois que com a sua criação muito têm a beneficiar não só os que nasceram lá em baixo, mas também os portugueses da metropole, em virtude de lá vir a ser um dos maiores, senão o maior, dos elos que ligará os colonias aos metropolitanos.

Vão realizar-se, dentro em pouco, as comemorações do duplo centenário e eu julgo que seria esta a melhor oportunidade para, não só organizar o nosso Gremio mas também para demonstrar que, embora nascidos em Africa, na Asia ou na Oceania, somos tão portugueses como aqueles que nasceram em qualquer aldeia do Minho ou do Algarve e que, como eles, sentimos o orgulho maximo em sermos finos de Portugal.

PORTUGAL DA GAMA E ALMEIDA

CASINO ESTORIL

Preço: Esc. 20\$00

Preço: 12\$50

Aos sabados: Jantar a Americana Nos restantes dias: Jantar dançante

Bilhetes especiais:

Todos os dias, excepto sabados e domingos Comboio, (2.ª e 1.ª ida e volta) e Jantar ou Ceia, Esc. 16\$, incluindo Taxas, serviço, autocarro da Estação ao Casino e entrada. TODOS OS DIAS: comboio, 2.ª, 1.ª e volta, autocarro da Estação ao Casino, entrada e um valo de Esc. 1\$50 para consumo no Restaurante e Bars do Casino Esc. 12\$50.

A' venda nas bilheteiras do Cais do Sodré

Aos sabados: Concerto as 16 e 30 horas pelo QUINTETO PAULO MANSO Todos os dias: de tarde cha dançante excepto sabados e a noite baile e cinema Orquestra Portuga.

Sena Sugar Estates, L. da Avenida da Índia—LISBOA

Leiam o

sempre
fixe

Sociedade Portuguesa do Acumulador TUDOR, S. A. R. L.

Relatório do Conselho de Administração

Ex.ªs Srs. Accionistas:

Obedecendo ao preceituado na Lei, vimos apresentar-vos o Relatório e contas relativas ao exercício de 1938.

Pode-se afirmar que no exercício de 1938 se mantiveram as boas condições de desenvolvimento da Sociedade, a-pesar-de continuarmos sem qualquer protecção, em matéria pautal, por parte do Governo Português.

As vendas totais em 1938 foram de Esc.: 2.024.128\$97, isto é, pouco mais que em 1937, mas o que melhorou sensivelmente foi o custo da produção na fábrica do Dafundo, e o material vendido, proveniente da fábrica, diminuindo portanto as importações.

Na fabricação de pilhas o rendimento do pessoal melhorou enormemente, passando o tempo perdido de 40 %, em 1937, para 25 %, em 1938. Continua a concorrência estrangeira vendendo a preços inferiores aos nossos, mas mantemos, no entanto, em relação ao consumo total do país, uma venda de 40,6 % em Pertrix.

Em alcalinos houve uma diminuição de vendas pelo menor consumo da Cia. dos Telefones, nosso principal comprador.

Em estacionários continua a notar-se um decréscimo importante de venda de baterias novas, por virtude do desenvolvimento das redes de distribuição eléctrica.

Ao saldo de Ganhos e Perdas, de Esc.: 83.968\$36, propomos seja dada a seguinte aplicação:

Para Fundo de Reserva Legal, Esc. 4.198\$41.
Para cumprimento do disposto no n.º 2 do Artigo 13.º dos Estatutos, Esc. 8.396\$82.

Para cumprimento do disposto no n.º 3 do mesmo Artigo, Esc. 5.000\$00.

Para dividendo, cativo de impostos, Esc. 30.000\$00.

Para Fundo de Renovação de Material, Esc. 20.000\$00.

Para conta nova, Esc. 16.373\$13.

Ao Conselho Fiscal e a todo o pessoal da Sociedade vimos por este meio agradecer a sua eficiente colaboração.

Lisboa, 10 de Março de 1939.

O Conselho de Administração

Balanco Geral em 31 Dezembro de 1938

ACTIVO	
Deposito de Acções...	Esc.: 8.000\$00
Móveis, Utensílios e Gastos de Instalação...	1\$00
Patentes...	500\$00
Mercadorias Transportáveis em trânsito...	51.336\$75
Letras a Receber...	16.675\$40
Extracções a Receber...	22.473\$75
Caixa...	7.764\$67
Banqueiros...	248.446\$34
Mercadorias Estacionárias...	43.581\$05
Mercadorias Transportáveis...	339.784\$56
Fábrica...	1.260.280\$35
Materiais Primas...	344.043\$03
Contas Correntes...	668.263\$75
Total	Esc.: 3.016.150\$65

PASSIVO

Capital...	Esc.: 500.000\$00
Administradores...	8.000\$00
Fundo de Amortização...	83.827\$28
Conservação de Baterias...	13.512\$20
Fundo de Reserva Legal...	28.350\$08
Fundo de Renovação de Material...	20.000\$00
Dividendos a Pagar...	16.868\$00
Contas Correntes...	2.261.624\$73
Ganhos e Perdas...	83.968\$36
Total	Esc.: 3.016.150\$65

Lisboa, 31 de Dezembro de 1938

O Conselho de Administração

Desenvolvimento da conta «Ganhos e Perdas» em 31 de Dezembro de 1938

RECEITA

Saldo da conta...	Esc.: 7.840\$22
Mercadorias Estacionárias...	106.558\$79
Mercadorias Transportáveis...	485.189\$60
Total	Esc.: 599.588\$61

DESPESA

Mercadorias Transportáveis e/ou garantia...	Esc.: 3.041\$79
Juros e Descontos...	59.518\$69
Propaganda Pertrix...	19.624\$10
Gastos Gerais Transportáveis...	91.075\$44
Gastos Gerais Estacionários...	152.125\$80
Móveis, Utensílios e Gastos de Instalação...	11.437\$65
Direitos e Processos de Fabricação...	100.600\$00
Fábrica...	78.796\$78
Total	Esc.: 599.588\$61

Lisboa, 31 de Dezembro de 1938

O Conselho de Administração

Parecer do Conselho Fiscal

Ex.ªs Srs. Accionistas:

Tendo examinado, cuidadosamente, as contas da Sociedade, devemos declarar que sempre as achámos certas.

Acompanhando o critério do Conselho de Administração somos de parecer que:

1.ª—Devem aprovar-se as contas e balanço do exercício findo em 31 de dezembro de 1938;

2.ª—Deve dar-se ao saldo da conta de Ganhos e Perdas, de Esc. 83.968\$36, a aplicação proposta pelo Conselho de Administração;

3.ª—Aprova-se um voto de louvor ao Conselho de Administração, bem como de agradecimento a todo o pessoal da Sociedade pela sua eficiente colaboração.

Lisboa, 16 de março de 1939.

O CONSELHO FISCAL

RAPOSAS

Argentées e de todas as outras qualidades. O maior sortido e os melhores preços. CASA DA SIBERIA, Rua Augusta, 254, esquina de Santa Justa.



QUE DIFERENÇA!! AGORA ESTOU DEFENDIDO

POR UMA COBERTURA LUSALITE CHAPAS ONDULADAS

123, R. S. NICOLAU, TEL. 23948, 28941.

AVEIRO E OVAR

Comboio especial em 9 de Abril

Para a Feira de Aveiro e Feiras da Páscoa

Preços especiais de ida e volta em 1.ª e 2.ª classe. Partida de Lisboa às 11.15 e de Aveiro às 11.20.

Também se vendem Bilhetes para regresso em qualquer dia e por qualquer comboio até ao dia 23 para Aveiro e 25 para Ovar. Bilhetes à venda: Calçada do Carmo, 49. Telefone 0 110-62 81.

LOTUS

UM BOM CIGARRO TURCO
MUITO SUAVE E DE FINO AROMA
Peçam em todas as tabacarias
20 cigarros 5\$
CASA HAVANEZA — Lisboa



Misericórdia de Lisboa

Extracções Semanais

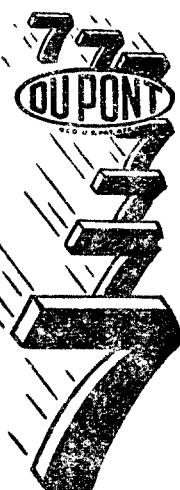
1.º PREMIO 400.000\$00

Extracção de Santo António

A 9 de Junho

1.º PREMIO 3.000.000\$00

Os lucros revertem a favor do Estado, Misericórdia, Hospitais Cíveis, Casa Pia de Lisboa, Direcção Geral de Assistência e Serviços Jurisdicionais de Menores



Mantém a linda aparência do seu carro

COM OS FAMOSOS PRODUTOS N.º 7
PARECERÁ SEMPRE NOVO

Duco Polish N.º 7. Auto-Top Finish N.º 7. Duco-Wax N.º 7. Touch-Up Black N.º 7. Metal Polish N.º 7. Radiator Cleaner N.º 7

Duradouros, eficazes e económicos, os Produtos N.º 7 são fabricados com o mesmo esmero e esmero que deram celebridade ao DUCO. Experimente-os hoje mesmo!

BETHENCOURT BROS, LTD.

Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

SORIA, LDA.

Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

Uma pagina da Grande Guerra

Como morreu na Flandres

numa manhã de nevoeiro

o aviador Oscar Monteiro Torres

Vimo-lo uma vez. Era num lusco-fusco albedo de dezembro. A guerra entrestecia Lisboa. Nem sempre chegava ao Tejo um navio carregado de trigo ou de açúcar. Fora da barra rondavam os submarinos inimigos. A cidade estava cheia de intrigas políticas e de ingenuos cartazes, pondo de sobreaviso a população contra os espiões e os boateiros a soldo. Mas ninguém era preso. Tanto uns como outros padeciam duma fantastica imaginação. Um dia correu, na Baixa, que um submarino alemão se havia enleado numa rede de pesca do atum, lá para o Algarve. Todos rejubilaram, mas a noticia era falsa. Portugal tinha mais uma cidade: a cidade de Paulona, em Tancos, em cujo campo se dava instrução aos soldados que iam para a França, comboiados pela esquadra inglesa. Levavam sempre uma guitarra, um saquitol vermelho e o coração cheio de saudades. Um deles chamava-se *Mlhões*, e voltou de lá com a Gran Cruz da Torre e Espada. Chamavam-se os serranos.

Todos os clubes estavam abertos. Jogavam-se fortunas, antes de se jogar a vida lá longe, nos campos encharcados da Flandres. Mas Lisboa estava triste, fria, até mesmo desalentada. As *bichas* eram cada vez mais extensas às portas dos estabelecimentos. Faziam-se negocios fabulosos, queimando para carvão florestas inteiras, e traficava-se com os abastecimentos das tropas em campanha, duma maneira criminosa. Latas de conserva podre, calçado com solas de papelão, medicamentos falsificados. Que o digam, ainda hoje, os soldados das expedições de Africa. Nobremente, Antonio José de Almeida ocupava a chefia do governo. Mas não chegava para tudo, e muita coisa, como sempre, era-lhe ocultada. Norton de Matos, organizador admiravel, «fazia» um exercito. O soldado português, mesmo mal apoiado á retaguarda, batia-se valentemente. Começavam-se a citar os primeiros oficiais feridos ou mortos nos campos de batalha. Alguns voltavam com o peito coruscante de condecorações. Um deles era Monteiro Torres que, veementemente, defendera a entrada de Portugal na guerra. Vimo-lo nesse dia atravessar a Arcada, num crepusculo frio de inverno, alto, rosto juvenil, traçado duma heraldica de nobreza, ombros largos, quadrados, a pelica desabotoada, polainas de cabedal negro, muito reluzentes. Deixava atrás de si uma senda de admiração, que fingia ignorar. Cortava sempre a direito, por entre a curiosidade dos transeuntes, e o sorriso amarelo dalgum «embuscado», metendo-se pelos charcos da chuva e os lagos de gasolina dos automoveis ministeriais. A agua e o oleo saltavam, esparrinhavam, mas ele indifferente prosseguia, sem que uma gota de lama salpicasse o verniz negro das botas. Foi sempre assim na sua curta e gloriosa existencia. Nunca dobrou a cerviz, nem tomou um atalho, mesmo que o salvasse da morte. Em fevereiro de 1916 segue para França, com Antonio Maia, então capitão e Lelo Portela, ainda tenente. As patentes são diferentes, mas os três têm a idade dum alferes, «équipe» admiravel de energia moça, a sonhar gloria no alto das estrelas.

Na escola de Hendon tiram o *brevet*. Aquilo é rapido. A guerra e a deficiencia dos aparelhos gastam quantidades prodigiosas de material humano. A pericia ainda não conta, mas a fibra, a loucura, a audacia do piloto. Morrem tantos no ar, como em terra, mas lá em cima é melhor, mais belo. Troca-se as voltas ao destino, e em vez de se ser vitima dum estúpido acidente de campo, recebe-se uma bala no peito, gritando: *Viva Portugal! Viva a França!*

São os primeiros cavaleiros do ar, que levam, apenas, na carlinga aberta, a manga duma metralhadora. Os aviões são ainda de tela e madeira, monoplanos, com a velocidade dum automovel de hoje, de marca vulgar. Terminado o periodo do treino, os três aviadores seguem para a frente inglesa a juntar-se a Santos Leite. Ficam a prestar serviço na esquadilha 11 da R. F. Corps, cuja base é em Choccs, a sudoeste de Bethune. A principio são empregados como observadores,



OSCAR MONTEIRO TORRES

Vôos de reconhecimento sobre as linhas inimigas e, por vezes, á sua retaguarda espionando uma concentração de tropas, que se faz na aldeia tal que, no mapa de bordo, está circulada a vermelho, ou, então, uma «gare» importante, bloqueada de vagões de renunciação. Aquela vida é arriscada, mas sem gloria. Um tiro de metralhadora é o bastante para ceifar uma daquelas ambições gloriosas. Pedem ao comandante inglês que os «passe» para pilotos, mas aquele observa-lhes que o melhor será voarem nos aparelhos portugueses, que devem estar a chegar. Os oficiais portugueses, com certeza, sorriram. O que, então havia, como aviação em Portugal, era insignificante. Quando muito para uso interno...

Monteiro Torres, chefe da missão, tem uma ideia, que é, a-final, uma esplendida derivante.

—E se fossemos frequentar uma escola de acrobacia?

Encantados! Vão primeiro para a de Avior, mas com não se dessem bem, transferem-se para a de Pau. «—E os aviões portugueses quando vêm?». Talvez Kitchener tenha inquirido na chancelaria inglesa. Ninguém lhe soube responder. O grupo dos nossos oficiais, com receio que a guerra acabasse antes que o nome português fosse escrito, no céu da França, com o *tic-tac* duma metralhadora, resol-

ve alistar-se nas asas francesas. Mais um esforço e serão livres. Poderão não já voar, que as suas provas são brilhantes, mas combater. Especializam-se em vôo nocturno na escola de Miramas, completando o treino no *General Deposits de Entrainement*. Só, então, são recebidos na aviação francesa, mas para os compensar de tanto tempo perdido, enviam-nos para uma das melhores esquadilhas de caça: a 124, do grupo de combate 13, comandada pelo major Fecquent, hoje general, que, gloriosamente, ilustrou o seu nome na guerra. Desempenham varias missões arriscadas, e são, por vezes, perseguidos pelos rebentamentos da D. C. A.

O fim de Monteiro Torres está proximo. Numa manhã glacial de novembro de 1917, eleva-se no ar num minúsculo aparelho. É seu companheiro de patrulha Lamy, da esquadilha dos *Cegonhas*, comandada pelo celebre Brocart. Os dois aviões sobrevoam as linhas inimigas entre Laon e Chemin des Dames, mais dois biplanos alemães, negros como aguias, aproximam-se, velozmente, ao seu encontro.

Andamos ali auxiliando a regulação de tiro duma bateria, que momentos antes tomára posição. Monteiro Torres deve ter sorrído. Dois contra dois está certo! É um combate leal. Mas não, enganou-se. Os dois pilotos inimigos não estão sozinhos. Têm uma retaguarda potente. Cinco aeroplanos de reserva, que avançam, com a rapidez dum relampago. O capitão Lamy retira-se, esperando que o seu companheiro de patrulha faça o mesmo. É o indicado, tudo o mais será rematada loucura. Mas Monteiro Torres não escuta o que a prudencia lhe terí, talvez, dito, nesse supremo instante. Lança-se sobre o grupo de asas adversas, que o rodeiam, num circulo de fogo, despejando a sua metralhadora. São cinco minutos sobrehumanos, terríveis, tragicos naquele céu lutuoso de guerra. Monteiro Torres, mortalmente ferido, abandona as alavancas de comando, e o aparelho, com o motor para baixo desce, vertiginosamente, num sulco de fumo, caindo em terra, num montão de destroços vermelhos.

No dia seguinte a esquadilha de Monteiro Torres sobrevôa o local. Ninguém a incomoda. Os alemães respeitam aquele gesto piedoso de camaradagem. O avião chefe deixa cair uma mensagem, perguntando noticias do aviador. Vinte e quatro horas depois, sobre o aerodromo francês de Noblette, ao norte de Chalons, cai um objecto duro, agarrado a uma longa tira de pano branco. É a resposta dos alemães: Monteiro Torres não sobreviveu ao desastre. Morreu como um herói a olhar de frente, atacando o inimigo a direito, tal qual como quando atravessava a Arcada, entre a curiosidade da multidão e o sorriso amarelo dos «embuscados» que não compreendiam a sua varonil altivez.

NOTÍCIAS DE PONTE DO SOR

PONTE DO SOR, 26.—Pela direcção do Gremio Alentejano e pelo seu conselho regional foi prestado hoje nesta vila uma homenagem de saudade ao ilustre pontossorense e grande benemerito José Nogueira Vaz Monteiro.

Cerca das 15 horas chegou de Lisboa a carravana que conduzia os representantes daquele Gremio, que eram aguardados á entrada da vila pelas autoridades locais, por agremiações com os seus estandartes e por muito povo.

Organizou-se um cortejo, que seguiu para a Camara Municipal, parando defronte da casa que foi residencia do ilustre cidadão. Guardou-se um minuto de silencio. Na Camara foram dadas as boas vindas pelo presidente sr. tenente Mourato Chambel.

Seguidamente o cortejo dirigiu-se para o cemiterio, onde foi deposto no tumulo de Vaz Monteiro um enorme ramo de flores. Novamente posto em marcha, dirigiu-se para o teatro-cinema, realizando-se, aí, uma sessão solene de homenagem em que fizeram uso da palavra os srs. tenente Mourato Chambel, presidente da Camara, tenente-coronel Antonio Baptista de Carvalho, dr. Rafael Calado e engenheiro Custodio Nunes, do Gremio Alentejano. Francisco Mota Junior e dr. Jaime Prezado.

A esta sessão presidiu o sr. governador civil do distrito de Portalegre sr. dr. Manuel Magalhães Pessoa, que tambem representava o governo, sendo secretariado pelos representantes das Camaras Municipais de Portalegre e Elvas, engenheiro Custodio Nunes e dr. Rafael Calado, do Gremio Alentejano.

Encerrada a sessão, dirigiram-se todos os presentes para o hospital Vaz Monteiro, onde foi descurada uma lapide pela sr.ª dr.ª Jovita de Carvalho, directora daquela casa hospitalar, que leu em seguida um comovente discurso, focando as qualidades bondosas de tão prestante figura. Estavam representadas todas as Camaras Municipais do distrito.

Os edificios publicos, hospital e cinema, encontravam-se com as suas fachadas cobertas com uma faixa preta.

Comboio de excursão á Covilhã

Tendo caído mais um grande nevão na Serra da Estrela, a C. P. organizou para o proximo domingo, dia 9 do corrente, um Comboio de Excursão á Covilhã, com carruagens para Abrantes, partindo ás 6 e 45 da estação de Lisboa-R., onde regressa á 1 e 53. Vêr horario e condições no cartaz.

Preços Populares.—Para Abrantes, 30\$50 em 2.ª classe e 22\$00 em 3.ª; para Covilhã, 58\$50 e 40\$00. Marcação 2350. Bicicletas 3500.

Os bilhetes são tambem validos de e para Entre-Campos, Braço de Prata, Olivais, Sacavem, Alhandra, Vila Franca, Entroncamento, Fratel, Castelo Branco, Vale de Prazeres e Fundão e prorrogaveis para regressar de Abrantes, Fratel, Castelo Branco, Vale de Prazeres, Fundão e Covilhã até ao dia 13, pagando uma taxa.

Inscrição e prorrogação nas Informações da estação do Rossio, onde tambem se vendem bilhetes para o transporte em camionete entre a estação de Covilhã e a Serra ao preço de 15\$00, a quem os desejar.

As pessoas da provincia que queiram utilizar esta excursão, é concedida a redução de 45 % entre qualquer estação da C. P. e o ponto em que possam tomar o comboio. Dirigir-se o Serviço de Turismo da C. P.—Estação do Rossio, 1.ª—Lisboa (Tel. 2 4146).

DR. ALBINO PACHECO

R. Nova da Trindade, 9
Tel. 2 7023

História da Expansão Portuguesa no Mundo

Dirigida pelos Drs. António Baião, Hernani Cidade e Manuel Múrias, e sob o alto patrocínio dos Ministérios das Colónias e da Educação Nacional

Acaba de sair o fascículo 14, de grande interesse histórico e iconográfico, colaborado pelo Doutor Mauuel Múrias Comandante Quirino da Fonseca e Doutor Mário de Albuquerque.

Está publicado o 1.º volume (12) fasciculos desta notavel publicação, que se compõe de 384 páginas, grande formato, profusamente illustrado com dezenas de gravuras, hors-textis em rotogravura, tricromia, etc.

Um texto histórico de inigualavel valor, subscrito por um escol de eminentes historiadores nacionais. Um perfeito conjunto editorial, raras vezes atingido em Portugal.

Assine a História da Expansão Portuguesa no Mundo e adquiereis uma obra que honrará a vossa biblioteca, e que duplicará de valor bibliográfico em pouco tempo. Verifique nas livrarias qualquer exemplar desta valiosa publicação, e será, em breve, um dos seus assinantes. Peça o prospecto-informativo em todas as livrarias e na sede da Editorial Atica, Rua das Chagas, 23 a 27, Lisboa. Telefone 2 0642.

O problema do café

Os problemas economicos entraram no quadro das questões nacionais de actualidade palpitante. Para solucioná-los, uma das principais medidas a adoptar é a centralização de serviços, destinada a reunir energias dispersas, orientando-as depois com superior criterio para um alto objectivo de reconhecida utilidade geral.

Surgiu assim a necessidade duma politica comercial que, em ampla visão de conjunto, chamasse a si, para os resolver, todos os assuntos.

Verificada a eficacia do corporativismo na metropole, naturalmente se pensou em generalizar a sua applicação aos produtos coloniais portugueses. Nesta ordem de ideias, criaram-se a Junta de Exportação do Algodão e a Junta dos Cereais, que representam duas iniciativas louváveis do ministerio das Colonias.

Outro produto requiere agora a nossa atenção, não só por ocupar importantissimo sector na balança comercial do Imperio, mas ainda pelas circunstancias especiais de que se reveste. Referimo-nos ao café.

Para quatro provincias ultramarinas, é vital o problema.

Deve andar por quinhentos mil contos o capital em jogo. Só este numero poderia servir de argumento decisivo se outras razões varias não justificassem que se encarasse de frente o complexo problema.

A variação constante das cotações e a firmeza de toda a especie de impostos que onera o café, reflectem-se imediatamente em sacrificio dos produtores. Raras vezes, na verdade, o preço de venda ao publico muda e só em casos excepcionais, diminui.

Daqui resulta manifesta incoerencia, que a falta de um organismo superior explica facilmente.

Além disso, applicando o sistema corporativo a este produto, nada fazemos de novo, o que se por um lado é lamentavel, não deixa porém de nos parecer vantajoso. Podemos aproveitar a experiencia alheia. A politica brasileira tem sob este aspecto, significativo interesse. Pelo menos, escusamos de lançar ao oceano toneladas de café, consecutivamente.

Demonstrada a superioridade dos cafés portugueses—ao de Cabo Verde chamou Julião Quintinha o *melhor do mundo*—reconhecidas as vantagens do seu uso, o reduzido consumo metropolitano e diversas outras circunstancias que seria ocioso enumerar neste momento, surge natural e imperiosa a criação dum Instituto do Café, com o fim de imprimir novos rumos á actividade colonial.

Vejamos ao acaso algumas fases do seu programa: redução nos direitos de origem, fretes e variados encargos que asfixiam a livre circulação do produto, como a excessiva carestia de transportes; informações de caracter estatístico; publicação regular de um Boletim, destinado a estudo dos assuntos que se referissem ao café, como análises, doenças e seu tratamento, metodos de cultivo, cotações, etc.; pugnar pela boa apresentação; acordos comerciais; amplo e criterioso serviço de propaganda, para intensificar o consumo—como realização de «Semanas do Café»; instalação de postos agronomicos; assistência financeira; especialização da mão de obra indigena; estender a sua acção a outras esferas, como no respeitante ao açúcar que, por ser demasiado caro, deve influir no fraquissimo uso do café;

A primeira consequencia da actividade do Instituto deveria consistir em assegurar o fornecimento exclusivo de café na Metropole ás nossas Colonias. Já em tempos alguém o escreveu: a solução deste problema é bem mais facil do que á primeira vista parece. Evidentemente, que não pode o esforço individual, solitario, por mais voluntarioso e forte, tornar efectiva esta sugestão, que se impõe. Muito têm feito já os cafeicultores portugueses.

Urge agora que o Estado preste ao caso a devida atenção.

Nesta hora adiantada de realizações de alcance, mal seria, com effeito, que tantos milhares de contos flutuassem ao sabor duma dinamica irregular, sem norte comum e que só por simples acaso chegara a beneficiar os inumeros interessados na questão.

E, na intenção de concorrer para um serviço profundamente nacional, deixamos aqui as bases dum organismo de protecção e defesa, cuja falta já muito se nota na economia do Imperio.

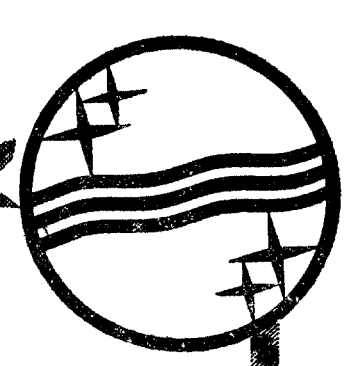
A. EMILIO GOMES

A aviação naval da Inglaterra

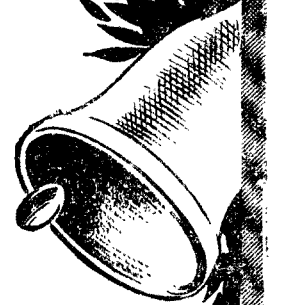
A Aviação Naval inglesa contará, dentro de pouco tempo, com dez mil homens, entre officiais, sargentos e praças e setecentos aparelhos dos mais modernos tipos.

As primeiras medidas para assegurarem a potencia aerea naval, já foram tomadas. Embarcaram, em alguns porta-aviões, algumas esquadilhas de monoplanos de bombardeamento, ultra-rapidos, «Blackburn-Skua», aparelhos de combate Gloster «Lea-Gladiator», analogos aos da Royal Air Force, mas com as indispensaveis modificações para o serviço naval.

Está em estudo, um novo tipo de aparelho de combate, cujas experiencias se considerarão terminadas no fim do corrente ano.



Lasecca Feliz



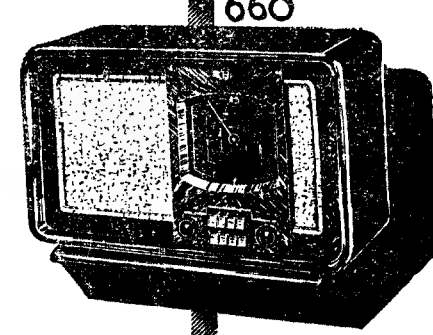
deixando belas recordações só a terá quem receber um brinde de qualidade. Ofereça um aparelho de rádio de linhas harmoniosas e de som incomparavel.

São insuperaveis as vantagens que oferece a sintonização automatica por teclas PHILIPS, bastando uma ligeira pressão em qualquer delas, para que a estação escolhida se faça ouvir com o maximo de nitidez e perfeição.

Peça, nos estabelecimentos dos revendedores autorizados, a demonstração dum



TIPO 660



Visite a Sala de Exposições PHILIPS, Avenida da Liberdade, 3, 1.º

Edições da "Renascença Grafica"

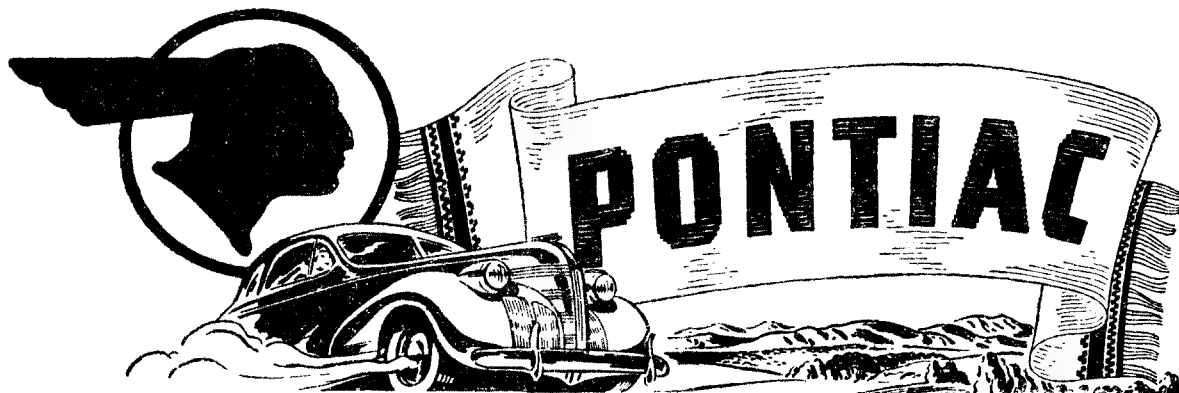
RUA DA ROSA, 7, 2.º
BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por JOÃO PAULO FREIRE (Mario) 20\$00
MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO....

por NORBERTO LOPES 10\$00
O LIVRO DO NOSSO AMOR por SILVA TAVARES 8\$00
ALBUM DE CARICATURAS por FRANCISCO VALENÇA 10\$00
PORTUGUESES EM ROMA, por NORBERTO DE ARAUJO 10\$00

Leia o

fixe

SABADO ALELUIA CONVITE



SAMAMEDE, L.ª tem a honra de convidar V. Ex.ª e sua familia para visitar o novo Stand «PONTIAC», que se inaugurarã no proximo sabado, dia 8, às 16 horas

EXPOSIÇÃO DOS MODELOS PONTIAC 1939

das 16 às 24 horas

Travessa de S. Mamede, 74

O PORTO DIA A DIA

A velha lenda da Senhora das Verdades



A capela da Senhora das Verdades e os pontos de passagem obrigatória para quem «vaz às vozes», Arco das Verdades, Escadas do Barrado, rua da Senhora das Verdades...

A superstição popular no Porto merece que se lhe dedique algumas linhas do nosso jornal, quanto mais não seja para fazer prova de ingenuidade de certas pessoas.

Vamos referir-nos à velha crença popular do «andar às vozes». Esta expressão significa: vaguear por determinadas ruas, à custa do que os outros dizem, para, segundo o que se escutar, nos servir de bom ou mau agouro para ideia fixa que se traz no pensamento... Já Castilho, no «Amor e Melancolia» aludiu a esta tradição, que os namorados apenas seguiam na noite de S. João, como as «midinettes» de Paris que, na noite de Santo André, atiram com as meias para detrás da cama, a ver se no outro dia pela manhã elas têm a configuração das iniciais do seu futuro marido.

No Porto, a coisa é mais completa e a superstição é extensiva, na crença do povo, a qualquer noite do ano.

Nos Açores também se «anda às vozes», mas só com uma diferença: para não se falar e só se ouvir, a pessoa que deste modo quer antever o que o futuro lhe reserva vai às vozes levando a boca cheia de água, o que é bem cruel para quem seja loquaz.

No Porto ha uma capela em ruínas, por detrás do antigo Paço Episcopal, utilizado hoje pela Câmara Municipal, para sua sede provisória, enquanto o novo edifício, vulgo «Pedreira da Avenida», não está concluído. É ali o ponto de partida para os penitentes de ambos os sexos, que «vão às vozes». A capela em questão chama-se de Nossa Senhora das Verdades. A imagem desta santa, que nunca vimos, mas que nos dizem: que era perfeitíssima, esteve em tempos remotos sobre uma das portas da cidade. Com a demolição das muralhas foi, a expensas dum conego da Sé do Porto, de nome Nicolau de Paçada, construída a referida capela e no seu altar pôr colocada a santa de pedra, que, milagrosamente, nada sofreu com a dureza dos combates do cerco do Porto que multissimos estragos causaram nas paredes que a cercavam.

Mais tarde, por alturas de 1843, foi a capela

restaurada, mas lá ficou sempre Nossa Senhora das Verdades, a quem o povo muito queria e que ainda hoje não abandonou, apesar de já lá não existir senão uma oleografia que por dois lados da porta se vê pregada numa parede lateral. Entim lá a chuva e o sol, pois o telhado já ha muito desapareceu.

Ainda ha pouco seguimos todos os passos dum pobre mulher—sabe-se lá com que triste pensamento a torturar-lhe o cérebro!—que durante uma noites lá foi, na ansia fervorosa de saber fosse o que fosse...

As peregrinações são feitas á hora das Trindades, ou então á meia noite.

Depois de ajoelhar e fazer uma oração breve, a pobre criatura em questão lá seguiu pelas escadas das Verdades, pela rua da Senhora das Verdades, e por tucruosos bôcos do emaranhado bairro da Sé, e por fim, pelas amplas e movimentadas ruas do centro da cidade, ouvindo este dito, aquela frase, uma ou outra palavra que no seu obcecado espirito lhe devem por certo ter provocado alegrias, tristezas, indecisões, duvidas cruéis ou esperanças acariciadoras.

Ha os casos serios que nos inspiram compaixão, mas também ha os das pessoas que, a propósito de tudo e de nada, «vão às vozes». Estão nestes casos os namorados.

Os moradores do sítio são suficientemente psicólogos para os diferenciarem, respeitando uns e ridicularizando outros. Sempre que lhes palpita tratar-se de casos amorosos, são as próprias mulheres quem ás portas, fingindo conversar naturalmente, pronunciam frases que por certo vão produzir os seus efeitos, tais como: «Eu bem sei que ele tem outra...», «Ele já tem dois filhos dum rapariga que abandonou...», etc., etc.

E assim, muitas vezes vão-se sabendo certas verdades ditas pelo povo, cuja voz é a de Deus...

É uma tradição que não morre, a da velha lenda da Senhora das Verdades... O pior é que nem todas as verdades se dizem...

GUILHERME CARVALHO

O NOVO MAPA DA EUROPA

A Ucrânia Carpática

No século treze a Ucrânia era a região da Rússia que mais sofreu da invasão de mongóis e era então a parte mais civilizada e mais próspera daquelas regiões; devia a sua cultura á influencia de Constantinopla. Riev, sua capital, era a mais civilizada e mais desenvolvida das cidades slavas e como o país era o mais exposto ás invasões, foi o que mais sofreu dos mongóis, nunca tendo recuperado o seu antigo esplendor. De vez em quando descobrem-se tesouros de tempos passados, testemunhos de uma civilização que desapareceu. Na Suíça Soviética vive hoje a maioria dos antigos habitantes da Ucrânia; sete milhões deles vivem na Polónia; algumas centenas de milhar na Romenia e um meio milhão na Ucrânia Carpática, a oriente da Checo-Eslováquia, e pode-se percorrer esse país durante dias inteiros, sempre através de florestas virgens. Na parte superior das montanhas encontram-se as pastagens para o gado para consumo, á mistura com cavalos bravos, veados e outros. As florestas estão cheias de linces e ursos.

A sua nova capital Chusk, que é apenas uma grande aldeia, constitue, segundo se diz, o ponto central para o qual convergem os esforços pro-ucranianos dos alemães. O presidente do governo é Monsenhor Volosin, um prelado de pronunciada tendência germanofila. O progresso do país estacionou ha séculos.

As moradias das aldeias são construídas de barro intermeado de pedaços de hastes das arvores, mas pintadas de cores alegres e vistosas, como succede em toda a Ucrânia. Ha algumas casas de madeira, mas este material é mais proprio para as igrejas do sul da Rússia e ainda que o povo seja catolico da Igreja de Roma, muito do seu ritual pertence á Igreja ortodoxa grega. As casas dos camponeses têm apenas um aposento com uma unica cama grande e alta, á roda da qual no inverno se acomodam filhos e os animais domesticos; o ultimo bebé dorme dentro do berço pendurado nas vigas do tecto e telhado. O numero de nascimentos é muito elevado e o das mortes igualmente. Ao tempo do dominio húngaro o tifo e a difteria arrasavam a população; sob o dominio dos checos melhoraram as condições higienicas e sob a administração do governo de Praga construíram-se estradas, caminhos de ferro, escolas e hospitais e com estes melhoramentos diminuiu o numero de analfabetos. Em 1890 a população contava 90 por cento dos seus habitantes, que não sabiam ler nem escrever. As terras de lavoura são ainda hoje cultivadas como nos tempos mais primitivos e rendem pouco, mas são consideradas férteis se fossem cultivadas pelos processos modernos; diz-se que as montanhas contêm grande quantidade de minerais. Em virtude do atraso em que o país se encontra uma grande parte da população expatriou-se e ha hoje tantos ucranianos nos Estados Unidos da America como na sua patria. A Galicia também carpática constituiu em tempos o país russo mais a ocidente da Rússia, mas em meados do século XIV foi incorporada na Polónia passando alternadamente de posse de polacos para a dos magiares, ficando finalmente na posse daqueles e a linha de separação entre estes dois povos foi determinada pela cordilheira dos Montes Carpatos. Nos desfiladeiros a sul dos Montes Carpatos ha um país pequeno, em forma de cunha, que durante uma unica geração recebeu três nomes: Ruténia, Rússia Sub-Carpática e que se chama actualmente Ucrânia Carpática. Não mede mais de uns 900 quilómetros de comprimento por uns 250 de largo. Fez talvez parte do grande imperio búlgaro até ao século XI, mas desde então os húngaros chamavam-lhe «o seu limite ruténiano», habitado por russos. Como os mongos destruíram tudo no seu caminho, é provavel que os habitantes actuais tenham infiltrado no país apenas desde o século XIII. Foram sempre camponeses meio escravos, ao serviço dos grandes proprietários da terra. No século XIX houve um renascimento de cultura ucr-

niana, que não era contra a Rússia, mas tendo o czar Alexandre II prohibido o uso da lingua ucraniana, o movimento tomou uma feição anti-russa e assim permaneceu até ao presente, apesar dos esforços da Rússia. Durante a ocupação alemã da Pequena Rússia, de 1917 até 1918, foi tarefa facil para os alemães cimentar o antagonismo entre estes territorios e a Grande Rússia. Em Kief estabeleceu-se um parlamento ucraniano sob a protecção alemã, que nomeou um regente para o país, o qual vive ainda hoje em Berlim. Consta que a maior parte das associações nacionalistas da Ucrânia dirigiu-se ao governo do Reich para que convertesse o país em «Lar Nacional Ucraniano» sob a sua protecção. Contra este plano lutam desesperadamente a Polónia e a Hungria cujas fronteiras permaneceriam separadas.

A população ucraniana da Bucovina do norte reclama também a sua inclusão numa Ucrânia Maior autonoma.

Como se vê, ha aqui um labirinto de interesses e ambições difficil de deslindar e do qual, segundo as probabilidades «tercis gaudet».

Os polacos receiam que a Ucrânia Carpática, em teoria, parte da Checo-Eslováquia, mas na realidade país de influencia germanica, venha a cair completamente na dependência da Alemanha até que este país um dia execute um novo «push» para se apoderar dos férteis terrenos da zona conhecida por «A Terra Preta». O maior inimigo da Alemanha é o bolchevismo, não tanto porque é comunista, mas sim porque é russo. A luta entre as duas nações não é senão uma fase do antagonismo secular entre eslavos e germanos. Se a Rússia Soviética viesse a desmoronar-se completamente, os alemães nunca mais teriam de defrontar-se com o dilema de manter uma guerra em que seriam atacados simultaneamente em dois «frontes». Adolfo Hitler escreveu no seu livro «Mein Kampf», e o programa politico ali inscrito tem sido cumprido rigorosamente, o seguinte: «Ao falarmos de novas aquisições territoriais na Europa, é evidente que nos referimos em primeiro lugar á Rússia e aos Estados que estão na sua volta e dependências».

Já o citado livro previa a incorporação da Austria e das terras habitadas pelos sudetas e não é, portanto, para surpreender que as suas intenções incluam «O Grande Estado Ucraniano».

ADOLFO BENARUS

PÔNHA O SEU VESTIDO COMO NOVO, EM 10 MINUTOS.



Com as anilinas **HOLSTINA**, que permitem tingir em casa, rápida e economicamente, na cor desejada, todos os tecidos de lã, seda, algodão, linho, etc.

As anilinas **HOLSTINA**, quimicamente puras, não contêm nenhum producto prejudicial, regeneram as fibras dos tecidos e as suas lindas cores resistem á lavagem e ao sol.

Não deite fóra os seus vestidos usados, porque tingindo-os em casa com as anilinas **HOLSTINA** conseguirá vestidos novos por 1 \$ 80.

Sucesso garantido. A venda em toda a parte em 35 cores, todas lindas e modernas.



Representante: **ANTONIO DA CUNHA REIS**
Rua dos Douradores, 83-3 - Telefone 27920 LISBOA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A primeira noite portuguesa no Laboratorio de Fonética Experimental

O Laboratorio de Fonética Experimental da Faculdade de Letras de Coimbra, único no país, é um departamento científico erguido graças à rara energia e força de vontade do seu director, o professor dr. Armando de Lacerda que consegue reunir duas qualidades notáveis—persistência e um devotado amor ao sector que dirige.

Poucos serão os portugueses que sabem da existencia desta secção de extensão universitária, porque a obra notável de ensino e de propaganda no estrangeiro realizada por seu intermédio é, toda ela, trabalhada, propositadamente, pelo dr. Armando de Lacerda num ambiente de superiorização científica, sem alardes ou reclamações.

Mas, exactamente porque a obra é grande, ha que falar dela, apontando-a, não só áqueles estudiosos que se interessam pelos assuntos desta especialidade, mas igualmente a todos os portugueses.

Aos primeiros para que visitem as suas instalações e se acolham aos ensinamentos ali ministrados, num ambiente da mais completa modernização científica e da melhor comodidade; aos segundos para que se habituem a saber que Portugal iguala e, muitas vezes, supera o que se faz lá fora.

A primeira «Noite Portuguesa», admirável festa de arte que serviu de inauguração para o Teatro Experimental da Faculdade de Letras é motivo para estas linhas em que, se lamentamos o desinteresse dos grandes órgãos da opinião publica por um facto que, sem exagero, teve foros de notavel entre as realizações universitárias dos ultimos tempos, temos o dever de louvar a obra construída e o seu realizador, afirmando o triunfo de uma iniciativa que terá continuação nas noites inglesa, alemã e francesa.

No palco do encantador teatrinho

apresentaram-se, sob a direcção dos professores drs. Armando de Lacerda e Paulo Quintela, o «Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra» e os Coros de Alunas da Faculdade de Letras e de Estudantes da Universidade de Coimbra, entre cujos componentes, sem sombra de exagero, se topam autenticos artistas.

A sala, a que presidiu o sentido artistico e é um mimo, comportando apenas uns cem espectadores, possui magnificas condições acusticas—outro milagre do dr. Armando de Lacerda, pois segundo as leis da acustica as suas dimensões e feição circular são do que se podem imaginar de pior para bem se ouvir e anteriormente ás obras agora realizadas, em que se mantiveram dimensões e conformação, as condições acusticas eram desastáveis.

Na primeira apresentação dessa «Noite Portuguesa», em espectáculo de gala, a assistência era composta de professores, artistas, literatos e criticos. Pessoas exigentes que ficaram maravilhadas de quanto viram e ouviram.

Sobre o programa da inauguração do Teatro Experimental e respectiva interpretação alguma coisa devemos dizer.

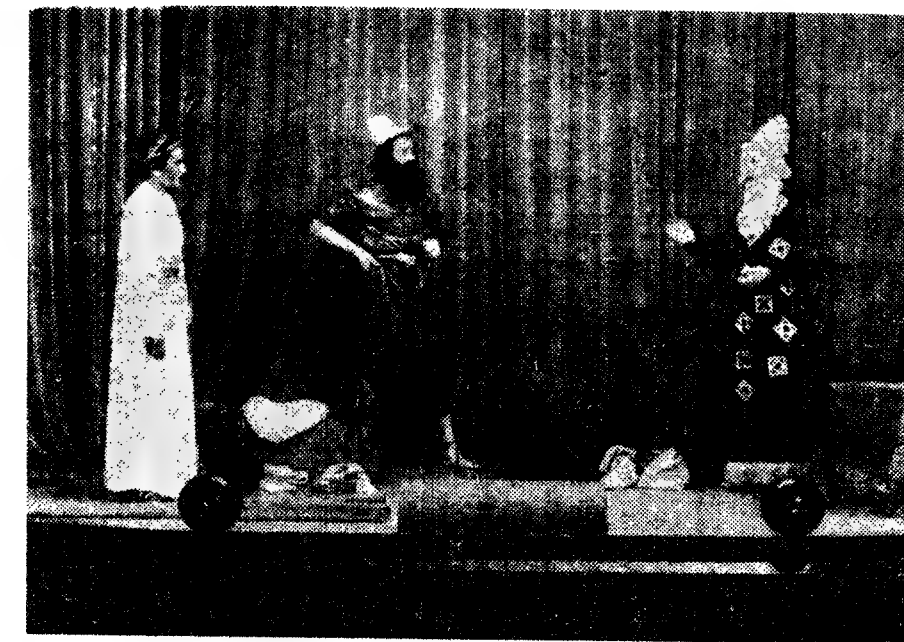
Assistiu-se a uma novidade para uma grande parte do publico—os coros falados.

A sua dificuldade conseguiram os dois professores responder construindo grupos que se saíram admiravelmente, num conjunto impecavel.

Foram executados—«Canções medievais»: «Ai ondas que vim ver...», «Pois nossas madres vam a S. Simen» e «Ondas de mar de Vigos»; «Maria do Mar» e «Adamastor».

Destacaremos as primeiras, pela sua intensa clareza artistica e pelo que constitue de manifestação do caracter do sentido musical das produções de antanho.

O pedaço do livro «Ilhas de Bru-



Uma cena de «Belkiss» representada por estudantes na inauguração do «Teatro Experimental» da Faculdade de Letras

ma» teve, muito justamente, tambem as honras de largos aplausos.

Quanto ao episodio dos «Lusiadas», difficil, mais do que qualquer outro ele serviu de demonstração da forma como todos deveriam pronunciar, sem atropelo de palavras, o que infelizmente é nossa característica e tira o encanto dos recitativos.

O restante do programa foi ocupado com dois pedaços de Gil Vicente e um trecho de Eugenio de Castro que assistia e recebeu uma quente e sincera manifestação de apreço.

Das quatro figuras de «Todo o Mundo e Nenhum», tudo se poderia dizer, se nos limitássemos a afirmar que os interpretes não foram em nada inferiores aos artistas profissionais consagrados a quem temos visto. O «Diabo», observando com frieza as paixões humanas, teve em Decio d'Antas o verdadeiro investigador, activo e severo; «Todo o Mundo», Eduardo Mausinho, magnifico a relatar extensivos os segredos que lhe vão na alma; «Ninguém», Manuel Deniz Jacinto, admiravel na sua humilde timidez, cedendo-se, em dição perfeitissima, a expiação dos peccados de moralidade que o acompanham e «Dinatos», teve em Albano Martins da Costa o apatico que necessitava ser instigado para ir escrevendo os vicios observados. Gesticulação de todos, a propria, sem exageros ou falhas.

De «O Lavrador» («Fica o Purgatorio»), só p' decem, dizer outro tanto, pois a luta de contrastes entre as três figuras foi habilidosa e superiormente demonstrada pelos três estudantes D. Berta Fausta Costa, Deniz Jacinto e Decio d'Antas.

Estamos convencidos de que, vendo representar assim Gil Vicente, ninguém deixaria de correr a espectáculo onde surgissem obras suas e renasceria o interesse pelo teatro classico nacional.

As duas obras da obra «Belkiss», «Para o Misterio» e «A Nuvem», ultima parte do programa, foram exames finais de três verdadeiros artistas. E porque já falámos de um deles, é de justiça citar as inteligentes interpretações de D. Maria Cesarina Viana e José de Sô Gamboa.

Tanto um como outro souberam vencer a dificuldade existente em «Belkiss» e «Nastolen».

A primeira foi rainha em tudo. O segundo numa rudeza que está, para nós, perfeitamente bem ajustada á figura.

Gostámos de verificar que os dois, tal como os já experimentados componentes do «Teatro de Estudantes» cumprem, á risca, a opinião, creio que do celebre professor Regnier, do Conservatorio de Paris—«aprender não é suficiente: é preciso sentir, compreender».

Quanto aqui fica, merecia-o o entusiasmo desse grupo de estudantes, senhoras e rapazes, cujo sentimento artistico se mostrou superior a banalidade e vulgarismo, afirmando a sua disposição de luta contra ambas.

Mais e melhor de quanto aqui fica o merecia ainda o dr. Armando de Lacerda, um dos mais completos espiritos cultos do nosso tempo, vivendo exclusivamente para o seu Laboratorio de Fonética Experimental, numa ansia de perfeição e de aumento, a que ma natureza privilegiadamente reio.

dotou, por forma a reunir em si aqueles dois tipos em que o conde de Sabugosa classificava os homens de valor.

J. V.

LINDAS AVÓS

Experimentem este meio
simples e Fácil de parecerem
mais frescas e mais
novas



A nata de leite e azeite, ambos purificados e esterilizados, são misturados outros preciosos ingredientes secretos. Na famosa fórmula utilizada ha uns 20 anos para a preparação do Creme Tokalon—côr branca (não gorduroso) Nutre e rejuvenesce rapidamente a pele suprimindo rugas e defeitos da tez. Torna a pele fresca e jovem, dando uma impressão de bem estar e deixando um perfume delicioso. Não activa o crescimento dos pelos supérfluos. Reconhece-se que as portuguesas, no seu conjunto, são agora mais bonitas do que ha alguns anos. Os Especialistas dizem que esta mudança surpreendente é devida ao emprego generalizado do Creme Tokalon. A sua venda mensal atinge dezenas de milhares de tubos. Utilize-o hoje mesmo e todas as manhãs parecerá mais nova. Bons resultados garantidos pois de contrario devolve-se o dinheiro.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva á Agência Tokalon de Lisboa, 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

COMPANHIA DE SEGUROS LUSO-BRASILEIRA

SAGRES

Sede em Lisboa--R. do Ouro, 191

(EDIFICIO PROPRIO)

Capital realizado

Dois milhões e quinhentos mil escudos (2.500 contos)

Sinistros pagos até 31-12-938

Esc.: 21:045.116\$72

Agentes em todo o país

Efectua seguros de «INCENDIO», «TRANSPORTES», «AUTOMOVEIS», «POSTAIS», «AGRICOLAS», «ACIDENTES DE TRABALHO» e de «VIDA» em todas as modalidades

A Companhia fornece todos os esclarecimentos a quem os pedir, mandando a casa de quem o solicitar, e sem encargo algum, empregado competente que dará todas as informações.

Aceitam-se Agentes e Angariadores que dêem referencias



ILFORD

CHAPAS (orto e pancro)

SELO

PELICULAS (orto e pancro)

ILFORD

PAPÉIS

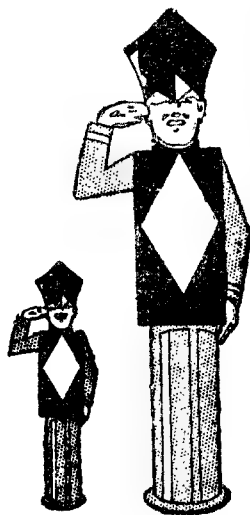
REPRESENTANTES:

Sociedade Comercial MATTOS, TAVARES, L.^{da}

R. DOS SAPATEIROS, 39, 2.^o

Telefones: 25701 - 25704

LISBOA



O melhor fio para calçado



LEÃO

(Marca registada)

Rotu'lo Azul Dourado

Maços de 400 gramas

Peso Líquido de Fio

370 gramas

Sempre imitado mas nunca igualado! O unico que inspira confiança e dá satisfação ao consumidor pela forma inalteravel como ha 15 anos é vendido no nosso País.

A' venda em todos os estabelecimentos de Solas e Cabedais

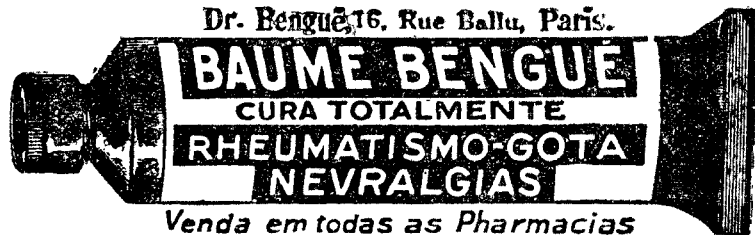
J. WIMMER & C.^o

LISBOA -- PORTO

Agentes e conta própria

Importação -- Exportação

Dr. Bengue, 16, Rue Ballu, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

RENASCENÇA GRAFICA

Relatorio do Conselho de Administração,
contas e parecer do Conselho Fiscal

EXERCICIO DE 1938

1.^o Srs. Accionistas

PASSIVO

Em conformidade com a lei vimos submeter á vossa apreciação as contas do exercício de 1938.

Ao faz-lo sentimos o prazer de vos annunciar que foi este, até hoje, o exercício em que a Empresa obteve melhores resultados, pois que a conta de Ganhos e Perdas apresenta um saldo positivo de Esc. 79.087\$82.

Durante o ano que findou procuramos, pelas formas que julgamos mais convenientes, melhorar as nossas edições, muito especialmente no que se refere a informação internacional. Para tanto, fizemos deslocar, varias vezes, alguns desses redactores ao estrangeiro. O nosso director tambem quis compartilhar desse esforço tendo-se deslocado a França e Suíça para o mesmo fim.

Em 25 de abril vimos os privados da companhia do nosso colega sr. Pedro Bordallo Pinheiro, que uma perigosa doença forçou a ausentar-se para o estrangeiro, mas, felizmente, em outubro tivemos a satisfação de o ver regressar. Embora longe não deixou de nos dar a sua assistência espiritual e, com sacrificio da sua saúde, realizou visitas a fabricas de material de tipografia, para habilitar esta direcção a saber tudo que na de movimento, no genero.

Evidentemente que esta ausencia, que todos nesta casa lamentamos, provocou, como não podia deixar de se, um dispendio de energias enorme, ao mesmo tempo e administrador-delegado sr. Alfredo Vieira Pinto, e forço que não podemos deixar de registar.

As contas que submetemos á análise de V. Ex.^{as} melhor que nós vos poderão dizer da actividade da Empresa e assim, temos a honra de propor-vos:

1.^o—Que aproveis as contas do exercício findo;

2.^o—Que ao saldo da conta Ganhos e Perdas seja dada a applicação prevista no Art.^o 14.^o dos nossos Estatutos;

3.^o—Que ao Conselho Fiscal seja manifestado a satisfação que sentimos por termos, em todas as emergencias, recebido a sua leal e benéfica coo-peração.

O Conselho de Administração—(aa) Dr. Joaquim Munso, Alfredo Vieira Pinto e Pedro Bordallo Pinheiro.

BALANÇO GERAL

Em 31 de Dezembro de 1938

ACTIVO

Devedores e credores	
Saldo devedores	159.348\$24
Valores á cobrança	
Recibos emitidos	118.439\$56
Depositos em Bancos	
Deposito em caixa	49.837\$62
Armazens gerais	
Valor das existencias	165.327\$53
Acessorios e tipos	
Valor dos existentes	21.180\$81
Gastos gerais	
Existencia em valores selados	780\$66
Cobranças duvidosas	
Saldo desta conta	13.942\$05
Edificios e propriedades	
Seu valor	35.218\$10
Maquinas	
Seu valor	287.648\$00
Movéis e utensilios	
Seu valor	21.057\$85
Caixa	
Dinheiro em cofre	48.679\$05
	923.459\$77

Devedores e credores	
Saldo devedores	159.551\$74
Reserva para renovação de material e maquinas	
Saldo desta conta	384.394\$39
Capital	
2.000 acções emitidas e subscritas	200.000\$00
Encargos a liquidar	
Saldo desta conta	46.636\$00
Funda para aquisição de acções	
Saldo desta conta	23.121\$75
Fundo de reserva	
Saldo desta conta	16.726\$02
Reserva para cobranças duvidosas	
Saldo desta conta	13.942\$05
Ganhos e perdas	
Saldo desta conta	79.087\$82
	923.459\$77

O Conselho de Administração—(aa) Dr. Joaquim Munso, Alfredo Vieira Pinto e Pedro Bordallo Pinheiro.

O guarda-livros—(a) M. da Silva Pereira.

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE GANHOS E PERDAS

Lucro com a exploração de edições da Empresa	
Juros abonados	1.290.558\$39
Actualização e desvalorizações da existencia	5.712\$23
Ordens, contribuições, obras e gastos gerais do exercício	250.410\$60
Recibos Jacobraves	962.767\$08
Ganhos e perdas	
Saldo de 1937	4.027\$62
Saldo nesta data	79.087\$82
	22\$50
	1.296.293\$12

Lisboa, 31 de Dezembro de 1938

O Conselho de Administração—(aa) Dr. Joaquim Munso, Alfredo Vieira Pinto e Pedro Bordallo Pinheiro.

O guarda-livros—(a) M. da Silva Pereira.

Ex.^{mos} Srs. Accionistas:

Acompanhamos, com interesse, toda a marcha da Empresa durante o exercício findo e, cumpre-nos dizer que a conjugação de esforços do Conselho de Administração, com todos os seus colaboradores, para conseguir um bom resultado, foi perfeita.

De facto, só uma cuidada administração e uma sábia orientação poderiam produzir uns resultados como os deste exercício.

Por esse motivo, propomos:

1.^o—Que seja aproveada o Relatorio e contas do Conselho de Administração;

2.^o—Que ao saldo da conta de Ganhos e Perdas seja dada a applicação proposta pelo mesmo Conselho;

3.^o—Que seja aproveada e fique registado na Acta, um voto de louvor ao Conselho de Administração, pela sábia, honesta e benéfica orientação como geriu os negocios da Empresa.

O Conselho Fiscal—(aa) Estevão da Cunha Pinheiro, dr. João de Barros e Camilo Fari-nhas.

MADEIRAS

Importação directa de casquinha, pitch-pine, carvalho, nogueira americana, faia, mogno, macacaúba, freijó, pau santo, etc.

Madeiras contraplacadas

Unicos fabricantes do País

Marca registada **SEVERO**

Aduelas e Arco de Ferro

Em todas as medidas, para tanoaria no nosso armazem do Poço do Bispo

Torrens & Marques Pinto, L.^{da}

RUA VASCO DA GAMA, 33 a 37

TELE { FONES: 6 0176, 6 0177 e 6 0178 P B X
GRAMAS: FLORESTAL

LISBOA

A Europa regressa ao sistema de alianças

Da segurança colectiva a Munich

Duas experiencias que se malograram com prejuizo para a causa da paz

Numa semana, transformação total da politica europeia.

O espirito de Munich, que nascera em setembro de 1938 entre gritos da humanidade horrorizada pelo espectro da guerra, morrera e fora enterrado, em março de 1939. A Checo-Eslováquia que tinha sido a razão do seu aparecimento, justificava igualmente o seu ocaso. Os imponderáveis, como queria Bismark, continuavam a reger os destinos dos povos.

Restava substituir esse espirito caído aos golpes impiedosos do germanismo na sua marcha para leste. A Inglaterra tomou a iniciativa das operações.

Com que intenções e com que resultados?

Quando os homens de Estado nas democracias ocidentais deixaram que o realismo tomasse o passo ao idealismo genebrino, o eixo Roma-Berlim surgiu como uma consequência inelutável do malogro da segurança colectiva.

Chamberlain declarou nos Comuns que a Sociedade das Nações não podia ser um fetiche para o imperio britânico.

De facto, surgiram os blocos ideológicos opondo-se com o fragor característico das lutas internas, animadas pelo odio e pela paixão sectaria. Dum lado o bloco germano italiano; do outro o entendimento franco-britânico.

O período de negociações, que começara com o Anschluss e a demissão de Eden (março de 1938) culminou no acordo de Munich (setembro de 1938).

Londres decidiu, num e noutro caso. Enarantanto, a fogueira espanhola crepitava.

A boa vontade da Grã-Bretanha e do seu primeiro ministro afirmava-se em todos os campos.

No discurso que proferiu, horas antes de partir para Munich, Chamberlain recordava que a sua vontade de paz conhecia apenas um limite: o que fosse posto por qualquer tentativa de hegemonia na Europa e no mundo. A sua voz quebrada pela fadiga e pelo desgosto era a de alguém que vê desfeitas as suas mais legítimas e mais arreigadas esperanças.

No dia seguinte foi a reunião dos quatro. O primeiro ministro britânico, que não hesitara em se deslocar de avião para falar com o Fuehrer, simbolizava uma orientação definida e concreta que encontrara eco profundo na consciência universal.

Os que o seguiam afirmaram justamente:

Valerá a pena arriscar uma guerra mundial para salvar um país criado artificialmente pelos tratados de paz?

Os franceses Henri de Kerillis, votando contra Munich, exclamava na Câmara francesa:

Não é pela Checo-Eslováquia que eu me bato. Eu bato-me por uma coisa que devia ser sagrada e decisiva aos olhos de todos os homens lucidos do nosso tempo. Bato-me pelo equilibrio



A' sua chegada a Londres, o ministro dos Estrangeiros polaco, coronel Beck, é recebido pelo seu colega da Grã-Bretanha, Lord Halifax

do continente, ameaçado pela vaga do germanismo. A Checo-Eslováquia é a pedra de toque e a razão desse equilibrio. Desaparecida ela, a corrida para a guerra será vertiginosa. Não conheço, por isso, adversários nesta hora.

Ao olhar em torno de si, o deputado Kerillis, chefe da organização eleitoral dos partidos da direita, herói da Grande Guerra, aviador coberto de gloria, cavaleiro sem mancha da causa francesa, reparou que estava só.

O espirito de Munich correspondia a um estado de alma universal, a uma aspiração profunda da consciência humana, a um desejo de paz que só os irreflectidos seriam capazes de contrariar.

* * *

Durante seis meses, as tentativas de aproximação, de entendimento, de concordia, multiplicaram-se no terreno economico e no terreno politico.

Precisamente trinta dias decorridos sobre a reunião de Munich, os deputados italianos gritavam em Montecitorio: «Tunisia! Corsega! Djibuti! Nícel!».

O diferendo franco-italiano agravava-se. François Poncelet, isolado no Palacio Farnese, limitava-se a uma observação estreita do que se passava á sua volta.

O eixo trabalhava a pleno rendimento. Mussolini, denunciando os acordos de 1935, tornava oficiais as reivindicações que a sua Imprensa anunciara.

Na Europa Central, na zona danubiana, na Polónia, os sintomas de inquietação acentuavam-se. Em princípios de março ninguém tinha dúvidas sobre a próxima evolução dos acontecimentos.

A Checo-Eslováquia era um condenado á morte, cuja execução se aguardava a cada momento.

Quando as tropas do Reich atravessaram a fronteira, para estabelecer o seu protectorado sobre a Boemia e a Moravia, as posições tinham-se definido, as dúvidas tinham-se dissipado.

A reacção das chancelarias interessadas não se improvisou; estava preparada de há muito.

A reacção da opinião publica, sobretudo em França e na Inglaterra, tomou, porém, proporções excepcionais.

Com a ocupação militar da Checo-Eslováquia veio a onda de boatos, alguns deles justificados, em boa medida, pelas precauções militares tomadas de todos os lados. A Romenia e a Polónia consideraram-se ameaçadas.

O governo de Bucarest assinou um acordo comercial com o Reich, que logo procurou contrabalançar pelo estreitamento das suas relações economicas com a França e a Inglaterra.

A Polónia mobilizou, adoptando embora as precauções necessarias para que as medidas militares que julgou necessario adoptar não revestissem o aspecto de uma demonstração anti-alemã.

Os países que têm fronteiras comuns com o Reich também tomaram precauções, embora de menor envergadura. A Romenia e a Lituania manifestaram o seu desejo firme de resistir a qualquer tentativa de agressão.

Assim, a Europa voltou a viver as horas inquietas e agitadas de setembro do ano passado, quando as medidas militares tomaram, em certa altura, o passo ás d-liberações dos politicos e dos diplomatas.

As negociações já entabuladas ou aquelas que se iniciaram começaram a decorrer no meio do ruído das armas.

A Inglaterra, para realizar os seus objectivos, teve de adoptar uma atitude de firmeza, que revelou logo no mundo a ser proposta clara de entrar por um caminho diferente.

A Inglaterra tom

Nos países tot
o receio dum c

Que quer a Grã-Bretanha ao assumir a iniciativa e o comando da manobra diplomatica de grande envergadura actualmente em curso?

Acautelar a paz.

Tendo feito a experiencia da segurança colectiva e das conversações entre chefes de grupos opostos, inicia uma terceira tentativa para evitar o pior. Essa tentativa consiste em juntar á sua volta todas as nações que directa ou indirectamente se sentem ameaçadas pelo dinamismo nazi.

Essas nações são governadas pelos regimes mais diversos e opostos, indo desde o totalitarismo sovietico, pelas democracias francesa e inglesa até aos governos de autoridade forte, como a Polonia, e a Romenia ou de autoridade mitigada como a Turquia e a Grecia.

Evidentemente um tal bloco de potencias decidiria do destino do continente, se fosse possível organiza-lo e dar-lhe a eficacia e a coesão necessarias.

Mas as duvidas começaram de surgir quando o sistema encarado foi objecto de uma critica mais atenta, por parte dos interessados.

Os regimes totalitarios puzeram desde logo o seu ponto de vista que se pode resumir assim:

—Não toleramos que seja desencadeada contra nós uma ofensiva de fundo ideológico inegavel. Não toleramos um cerco efectivo que liquidaria inexoravelmente todos os nossos desejos e ambições que consideramos legítimos.

Se a Grã-Bretanha organiza contra nós uma coligação, repetindo um exemplo tantas vezes registado pela historia, recorreremos a todos os meios «preventivos» para a



Camelin com o general Gort

PRIMAVERA 1938

OUTONO 1938

PRIMAVERA 1939

OUTONO 1939

PRIMAVERA 1940



AUSTRIA



CHECO-ESLOVÁQUIA



HUNGRIA



POLÓNIA



YUGO-SLÁVIA

Os jornais ingleses continuam a sua campanha contra as ambições alemãs e contra o expansionismo germanico na Europa que resumem uma serie de iniciativas diplomaticas e militares, considerando que esta teve a sua primeira fase na co

políticas e militares

a o comando

alitarios continua a haver
arco, que pôde ser fatal

evitar e, em caso de necessidade, para a en-
frentar».

O discurso do Fuehrer, cuja importancia e significado apareceram intencionalmente diminuídos em Londres e Paris não deixam a mais pequena duvida sobre a vontade firme que assiste ás potencias do eixo. A esse discurso seguiram-se medidas concretas de precaução e de prevenção.

O Duce regressou a Roma. A sua conversa telefonica com Hitler foi anunciada da capital italiana de forma significativa. Anunciou-se o desembarque de italianos na Albania, com o fim de isolar a Yugo-Eslavia e paralisar qualquer iniciativa da Grecia. E os chefes militares do Reich e da Italia, Keitel e Pariani, encontraram-se na fronteira do eixo, em Innsbruck, enquanto o general Brauchitsch com o pretexto de acompanhar o protector da Boemia e da Moravia se instalava em Praga.

Ao mesmo tempo os adversarios que Chamberlain tem em Inglaterra, embora prometendo-lhe o seu apoio no parlamento e na opinião publica não deixavam de submeter a sua orientação a uma critica severa.

Sir Archibald Sinclair pronunciou nos Comuns um libelo rigoroso contra alguns dos mais categorizados membros do gabinete britânico, sobretudo contra John Simon e Samuel Hoare.

—A politica actual do primeiro ministro, dizem os que assim pensam, parece-se terrivelmente com a politica de Genebra.

As obrigações a que poderão sujeitar-se os países que devem ingressar na nova constelação diplomatica assemelham-se, de maneira impressionante, ás obrigações inscritas no pacto.

E não é verdade que «coligando-os» se excluam automaticamente alguns outros, como os países escandinavos, cuja fidelidade á ideologia genebrina nunca sofreu quebra?».

O Primeiro ministro britânico pode responder aos primeiros, e já respondeu, que não tenciona «cercar» a Alemanha, desde que este país não ataque os seus vizinhos.

E aos segundos pode dizer que regressar a Genebra seria regressar aos «metodos» de Genebra e que esses metodos são incompatíveis com as circunstancias actuais, com a gravidade da situação e sobretudo com a possibilidade de tomar resoluções inesperadas e rapidas.

O acordo anglo-polaco constitui a primeira pedra do edificio que a diplomacia britânica pretende construir. Tudo indica que, para lhe tirar o aspecto exterior de uma demonstração anti-alemão, em Londres adoptem o metodo de multiplicar os pactos bilaterais de preferencia a assinar-se um pacto de garantia multilateral.

A Inglaterra succederia assim á França na sua politica de aproximação com os países do leste europeu.

De momento, a Europa sabe que está em curso uma serie de negociações da maior importancia. Mas não ignora tambem que elas aparecem singularmente dificultadas pelas medidas militares que de todos os lados se anunciam e podem provocar o recrudescimento da tensão que precede as mais graves resoluções.



O contraste oferecido por estas fotografias define um periodo, tão curto como emocionante, da vida politica da Europa. Entre Chamberlain, desembarcando do avião que o conduziu a Munich, e o Primeiro ministro no dia em que fez a sua declaração sobre a Polonia, vai um abismo

A posição actual do Reich

O mês de março parece predeterminado para estabelecer a grandesa do Reich.

Em março de 1938, conquista da Austria que lhe abriu o caminho da Checo-Eslovaquia; em março de 1939, conquista da Checo-Eslovaquia que lhe abriu o caminho do mar Negro e anexação Memel que lhe preparou o dominio no Baltico.

A posição actual da Grande Alemanha pode resumir-se assim:

GEOGRAFICA—adquiriu territorios que a compensaram largamente das amputações que sofreu por virtude do tratado de Versalhes.

POLITICA—estabeleceu uma hegemonia efectiva na Europa Central e na região danubiana.

DIPLOMATAS—firmou o eixo Roma-Berlim, estabeleceu uma aliança militar com a Hungria, e apertou os laços do pacto anti-comunista.

ECONOMICA—domina toda a zona que vai dos Carpatos ao Adriatico e do Egen ao mar Negro.

MILITAR—criou o maior exercito do mundo e a mais poderosa aviação; aumentou o seu poder ofensivo no mar pela construção de numerosos submarinos; firmou as condições psicologicas e morais capazes de fazer marchar a nação; aproximou-se dos centros abastecedores (Romania e Ucrania) de materias primas, podendo encarar a hipótese de um bloqueio eventual prolongado.

ESTRATEGICA—preparou as condições indispensaveis para conduzir a guerra em duas frentes; na frente oriental fez cair o bastião boemio tendo o caminho desimpedido de obstaculos naturais; na frente ocidental levantou a linha Siegfried que lhe permite usar, com exito, a sua incontestavel superioridade aeronautica.

Os acontecimentos de março de 1939 criaram para o Reich, ao mesmo tempo que uma situação excepcionalmente brilhante, a obrigação de organizar num breve prazo, as regiões anexadas, dominadas, ou influenciadas, federando-as sob o ponto de visto economico e assimilando-as, sob o ponto de vista politico.

A organização nacional da Europa de sudeste e a penetração pacifica para nordeste são as tarefas essenciais que o Reich deve executar num prazo relativamente curto. Os satelites politicos e os fornecedores economicos que criou devem constituir uma confederação girando na orbita do Reich e ao sabor dos seus interesses e das suas conveniencias.

Essa preparação constitui a base indispensavel para uma futura unidade militar, sem a qual as conquistas realizadas seriam precarias.

O bloco de oitenta milhões de alemães criaria assim as condições previstas no «Mein Kampf».

O quadro da grandesa do Reich tem algumas sombras que os seus dirigentes, como os seus adversarios, não ignoram.

Criou-se na Europa e nos Estados Unidos o sentimento geral de que a Alemanha aspira a uma hegemonia que, começando pela unidade geo-historica a que chama «o espaço vital» não tardaria a estender-se ao continente e ao mundo.

Por isso em contrapartida das vantagens que conseguiu, criou uma posição delicada que pode resumir-se assim:

GEOGRAFICA—voltou á situação verificada no começo da Grande Guerra, cercada de nações submetidas ou em vias de submissão, mas não identificadas com as aspirações do germanismo.

POLITICA—preparou a nova coligação que se dispõe a enfrenta-la no terreno das negociações ou nos campos de batalha.

DIPLOMATICA—levou, pela sua attitude, á criação de uma frente das democracias, Inglaterra, França, Estados Unidos) ainda embrionaria mas que faz progressos visiveis e de uma frente anti-germanica na Europa, englobando países de tendencias e finalidades opostas, mas que aparecem animados pelo desejo comum de barrar o caminho do germanismo (Inglaterra, França, U. R. S. S., Polonia, Romania, Grecia, Turquia).

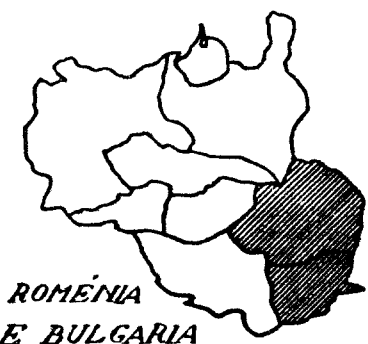
ECONOMICA—incitou a rivalidade das potencias satisfeitas que consideram ameaçados os seus imperios e as vias de penetração que a eles conduzem; levou as nações ocidentais a aumenatr a sua «pressão» economica e financeira a qual inclui medidas praticas de boicotagem.

MILITAR—provocou a corrida aos armamentos em que os seus adversarios utilizam as vantagens que resultam de um potencial financeiro superior e dos recursos em materias primas de que dispõem; levou a Grã-Bretanha a aceitar como inevitavel a ideia do serviço militar obrigatorio; predispoz a opinião publica e a administração nos Estados Unidos para fornecerem um auxilio eficaz, em armas e munições aos antigos aliados, revogando as clausulas proibitivas da lei de neutralidade; obrigou os países do leste europeu a um esforço excepcional reunindo todas as suas energias para um objectivo de defesa nacional.

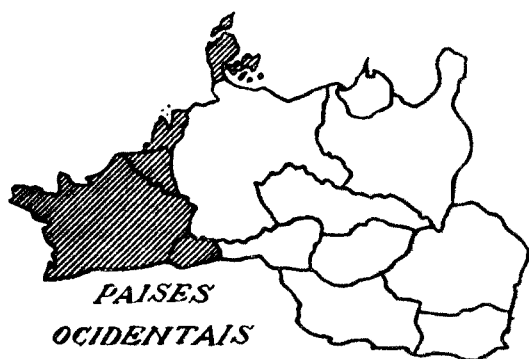
ESTRATEGICA—facilitou o retorno á politica de «cero» que veio substituir a de blocos ideologicos opostos.

A Inglaterra voltou a tomar o comando da diplomacia e da acção militar na Europa; pela sua irradiação no mundo anglo-saxão levou os americanos a adoptar a linha geral das suas concepções em materia de politica externa.

OUTONO 1940

ROMÉNIA
E BULGÁRIA

PRIMAVERA 1941

PAÍSES
OCIDENTAIS

OUTONO 1941



UCRÂNIA

a Central e na região danubiana. Alguns deles reproduzem, a proposito, esta colecção de mapas divulgados no Reich, conquista da Checo-Eslovaquia e cujo prosseguimento inquietou já outros países levando-os a tomar medidas de defesa

O NOSSO TERCEIRO INQUERITO

A crise do teatro português está no proprio teatro

O que se apura de uma centena de cartas que nos foram dirigidas

O terceiro inquerito do «Diário de Lisboa» acerca da Crise do Teatro Português provocou interesse no publico, contando-se por mais de uma centena os depoimentos recebidos.

Nesta pagina, ao alto, dizemos do que julgamos ter apurado da opinião directa dos nossos leitores.

Uma parte dos nossos correspondentes afastou-se das condições do Inquerito, quanto à maneira de expôr: uns enviaram-nos artigos longos, em vez de respostas concisas; outros entraram em pormenores de bastidores, apontando casos pessoais e revelando os vícios do teatro, mais como vítimas deles do que como observadores, qualidade esta que não era também requerida.

Foi, pois, um pouco trabalhosa a organização desta pagina. Mas as sumulas das opiniões são por nós apresentadas, sem falta de respeito pelo pensamento dos que nos escreveram.

A crise nunca existiu

«O publico abandonou o teatro porque: o estado de nervos em que anda lhe faz perder o gosto, mas mesmo assim, se lhe derem bom teatro, ele concorre. Boas peças não têm havido e a melhor é aquela para onde se «encastreira».

Factores importantíssimos para aquilo a que chamam crise:

1.º—Preços, porque não estamos em época de pagar por um lugar 20\$00, ou mesmo 17\$50.

2.º—O habito em que puseram o publico que espera pelos 50 por cento de redução nos preços.

3.º—Os espectáculos acabam á 1 e 30 da manhã.

4.º—O teatro por sessões, porque se em outros se assiste a um espectáculo inteiro por 17\$50, naturalmente o espectador sente-se explorado. A telefonia, o fado e as esplanadas, estas principalmente, e se não vejamos: no verão funcionavam em Lisboa 10 esplanadas. A de menor lotação comportava 2.000 pessoas, havendo algumas que variavam entre 4 a 5.000. Fazemos uma media de 2.000 por cada uma delas; são pelo menos 20.000 pessoas, das quais bastantes poderiam ter ido ao teatro.

5.º—O novo Sindicato dos Artistas que devia ter estabelecido 15 dias de ensaio (para uma revista) a 50 por cento, e os restantes com ordenado por inteiro. 1 mês de contrato prolongável de 10 em 10 dias. Assim evitasse-se o que succedeu e do qual não ha memoria: fecharem dois teatros em época de Natal e Ano Novo.—Lionel.

Ainda é possível primavera

O actual panorama teatral português não se apresenta aos nossos olhos bastante florido—apesar de estarmos em plena primavera. E' fora de duvida que o teatro português atravessa uma crise ou, talvez melhor, uma serie de crises: crise de autores, crise de elencos, crise de organização, crise de disciplina, crise de protecção legal. Remedios? O teatro entre nós vive, de certo modo, em regime de monopólio: meia dúzia de autores, quatro ou cinco «vedetas», um ou dois empresarios. De qualidades? Não nego. Mas tiram agua de mais a uma nascente —e reparem se a agua não acaba por se esgotar. Pelo que diz respeito ás peças, deve estimular-se a produção, abrindo as portas a todos os autores que revelem qualidades. Por outro lado, ha necessidade de organizar os elencos e não é exagero afirmar que ainda temos elementos bastantes para conscienciosamente o fazer. Ha que impôr, apenas, uma disciplina de valores. Em relação aos empresarios o regime de «tiro teatral» tem de ser substituído pelo plano de organização antecipado. Ao critério do acaso tem de succeder o critério de reflexão. Além disso o Estado devia, de certa manzira, estender a sua protecção ao teatro, pelo menos ao bom teatro no qual não deve deixar de incluir-se—inste-se—a revista digna desse nome. Como podia efectuar-se essa inovação? De modos diversos—e entre eles talvez uma imediata diminuição de certos impostos que recaem sobre as casas de espectáculo. Impõe-se igualmente uma redução no preço dos lugares, demasiadamente caros para a economia da maior parte da população. Mas a redução dos preços tem necessariamente de implicar uma redução nos honorários das «vedetas», que decerto estarão prontas a fazer tal sacrificio em prol do bem comum. E, postas todas estas circunstancias, talvez tenhamos ainda no teatro uma primavera em flor...—Luiz de Oliveira Guimarães.

A crise do teatro português—parece apurar-se do nosso inquerito—está no proprio teatro, nos seus elementos dirigentes, e não no publico, ou na concorrência do cinema. Será assim? Leiam-se os depoimentos ou seus resumos, onde aparecem algumas opiniões sensatas, a par de muito pessimismo e de algum exagero critico.

Conclue-se que os preços dos teatros são caros, não tanto pelo custo em si, mas dada a diminuição da poder de compra no publico em geral.

Apura-se uma verdade: o teatro tem quem lhe queira bem, e os proprios que contribuem para o seu desnivelamento cultural e rendoso são vítimas do seu «desleixo».

Nós julgamos concretizar os pensamentos esparsos transmitidos nas cartas recebidas com este conceito: o teatro, a despeito do «controle» que sofre, e que pouco interessa á industria e missão do teatro—necessita de uma disciplina, que não é a do Estado, mas a dos proprios que nele intervêm, pela direcção e pela arte.

Não ha nos depoimentos quem preste justiça aos sacrificios que por vezes os empresarios fazem; aos esforços de muitos artistas, ás suas vidas tocadas tantas vezes de infortunio. Só se atende aos deslises e julga-se que toda a gente de teatro vive em maré de rosas.

Aquella justiça prestamo-la nós.

Opinião que parece ao invés

«A crise do teatro português—o teatro declamado—é devida á modicidade de preços.

O artista tem de ser bem pago, para se educar, viver com relativo desafogo, sentir gosto em «ser do teatro», e se estabelecer, desse modo, um ambiente que não seja o de tristeza, miséria, intriga e expedientes.

As empresas para apresentarem bem as peças precisam de defesa, e os preços arcaçados, ou a arrastarem-se ainda mais, podem levar ao teatro mais com pessoas, mas não contribuem para o prestigio do Teatro.

Entendo que o publico do teatro é diferente na educação e no gosto do publico do cinema.

O publico não vai ao teatro por este ser caro? Não é verdade; não vai porque o teatro se «baixou a si proprio».—J. M. A.

Milagres ninguém os faz

«Se a crise de teatro é, segundo alguns, devida á crise de peças boas, a que se poderá chamar uma «boa peça?».

Existe ainda uma certa pieiade de carolas, apreciadores do bom teatro, mas isso é uma gota de agua no oceano, é uma quantidade tão infima que não ha empresa alguma que se agiente no balanço e que possa contar apenas com essa meia dúzia de «aficionados da velha guarda». Resultado, pois, que as boas peças caem logo no seu inicio, ficando no espirito do publico cada vez mais arcaçada a impressão de que as peças não prestam, e nem sempre succede assim. Desta forma, como poderemos afirmar se as peças são boas ou más, desde que o publico, como grande juiz, brilha pela sua ausencia?

E ha uma razão que afasta o publico: os preços de qualquer das localidades do teatro. Mas como hão de as empresas defender-se, pagando aos «ases», que o publico estecece, porque lhos impuram ou porque Deus lhes deu mais talento ou nervo do que a outros elementos?

Milagres ninguém os faz: as classes que vivem do teatro têm de se corrigir, contribuindo todos para a salvação comum.—J. R. L. A.

Pessimismo

«A crise do teatro é devida á falta de educação civica e profissional de empresarios, artistas, e publico.

Só querem o mau, só realizam o mediocre.—Preto Branco».

Do que o publico não gosta

«O teatro ressentiu-se com o incremento que o cinema teve, mas não o consid. ro vítima deste.

Para se defender do seu adversario penso que deveria atender-se a que:

1.º—Não parece haver necessidade, salvo para os empresarios, de 2 sessões no teatro de revista, porque os artistas cansam-se, os espectadores da ultima sessão chegam tarde a casa, depois de terem de recorrer ao automovel, a revista está menos tempo em cena, donde o conseqente prejuizo para os que nela trabalham e por fim, porque a população, afóra as épocas festivas do Natal e da Páscoa, não justifica tal deliberação.

2.º—Ha artistas, dizem, que têm ordenados excessivos. Daqui uma das causas de se diminuir o pessoal empregado.

3.º—Tanto o teatro declamado como o de revista, quando é bom, tem frequentadores. Não ha, portanto, crise de bom gosto da parte do publico. Do que este não gosta é de pagar 15\$00 por um lugar das extremidades, distante do palco e com um pilarzinho na frente. Os preços são muito caros.—N. N. A.

Não, não e não!

«Foi o publico que abandonou a preferéncia pelo teatro, por evolução lamentavel do seu gosto? A isso respondemos nós, dizendo que indiscutivelmente assim foi, visto que a força de lhe faziam ingratos pratos indigestos, acabaram por o intoxicar e estragar-lhe completamente o paladar, afastando-o por isso da sua convivência com o bom teatro.

Foi o teatro que se desacreditou por carencia de bons artistas e de boas peças? Não, não e não! O teatro não se desacreditou por seu proprio arbitrio: desacreditaram-no, o que é muito diferente. De que o teatro ficou enriquecido, por mal dos nos sos pecados, a um determinado núcleo que dispõe dele e que impõe a sua mercaderia em prejuizo de terceiros, infelizmente que o teatro tinha os seus dias contados. Não ha, pois, carencia de bons artistas nem de boas peças: se o teatro fosse, como devia ser, um campo vasto onde todos pudessem trabalhar sem se «botarem em», não se ouvia o espectáculo, triste e doloroso, que o cenário desse outro teatro que é a vida diaria—mente nos apresenta com a exhibição de artistas de certa envergadura a morrerem de inação, sem contratos e postos de lado como objectos inúteis.—Raul J. A. A.

Opinião clara

«Enquanto o teatro não puder competir com o cinema em preço de entrada, em comodidade do publico que o frequenta, e em programa dos seus espectáculos, a sua crise economica continuará a torturar todos os seus componentes».

E não surpreenderá ninguém que o actual estado de coisas do teatro continue, visto o cinema dispõe de um vastissimo campo de defesa e de elementos varios que o teatro não tem.

Temos artistas muito bons que chegariam, aqui em Lisboa, para organizar um seleccionado elenco de uma companhia de drama, tragédia e alta comedia; uma de comedia e farsa, outra de opereta e revistas. Tudo o que não for isto, é uma concorrência a prejudicar todos.

E' preciso estabelecer aos artistas ordenados mensais, compatíveis com as suas possibilidades e categoria, com o limite minimo e maximo de seiscentos a três mil escudos. Acabar com os espectáculos por sessões, permitindo-se as «matinées». Menos revistas, e que estas sejam como noutros bons tempos, em três actos, preenchendo, assim, o tempo que o espectador se destina a passar no teatro. Assim, a crise não desaparecerá mas atenua-se, o que seria uma vantagem.

Para o teatro se defender da crise que o asfixia, tem de pôr em pratica o seguinte:

Baixar o preço das entradas; seleccionar os seus elementos artisticos; atender ao interesse das peças a representar; oferecer ao publico as mesmas comodidades que o cinema já tem; intervalos de dez minutos, o maximo; começar os espectáculos ás 8 e meia e terminar á meia noite.—Eduardo».

O cinema surgiu

«A crise do teatro português resulta de varios factores, entre os quais o desenvolvimento da 8.ª arte que educou, em novo ramo, o gosto do publico.

Vertiginosamente o cinema apoderou-se dos espiritos e das salas de teatro, não se contentando com as propositadamente edificadas para tal fim. Os teatros só tarde atenderam a reformar as instalações do publico, ao passo que os cinemas ofereciam, desde o inicio, o maior conforto.

Perante a crise surgiu a desorientação, e a gente de teatro, em vez de se juntar numa defesa comum, procurando fazer «mais e melhor», desuniu-se. Deixou S. Carlos de ser opera e ali se instalou uma companhia de declamação; perdeu-se a tradição de pre-encenar dramalhões no Principe Real, operetas no Trindade, comedia no Gimnasio, no D. Amelia, na «season», as celebridades mundiais e na primavera, zarzuela, «cavalinhos» no Coliseu. Apenas na luta pela arte, em face das maiores dificuldades, Amelia Rey Colação não desanima.

Não foi o teatro que se desacreditou por carencia de bons artistas e de boas peças: aqueles existem, tresmalhados ou inaproveitáveis; estas, basta traduzi-las, se não ha genio nacional.

O publico abandonou a preferéncia pelo teatro por efeito da evolução do seu gosto, não lamentavel mas diferente.—S. O. S. A.

Círculo vicioso

«Um círculo vicioso é o que tudo isto é: a crise de teatro é consequência, diz-se, da falta de gosto do publico; essa falta de gosto é originada pelos maus elencos e fracas peças, e deficiente montagem scenica.

E para cumulo da tristeza quando um empresario capricha e accerta com uma boa peça de declamação, acastando o autor tambem na efabulação: o publico não vai lá, porque já se deshabitou.

Remedio? Teimar em representar e apresentar bem, e descer os preços. As revistas não precisam de duas sessões, e se desaparecessem não fazia aos artistas mal nenhum.—Pedro Sem».

Todos iguais

«O Teatro tem de se defender a si proprio, e não andar a choramingar crises sem procurar ele proprio resolvê-las.

Os artistas, por seu proprio interesse, não devem ser iguais a si proprios; os empresarios por seu proprio interesse não devem consentir, e impôr, aos autores que escrevam papeis para certos actores. Não se vai ao teatro ver um personagem X; vai-se lá ver a Beatriz, o Nascimento, a Palmira, a Adalina.

A crise do teatro é consentida pelos elementos que do teatro vivem.—Luiz Costa».

(Ver continuação na pagina seguinte).

LIVRARIA PORTUGALIA

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Sempre as melhores novidades de Obras Literárias, Arte, Medicina, História, Direito Economia, tanto nacionais como estrangeiras

DIRIJAM OS SEUS PEDIDOS A —
PORTUGALIA
75, RUÁ DO CARMO — LISBOA
TELEFONE 2 0791

O NOSSO TERCEIRO INQUERITO

A falta de orientação e os preços caros

contribuem muito para a crise do teatro português

(Continuação da pagina anterior)

Crise só de teatro não ha

«Não ha crise de teatro especifica. Ha crise de touradas, crise de circo, crise de livros, crises de arte plastica, e até crise de cinema.

O publico frequentador de espectaculos tem pouco dinheiro, como o tem aquele de cultura literaria e artistica.

Se a crise é geral, o alarme não será só para um sector de rendimento publico, mas como o Teatro a sofre, deve reagir. Como?

—Estabelecendo preços mininos;

—Não dando a um artista ordenados desmesuradamente mais altos do que outros, embora se entenda a diferença de categorias, porque desse modo um «estrela» ou «estrela» esgota os recursos da empresa e fatiga o publico.—Luiz Moura Sereno».

O publico não se desgostou...

«O teatro não é vítima do cinema. O teatro é vítima de si mesmo, dos seus defectos e enfermidades. Defeitos, quais? Inumeros, desde a petulancia de todos se julgarem «estrelas» e «estrelas» até a sua indisciplina. Indisciplina de artistas, empresarios e autores. Ninguém se subordina; nem os primeiros aos segundos, nem estes áquelles. Isto em síntese».

A culpa da crise do teatro é dos artistas, dos autores ou dos empresarios? E' dos três, pelas razões acima expostas e por muitas outras.

Foi o publico que se desgostou sem motivo, numa crise de bom gosto? Por Deus! O publico não se desgostou. Desgostaram-no—o que é totalmente differente.—Santos R.».

Onde bate o ponto

«A crise do teatro:

—Encargos enormes que pesam sobre as empresas;

—No teatro declamado: dispersão de valores, atrevida de vontade, falta de amor á arte, por

fadiga e por desinteresse; trata-se de ganhar a vida, apenas.

—No teatro ligeiro e musicado: autores sempre os mesmos, com os mesmos motivos de exploração da gargalhada. Actrizes reproduzindo a sua habilidade mais notoria, e actores que se encontram na situação de fazer sempre os mesmos papeis, mudando apenas de fato e de caracterização.

—Preços caros na declamação; duas sessões nas revistas, o que só se compreende em tempo de vacas gordas.

Finalmente, e nisto é que bate o ponto: falta de numerario na bolsa do publico.

Quanto ao cinema:

—Não faz mal ao teatro, ou se o faz algumas vezes não é a essa legitima concorrência que se deve attribuir a crise do teatro português.—Leopoldo W.».

O publico fatigou-se

«A época de dinheiro abundante que se seguiu á Guerra, facilitando a fundação de inumeras companhias, menos que madiores, illudiu funestamente os empresarios e titulares dessas companhias; o publico fatigou-se de ver peças diferentes no titulo, mas iguais na interpretação. Logo que o cinema sonoro permitiu va boas e variadas interpretações, em teatros confortaveis e por menos dinheiro, o publico preferiu-o.

Ao passo que o cinema se renova e melhora, o teatro é cada vez pior.

Os empresarios ou directores de companhias deveriam ser artistas que não representassem ou que escolhessem peças boas para as suas boas companhias interpretarem. Nenhum faz isto, procurando, pelo contrario, apenas papeis para si.

A crise é dos homens

«A causa da crise está no teatro em si proprio, nas lutas de empresarios entre si, na mágoa dos escriptores, e em cousas que o publico ignora, e no inquerito não se comportam, pois havia de parecer «parti-pris» contra este ou contra aquele.

E' falso que os ordenados dos artistas sejam o motivo do encarecimento dos preços. Quem conhece as folhas de companhia sabe-o bem. Com três ou quatro excepções legitimas, os «casos» das companhias são-nos, na folha, por efeito de protecções incontestaveis de accordo com alguns empresarios.

A crise do teatro português é, na generalidade, originada pela carencia de probidade profissional dos que o orientam, elementos pessoalmente simpaticos e mesmo honestos, mas que têm pelo Teatro—função de cultura—uma indiferença absoluta, não percebendo que a si proprios cavam a ruína, e só procurando interesses de ocasião.

Não se trata nesta resposta de «dizer mal», mas as cousas são como são.

A crise não é do Teatro; é dos homens do teatro.—Palma André Lisboa.

Pão pão, queijo queijo

«A cri é de devida:

—A tirarem a cada teatro o seu genero;

—A estabelecerem preços caros;

—Ao repertorio que impõe uma peça seguida, sem alternar com outras;

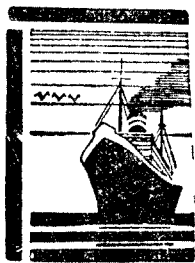
—Aos artistas bons que desdenham fazer papeis que julgam secundarios;

—Aos artistas menos bons que só querem papeis que são superiores ás suas forças;

—Aos autores que escrevem só para certos artistas, levando ao exagero a exploração do «tipo» de um artista;

—Ao publico, que se lhe dão bom teatro não vai vê-lo, passando o tempo a queixar-se de que não se sabe representar nem escrever;

—E, a nós que temos a mania de dar sentenças, e de resolvermos com palavras as crises que só se resolvem tudo ao teatro, e não vamos lá. Pão pão, queijo queijo.—Manuel».



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

CARREIRA RAPIDA DA COSTA OCIDENTAL E ORIENTAL

PAQUETE

MOUSINHO

sairá no proximo dia 10 de Abril, pelas 16 horas, recebendo carga e passageiros para

Funchal, S. Tomé, Pointe Noire, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Moçambique e Beira e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação.

AVISO AOS SRS. CARREGADORES: - Este vapor recebe carga até as 20 horas do dia 4 e desta data até as 20 horas do dia 7, com o aumento de 20 % e sujeitas as ordens de embarque ao visto do Conselho de Tarifas.

CARREIRA RAPIDA DA COSTA OCIDENTAL

VAPOR

MALANGE

sairá no proximo dia 15, pelas 16 horas, recebendo carga para

S. Vicente, Praia, Principe, S. Tomé, Ambriz, Loanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela e Mossamedes, e para os demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação

AVISO AOS SRS. CARREGADORES: Este vapor recebe carga até as 20 horas do dia 12 e desta data até as 20 horas do dia 14, com o aumento de 20 % e sujeitas as ordens ao visto do Conselho de Tarifas.

Para tratar

LISBOA—Rua do Instituto Vergilio Machado, 14

Telefone 2 0052

PORTO—Rua do Infante D. Henrique, n.º 9

Telefone 2342

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro ANUNCIO

Nos termos dos estatutos se anuncia que foram sorteadas, para amortização, as obrigações da 1.ª série Mirandela-Viseu, com os n.ºs 4.541-5, 5.791-5, 7.321-5, 8.731-5, 9.456-60, 9.631-5, 9.676-80, 14.936-40, 15.636-40, 15.711-15, 15.826-30, 16.231-5, 18.671-5, 19.121-5, 20.986-90, 22.816-20, 25.596-600, 25.991-5 27.391-5, 28.461-5, 28.81-5 e 29.076-80.

O pagamento dos titulos amortizados e juros das obrigações relativas ao 2.º semestre de 1938 (cupão n.º 99) começará no dia 3 de Abril proximo futuro e continuará até ao dia 18 do referido mês todos os dias uteis excepto aos sabados, das 11 ás 12 e das 14 ás 16 horas, na sede da Companhia, avenida da Liberdade n.º 18, 3.º, e no Porto, na Filial do Banco Pinto & Sotto Mayor.

Este pagamento continuará depois do dia 18, ás sextas-feiras, para as relações conferidas em cada semana.

A importância líquida do imposto de aplicação de capitais e avença de selo e de registo é de 1\$64 por cupão ou obrigação ao portador, e de 1\$72 para os titulos nominativos.

Lisboa, 22 de Março de 1939.

O Administrador Delegado,
Pedro Joyce Diniz

O «Diário de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.



Feliz
e sem dôres
graças á

Cafiaspirina



União Electrica Portuguesa

S. A. R. L.

Rua Duque de Loulé, 240
PORTO

CAPITAL { Acções 40.000 contos
Obrigações 27.750 »

Electricidade do Lindoso

FORÇA:

instalada	{	hidráulica	40.000 C. V.
		thérmica (reserva)	22.000 C. V.
já contratada			30.000 C. V.
disponível			10.000 C. V.

A mais extensa rede de transporte e distribuição de electricidade em Portugal, levando força motriz às **Fábricas** e luz a **Cidades, Vilas, Aldeias e Logares.**

Venda de electricidade nos distritos de **Viana do Castelo, Praga, Porto, Aveiro, Coimbra, Vizeu e Leiria.**

Taritas especiais muito vantajosas

Facilidades para electrificação de Fábricas



RAINHA DA HUNGRIA

A pesar do Pó de Arroz ser um dos produtos mais generalizados na maquiagem feminina, o seu uso, à primeira vista simples, deve obedecer a um critério de conjunto e sobretudo a dois factores importantes para o realce da beleza — a qualidade e, mais do que a cor, a escolha do tom.

Assim, deve sempre escolher-se um Pó que esteja de perfeita harmonia com o tipo, que valorise o grau de frescura de cada epiderme e realce o colorido natural.

As cores e tons do Pó de Arroz Rainha da Hungria, obtido por processos que constituem um segredo de fabrico e que obedecem ao estudo da coloração natural das epidermes, é um Pó impalpável, cujo grau de aderência e invisibilidade, torna imperceptivelmente a epiderme mais luminosa, mais delicada e transparente, imprimindo-lhe um aveludado deliciosamente natural.

Com o seu novo tom de marfim, as 17 cores e suaves tonalidades deste Pó, permitem o realce mais perfeito e natural da beleza feminina.

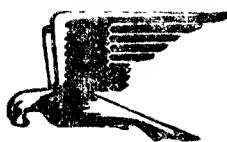
A Agua, os Cremes e o Pó de Arroz Rainha da Hungria, constituem uma série ideal de produtos de beleza para as epidermes normais.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
Av. da Liberdade, 35 — Lisboa — Telef. 21866

Os nossos produtos encontram-se à venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

M'CAMPOS

Telefone 2 8778



End. Teleg. ARFOTO

S. P. L. A. L.

Sociedade Portuguesa de Levantamentos Aereos, L.^{da}

A única organização nacional especializada em trabalhos de fotogrametria

AVIAÇÃO PRÓPRIA

Os mais modernos aparelhos de restituição plana e estério fotogrametria
Socia das Sociedades Portuguesa, Francesa e Belga de Fotogrametria

Medalha de Ouro na Grande Exposição Industrial Portuguesa de 1932
Medalha de Ouro na Grande Exposição Colonial do Porto de 1934

Escritorios e ateliers

RUA DA ROSA, 277 — LISBOA

FABRICA DE PORCELANA DE VISTA ALEGRE, L.^{da}

FUNDADA EM 1824

Sede: Largo da Biblioteca, 17 — Lisboa — Fabrica em Ilhavo — Aveiro

Porcelanas para usos domesticos e industriais — Decorativas e Electricas

DEPOSITOS

LISBOA

Largo do Chiado, 18

PORTO

R. Candido dos Reis, 18

TAMARIZ

ESTORIL

Mariscos, Aperitivos, Refrescos e Chás

Aprazível recinto com divertimentos,
para creanças

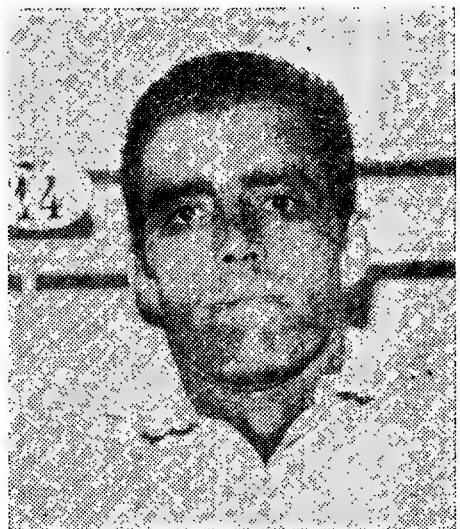
NO TRIBUNAL MILITAR

Vai ser julgado

por deserção

um combatente «viriato»

que entrou nas guerras
de Marrocos e de Espanha



AGOSTINHO MOREIRA MOTA

No Tribunal Militar Territorial está para ser julgado um curioso processo movido contra um soldado de infantaria, de nome Agostinho Moreira Mota, de 32 anos, que desertou das fileiras do Exército em 1931, e fugira para Marrocos, onde se alistou voluntariamente na Legião Estrangeira, na qual prestou relevantes serviços. Caso invulgar: Moreira Mota, ao contrário do que fazem muitos alistados, não quis mudar de nome. E' honrado. Talvez um desgosto familiar ou amoroso tenha levado aquele soldado a afastar-se de Portugal. Eclodiu, entretanto, a guerra civil em Espanha, e o legionário Mota foi o primeiro que se ofereceu ao comandante para tomar lugar na primeira bandeira que se colocou ao lado da doutrina do generalissimo Franco. Assim foi. Veio para o território nacionalista e, fazendo parte da 6.ª Bandeira do Terço, tomou parte nas batalhas da frente de Madrid, Cidade Universitária e Toledo, onde praticou actos de verdadeiro heroísmo a ponto de merecer louvores e citações especiais.

Destacou-se de tal forma que, em pouco tempo, era promovido por distinção a cabo e logo a seguir a sargento.

Dedicando uma simpatia especial pelo sr. capitão Botelho Moniz e sabendo-o comandante do batalhão de «Viriato», passou a fazer parte desse punhado de valentes. Na batalha do Ebro, o legionário encarava a morte com desprezo e nos momentos de maior perigo ou quando tombava um companheiro de armas, gritava com nobreza: «Viva Portugal!».

O legionário Mota, durante a campanha que acabou com a vitória de Franco, foi gravemente ferido sete vezes, nas costas, nas pernas e nos braços. O ferimento que o pôs em perigo de vida recebeu-o na noite de 8 de agosto do ano findo. Esteve internado no hospital de Saragoça, donde veio recentemente para Lisboa, encontrando-se agora hospitalizado na enfermaria-prisão do Hospital Militar da Estrela. Casou há pouco com a senhorita Natalia Hermosilla.

Porque está agora sob vigilância o heroico legionário Mota? E' precisamente esse ponto jurídico que está a ser estudado por quem de direito, não só para beneficiar o nosso compatriota, como outros que se encontram nas mesmas circunstâncias: desertaram do Exército, não por covardia, mas para se bater ao lado de uma causa que se lhes afigurava justa.

O Tribunal Militar, que teve agora conhecimento da vinda do legionário Mota, fez reviver o processo nos termos da lei, a fim de apreciar em audiência, caso inédito, as determinantes da deserção do soldado Mota. Ora, sucede que, terminada a guerra em Espanha, a maioria dos «viriato» está a regressar á sua Patria. Muitos são militares que desertaram do Exército, e, por isso, têm processos instaurados por deserção. A' face da lei, devem responder em conselhos de guerra. As entidades jurídicas perguntam: Os «viriato» que defenderam em Espanha uma causa justa, embora tenham desertado do Exército da sua terra, devem ou não ser julgados por desertores?

Tapetes Portugueses

Ninguém compre sem visitar a interessante exposição da Casa de Artigos Regionais—Arte e Ménage—Alecrim, 71, 1.º—Telefone 2 0711.

FALA O CONSUL DE CUBA

O ACORDO LUSO-CUBANO

abre ao commercio dos dois paises

um caminho cheio de promessas

O actual consul de Cuba e adido commercial a diversas legações do seu país na Europa e no norte de Africa é um destes estrangeiros que bem merecem o título de «cidadãos honorários de Lisboa», de tal modo acompanham a vida portuguesa e amam Portugal. Eduino de Mora ha 17 anos que veio para a capital portuguesa, como secretário de legação. Fez parte dessa pleiade admirável de jovens na idade e no espirito que teve a sua expressão grafica na «Contemporanea». Jose Pacheco, Almada Negreiros, Fernando Pessoa, Tomás Teran, Horacio Garcia Perez... Depois, esteve á frente do consulado no Porto, durante três anos, e desde 1935 passou a gerir o de Lisboa.

Agora, depois de oito meses de estadia em Cuba, Eduino de Mora regressou a Portugal, com sua esposa. E como soubessemos que ele tivera uma intervenção importantissima na preparação do acôrdo commercial recentemente assinado entre os governos dos dois paises, pedimos-lhe que nos desse algumas informações sobre assunto que tanto interessa ao nosso commercio.

—Ao chegar a Havana a missão especial enviada pelo governo português, com o fim de se chegar a um acôrdo commercial—disse-nos—estava prestando serviços no ministerio dos Negocios Estrangeiros, e tive a honra de ser designado,—com o dr. Nicolas Perez Stable, secretario da legação, chefe da divisão de tratados da direcção comercial.

cial, e um dos mais brilhantes e competentes membros da nossa diplomacia —para a delegação cubana encarregada de negociar com a missão portuguesa.

—Quem é, actualmente, o ministro dos Negocios Estrangeiros de Cuba?

—E' o dr. Juan J. Remos, um dos mais altos valores da joven intelectualidade cubana. Orador elegante e conciliatório, medularmente escritor, ensaísta sagaz e catadradico querido e respeitado dos seus alunos, é hoje uma das figuras de maior prestigio e destaque de America. Deve-se-lhe a actual politica externa commercial de Cuba, de positivas vantagens para a nossa economia, e sob as suas directrizes trabalhou a delegação cubana para o acôrdo commercial que ha poucos dias, ao efectuar-se em Lisboa a troca de ratificações, teve a sua consagração.

—E a delegação portuguesa?

—Chefiou-a o sr. tenente-coronel Tomás Willie Fernandes, alto funcionario do ministerio dos Negocios Estrangeiros, secundado pelo secretario de legação sr. dr. Eduardo Bacelar Machado. A escolha do governo português não podia ser mais acertada. O tacto, a delicada diplomacia e a simpatia pessoal do sr. tenente-coronel Fernandes e do seu collaborador conquistaram o apreço e a consideração de todos quantos trataram com eles.

—As negociações foram fáceis?

—Num ambiente de franca harmonia.

Farol da Europa naufraga

Nasceu á beira-mar. E tinha ao lado outros irmãos maiores. E, muito perto, jogando sempre o certo pelo incerto, andava o sarraceno endiabrado.

Surgiu um Rei, um Homem, um Soldado, de sentimento fundo e pensar esperto. E Portugal, com passo duro e certo, era menor, mas foi emancipado.

Como quando um herói o sangue deu, aparece uma estrela, ou mesmo um sol, uma Nação no Mundo apareceu!

(Bateu a espada rude a carne mole). E, na terra, nos mares e no céu, ha para a Europa naufraga um farol.

FELIX CORREIA

Oferta ao Museu Nacional Soares dos Reis

O sr. Diogo José de Macedo Junior (Mem Bugalho), que foi amigo de infancia de Soares dos Reis, e tem sido um fervoroso admirador da obra do grande estatuario, offereceu ao Museu Nacional de Soares dos Reis, com destino á projectada exposição a realizar no palacio dos Carrancas, em maio proximo, uma preciosa colectanea de opusculos, revistas, extractos de jornais, fotografias e gravuras que se referem, por qualquer forma, á vida e á obra do sublimar artista.

E' incalculavel o valor do trabalho do sr. Diogo de Macedo, não se poupando a cansaças de toda a especie para reunir tão precioso material destinado ao estudo completo da notavel individualidade que foi o glorioso autor do «Desterrado».

SINDICATO NACIONAL DOS MUSICOS

No Sindicato Nacional dos Musicos realizou-se, com grande solenidade, o auto de posse dos corpos gerentes recentemente eleitos. O sr. dr. Ivo Cruz foi reconduzido, por unanimidade, no lugar de director, que já occupa ha 7 anos, e o professor Eduardo Liborio foi eleito presidente da assembleia geral. Ao acto assistiram numerosas personalidades do nosso meio musical.

HOMENAGEM AO ACTOR CEGO Mario Campos

Promovido por uma comissão de paroquianos da freguesia de Santa Isabel realiza-se no dia 29, na sede da Sociedade Harmonica Alunos de Apolo, uma interessante festa de homenagem ao infortunado artista Mario Campos. Do programa faz parte a representação da engraçadissima comedia «O Domador de Sogras», desempenhada pelo grupo dramatico de beneficencia Julio Mariano. Em seguida haverá um acto variado, no qual colaboram valiosos elementos da scena.

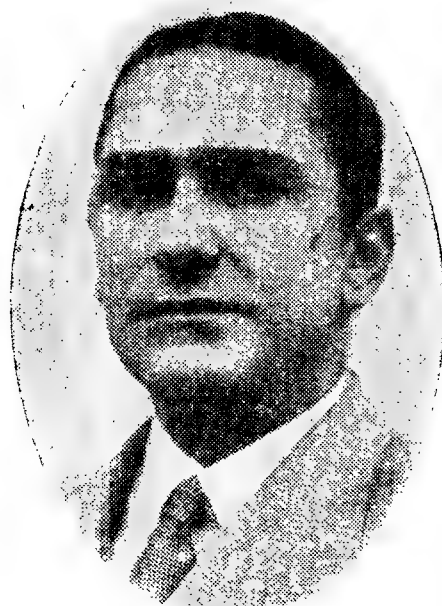
Este festival terminará com um grandioso baile, com a colaboração da Orquestra Tipica «Os Teimosos», primeira classificada no concurso musical organizado pela Federação das Sociedades de Recreio.

SERÕES CULTURAIS

«Outros tempos, Vultos e Sombras do Teatro Português»

A comissão cultural do Sport Algés e Da-fundo prossegue na realização de serões culturais, ás quintas-feiras, no seu vasto salão.

No proximo dia 13, efectua uma conferencia o nosso prezado camarada Mario Barros, que dissertará sobre «Outros tempos, Vultos e Sombras do Teatro Português».



EDUINO DE MORA

nia, e inspiradas ambas as delegações na maior compreensão e boa vontade, as negociações decorreram facil e rapidamente, tanto que no fim dum mês estavam concluidas e estabelecida a estrutura do acôrdo. No acto da assinatura deste, o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros, como plenipotenciario de Cuba, pronunciou sentidas frases, congratulando-se pelo novo vinculo que aproximava ainda mais os dois povos que com tão são e equitativo espirito acabavam de regularizar as suas relações comerciais.

—Pode dar-nos alguns pormenores do acôrdo?

—Com muito gosto. Contém clausulas que protegem, efectivamente, os produtos de ambos os paises contra a competencia desleal por meio de falsificações e de falsas ou simuladas indicações de origem. Assim, os vinhos—tanto o Porto como o Madeira e os de pasto com direito a designações regionais—e as sardinhas de Portugal disfrutarão em Cuba de ampla protecção. E reciprocamente o tabaco havano terá aqui o mesmo amparo por parte do governo português.

E, visivelmente entusiasmado, Eduino de Mora afirma:

—O acôrdo abre ao commercio luso-cubano um caminho cheio de promessas! Negociado na base do tratamento de «nação mais favorecida» que mutuamente se atribuem, a cortiça, as conservas de penxo, o azeite de oliveira, os vinhos e os outros produtos do solo ou da industria de Portugal, ao serem importados em Cuba, pagarão pela pauta minima alfandegaria, gozando, no que se refere a impostos internos, das mesmas isenções concedidas a outras nações com as quais existem também acôrds comerciais. Colocado no mesmo plano dos seus eventuais competidores, as excepcionais circunstancias de momento facilitam a Portugal todas as possibilidades de conquistar o mercado cubano e de consolidar ali as suas posições. No que se refere ao tabaco havano, ha muito conhecido e apreciado em Portugal, forçosamente aumentará a sua exportação para o vosso país—para prazer e deleite dos bons fumadores. Devido á protecção que o acôrdo lhe garante, desaparecerão os obstáculos que hoje impedem a sua expansão, suscitados, na sua maioria, pelos que, usando de procedimentos censuráveis que as convenções multilaterais não conseguem evitar, se aproveitavam do universalmente conhecido nome de Havana—que designa o melhor tabaco do mundo—para introduzir as suas marcas no mercado português, com prejuizo para a industria tabaqueira de Cuba.

E a terminar, o sr. Eduino de Mora disse-nos:

—O acôrdo entra em vigor no proximo dia 24, ao cumprir-se um mês sobre a troca de ratificações. Sobre as suas vantagens e o que dele se aguarda, já se pronunciaram os exportadores portugueses interessados em abrir caminho aos seus produtos em Cuba. Quanto aos exportadores cubanos, todos, e especialmente os tabaqueiros, ficaram satisfeitos. Por minha parte, como consul e adido commercial, realizarei tudo o que me fôr possível para desenvolver o fomento do intercambio mercantil luso-cubano—e confio que os resultados do feliz acôrdo a que chegaram Cuba e Portugal poderão ser rapidamente apreciados em ambos os paises.

CITROËN

SUB-AGENTES AUTORIZADOS
AUTO PALACIO LTD.
AVENIDA DUQUE D'AVILA, 30 — LISBOA

AGENTES EXCLUSIVOS
FRANCO FERREIRA & C.^a LTD.
R. ACTOR TASSO, 36 — LISBOA

Sem rumo...

Pensamento do tempo

S. Em. o cardinal Gerlier, primaz das Gaúllas, fez agora, em Paris, uma série de magníficas e interessantes conferências sobre Pio XI e Pio XII. Contou aneddotas referentes à vida dos dois Santos Padres, a respeito do conclave, sem, contudo, revelar fosse o que fosse, do que deve continuar a ser secreto.

Mesmo os que não sejam católicos apostólicos sentirão prazer espiritual lendo, em apocada tradução, as seguintes frases que, humildemente, trasladamos do seu esplendido elogio de Pio XII:

«Todos os dons parece terem-se dado em breves neste Ser prodigioso, tanto os da natureza como os da graça—uma Majestade sobria numa simplicidade deliciosa, pensamentos luminosos, alimentados por uma intensa cultura, um verdadeiro príncipe da eloquência e que o é, com o mesmo encanto, em oito ou nove línguas diferentes.

Não é somente o continuador do pensamento e da obra de Pio XI, é também, e sobretudo, aquele a quem um verdadeiro poeta muito bem chamou o «Papa das mãos postas».

Ele é o homem da oração. Porque não vos hei de dizer a minha impressão pessoal: quando chamado a assistir, de tão perto do altar, à sua missa papal: eu senti, com a maior emoção, a união íntima, verdadeiramente inexplicável, de Jesus Cristo com o seu Vigário e tal é, em meu juízo, o motivo da extraordinária influência que Ele já exerce sobre toda a humanidade.

O mesmo mundo moderno, que se crê sceptico, tem necessidade de, em seu meio, sentir um Pontífice que, mais ainda que com a autoridade suprema, incarna a verdade, a doçura, a luz, a ideal caridade de Jesus Cristo. E eis porque, de todos os corações humanos, brota em honra de Pio XII o grito de alegria fútil de que o mundo está ainda abalado».

Palavras de tanta unção, e ditas por uma eminência com igual eloquência, abalarão, os que as queiram ler. E já S. Paulo preconizava que o «espírito atraindo o espírito», muito embora só depois resulte ou não a afaivel homenagem sempre a prestar-se ao Mérito.

* * *

O talento e a cultura de muitos advogados—quando isentos de mesquinheria—na defesa ou justificação tendentes a desculpar crimes ou «irregularidades» a punir, chega bastas vezes a assombrar os desprevenidos dos efeitos literários.

O conhecido Me. francês, De Moro Giafferi, que, fóra do fóro, pouco ou nada produziu para aumentar os seus meritos, ratificou agora no julgamento do germanico Weidmann—um grande assassino de cumplicidade com Villon, rapinante de longa data, com inúmeras vítimas, principalmente mulherzinhas—a sua invejável qualidade de fazedor de apreciadas obras de arte oratória para o Pretório inteligentemente concebidas e ditas em tom apreciado.

A confirmar citar-se-á, em face dum bom relato do distinto crítico Coquet das cinco sessões desse julgamento, que, pelo lido, tanto interessa o parisiense do mundo parisiense—a sua estranha e reflexiva peroração de defensor, a deduzir o que houver a deduzir:

Weidmann é alemão. Cresceu num país em que as perturbações de após-guerra impedem um espírito jovem e fraco de adquirir a noção do bem ou do mal. (Os peritos medicos haviam-no dado por, medicamento, são).

Ainda em cima, ele tem a marca do genio germanico que é feito de brutalidade. Considerai os seus crimes: são crimes alemães. O que ha de mau em Weidmann foi-lhe transmitido. Não é um normal. (Os psiquiatras não lhe reconheceram a mente foragida). Tudo pesa sobre ele: a sua hereditariedade, uma anomalia de estrutura, o meio em que cresceu. Eis porque eu peço para ele a compaixão, uma compaixão grave de homens razoáveis, um veredictum que não comporte uma pena irreversível.

Esta singular exortação salvará do cutelo da guilhotina a cabeça do horrípilante e confessado criminoso? Não cremos possível tal clemência em

(Ver continuação na 29.ª pagina)

TEMAS COLONIAIS

A PROVINCIA DA GUINÉ'

e a colonização europeia

A possibilidade de fixação dos europeus na nossa colonia da Guiné é assunto para ser estudado e discutido à face de elementos climatológicos e nosográficos, de que não disponho nesta ocasião.

Mas pelo que dela pessoalmente conheço, dos largos anos que lá vivi, como antigo medico e chefe do respectivo quadro de Saúde, não tenho duvida em afirmar que a Guiné de hoje é susceptível de nela se fixar a colonização europeia.

As suas condições mesológicas têm-se modificado profundamente depois da sua completa pacificação, levada a efeito pelo heroico capitão Teixeira Pinto, com o valioso auxilio do seu valente «cabo de guerra» Abdul Injai, tornando-se cada vez mais apta a permanência do europeu.

A justificada má fama de que outrora gozava o seu clima, foi-se desvanecendo e dando lugar à afluência de população branca, que muito maior seria se as possibilidades economicas da Colonia o permitissem.

Quando pela primeira vez para lá fui, em 1911, podiam contar-se facilmente os poucos europeus que ali viviam.

Nessa epoca, aparte a capital, onde haviam relativas comodidades para o europeu, muito pouco se tinham feito sentir no resto da colonia os progressos da civilização.

A antiga vila de Bissau, comprimida por uma alta muralha que a isolava do resto da ilha, e rodeada de terrenos pantanosos que muito prejudicavam a sua salubridade, carecia das mais elementares condições higienicas. A vida no interior da colonia tornava-se quasi impossível ao europeu, e até os caboverdeanos se davam mal.

As comunicações muito irregulares, meros e arriscadas, faziam-se ordinariamente por via fluvial em pequenas embarcações à vela, ou a vapor, aproveitando a emmananhada rede de canais que a sulcam em todos os sentidos e em que as marés exercem grande influencia sobre a navegação.

Os serviços medicos limitavam-se aos centros mais importantes: Bolama, Bissau e Cacheu.

As povoações de Farim, Bafatá, Geba, Buba e outras localidades dotadas de ambulancias sanitarias a cargo de enfermeiros, raras vezes eram visitadas por medicos.

A assistência medica e profilactica aos indígenas era, por assim dizer, nula.

A SAUDE E A DIGESTÃO

O mau funcionamento do aparelho digestivo é muitas vezes a causa de numerosas perturbações. Assim, ha toda a vantagem em diligenciamos que ele funcione o melhor possível. Por outro lado, os alimentos que ingerimos só são absorvidos depois de completamente digeridos. É, pois, necessaria uma boa digestão para que aquilo que comemos passe a fazer parte integrante do nosso ser.



Portanto, quer para nos preservarmos das inúmeras doenças que podem ter por causa intoxicação de origem intestinal, quer para que possa ter proveito o que se ingere, ha necessidade de um normal funcionamento digestivo, que se consegue com o

ELIXIR ESTOMACAL

SAIZ de CARLOS

À venda em todas as farmacias

Depositarios: Farmacia Azevedo, Irmão & Veiga — 24, Rua da Misericórdia, 42. Farmacia Azevedo, Filhos — 31, Praça D. Pedro IV, 32 — LISBOA

sistência a europeus e indígenas.

Os serviços farmaceuticos foram igualmente melhorados.

Foram saneadas e abastecidas de agua potavel as principais povoações, algumas das quais foram também dotadas de iluminação electrica.

Procedeu-se a uma persistente campanha antimalárica, criando-se brigadas sanitarias especiais, saneando pantanos e reprimindo tanto quanto possível os meios propícios ao desenvolvimento de anofeles.

Em Bolama e Bissau e noutras localidades mais importantes, apenas se notam mosquitos, e poucos, na época das chuvas.

Fez-se intensa propaganda da profilaxia pelos sais de quinina, que entraram no uso quotidiano dos europeus, distribuindo-os o Governo gratuitamente aos seus funcionarios e vendendo-os a baixo preço.

E, assim, se reduziu eficazmente o paludismo às suas formas benignas, tendo as formas graves desaparecido quasi por completo.

A mosca «tze-tze», que abunda nas margens dos rios e lugares unidos, não se encontra, felizmente, infectada.

Foi feito um reconhecimento por uma missão especial, dirigida pelo distinto medico Santana Barreto, sob o ponto de vista da existência da doença do sono, que foi negativo.

Intensificou-se o serviço da vacinação antivariólica, com resultados satisfactorios.

As estatísticas nosográficas da Colonia não vão além das doenças comuns em qualquer latitude.

O seu clima não se afasta das características dos climas tropicais.

Por isso há que precaver-se contra as altas temperaturas e o forte estado higrometrico proprio da época das chuvas, e que tanto depauperam o organismo.

É consideravel o numero de europeus que lá vive há muitos anos com suas familias.

As mulheres dão normalmente á luz, e que noutros tempos inspirava serios e justificados receios, e era motivo quasi forçoso para antecipado regresso á metropole.

A aclimação vai-se fazendo gradualmente, graças ás favoraveis condições de vida que a Guiné actualmente oferece aos europeus, e tudo leva a prever que a sua fixação venha a ser em breve uma indiscutível realidade.

Para isso, torna-se indispensavel que sejam saneados todos os centros de população, dotando-os dos elementos essenciais de higiene e progresso peculiares á vida europeia, e que o colono se resguarde convenientemente das influencias patogenicas e climatericas que possam enfraquecer-lhe a resistencia organica.

Vida metódica e sem excessos de qualquer especie, higiene rigorosa, habitação sadia e confortavel e boa alimentação.

Existem na colonia lugares relativamente mais saudaveis e que, devidamente adequados, poderiam servir a temporadas de repouso e mudanca de ares.

Citarei como um dos melhores, a povoação de Varela, na região dos Felupes, a qual, pela sua situação mais ao norte, sua acentuada altitude e proximidade do Atlantico, tem condições excepcionais de preferencia.

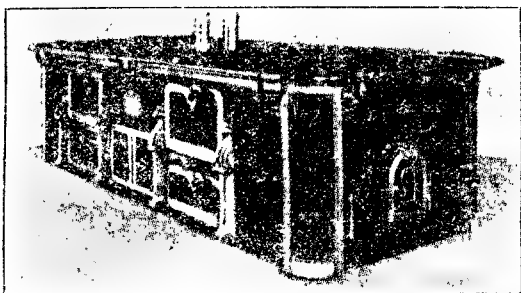
Eis, sumariamente, o que se me oferece dizer sobre tão importante problema de interesse maximo para essa nossa rica e florescente colonia, e que eu desejaria documentar e expor mais desenvoldidamente, se tivesse á mão os elementos auxiliares de que presentemente careço.

GONÇALO MONTEIRO FILIPE
Medico

Dr. Miguel de Magalhães
Monitor da clinica de Necerk — Paris
RINS, vias urinares — Venero — Sifilis
P. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
TELEFONE 2 9082

SERRALHARIA JOSUÉ AUGUSTO MOREIRA
SUCESSOR

ANTONIO JOSÉ GARCIA



Constructor
de Fogões de cozinha

Casa fundada em 1877
e premiada na Exposição
de Paris em 1900

Encarrega-se de concertos
e transformações
em fogões com perfeição

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 120 e 122

LISBOA

Telef. 4 4841

FABRICA DE CARIMBOS EM TODOS OS GENEROS

CHAPAS ESMALTADAS, SELOS EM BRANCO-SINETES PARA LACRAR

E. E. de Souza & Silva, L.^{da}

Telef. 2.7915

Aneis com gravuras, Brazões e Monogramas
Datadores e Numeradores Emblemas para sport
Artigos para Escritório e de Novidade

157-159, Rua do Ouro — LISBOA

PREFIRAM SEMPRE

COLLARES
V. S.

VISCONDE DE SALREU

D. J. SILVA, L.^{da}

T. 4 7154 — 33-R. Rodrigues Sampaio-35 — LISBOA

PÓRTO
DE
LISBOA



Grande pôrto, pela sua posição
geográfica, extensão e profundi-
dade, com excepcionais condi-
ções de abrigo.

Cais, docas e aparelhagem com
abundância.

Estaleiro de construção e repa-
ração de navios.

Movimento de navios e de mer-
cadorias notável.

Comunicações com toda a Eu-
ropa por via terrestre, marítima
e aérea.

**Dos grandes portos da Europa é o mais
próximo dos Estados Unidos da Amé-
rica do Norte, da América Central, da
América do Sul e da África Ocidental**

FÁBRICA DE PAPEL DA ABELHEIRA

Fabricantes do Mata-borrão

«ASTAR»

*A' venda nos armazens de papel
e papelarias*

GUILHERME GRAHAM JUNIOR & C.^a

Rua da Aliandega, 158

LISBOA

Telef. 20066/9

Rua dos Clérigos, 6

PORTO

Telef. 880/1

SERRALHARIA CIVIL J. M. Pires, Suc.

AMADEU GOMES DA FONSECA

R. Mouraria, 3

Tel. 2 8050

Fabrica chaves de todos os modelos
e é especializada em chaves YALE e tipo YALE para auto-
moveis. Portas onduladas, pás, balanças cofres e fogões.

V. Ex.^a alimenta-se?

Certamente porque lhe é necessario viver!

Tambem o Radiador do seu automovel para ter a vida indispensavel
Precisa de

ASSIL

que o protegerá contra o calcareo e a ferrugem, eliminando-a e evitando
assim o seu aquecimento. Indispensavel tambem para as caldeiras
a vapor e chauffage central

Necessário — Eficaz — Economico

Pedidos aos unicos depositarios

Casa dos Condutores de Automoveis do Sul de Portugal S. C R. L.

com Estação de Serviço — e — Garage de Recolha

Rua Ponta Delgada, 21 a 27 — LISBOA

Telefone 4 0202

C. F. B.

Dominguez & Lavadinho, Ld.^a

PAPELARIAS nacionais e estrangeiras. FABRICA de sobre-
escritos, manipulação de papeis de escrever e sacos de papel.
TINTAS DE ESCRIVER nacionais e estrangeiras. Papeis Qui-
micos, Lapis, artigos de escritorio e de desenho.

Sede: Rua da Assunção, 79 a 85 e rua dos Sa-
pateiros, 135 a 143. — Telefones: 2 5201/02.

Fabrica: Av. Casal Ribeiro, 18 a 24 — LISBOA

TEMAS INTERNACIONAIS

-O-O-

Portugal e a Romenia

O recente falecimento do patriarca dr. Miron Cristea, que exercia o cargo de presidente do Conselho da Romenia, fez trazer a publico noticias que realçaram a actuação do seu governo.

De facto, o actual soberano daquele país, desapegando-se das experiencias de governos sem estabilidade e continuidade de acção, em boa hora entregou os destinos do país a um ministro da União Nacional, cuja acção vem merecendo inúmeras simpatias, principalmente das Nações, como a nossa, que têm olhado, como aquela, pelo seu progresso e bem estar.

Tanto Sua Majestade o rei Carol II como os ilustres membros do actual governo, em todos os seus discursos que temos visto transcritos nos jornais e revistas, são unânimes em manifestar a vontade decisiva de serem encarados de frente os problemas que visam a melhoria da situação economica e financeira do seu país, para o qual a natureza, com as suas riquezas no solo e sub-solo, foi prodiga em elementos de fertilidade e de valor.

Regras criteriosas têm sido estabelecidas de forma a proporcionarem o desenvolvimento da agricultura e indústrias subsidiárias, sem esquecerem a execução metódica e progressiva das necessárias vias de comunicação, em subordinação a um plano pre-estabelecido, no qual não é descurado, como se sabe, o interesse da defesa nacional, que também tem determinado uma criteriosa dotação do exercito em quadros devidamente instruídos e material moderno.

A sucessão á presidência do ministério romeno pertenceu ao seu vice-presidente, ministro do Interior e da Defesa Nacional, sr. Armand Calinesco, homem de invulgaes qualidades administrativas e politicas, que continuará a grande obra de ressurgimento nacional e do seu exercito, o qual não deseja rejuvenescido e forte para fins agressivos, mas para dar ao povo o sentimento duma segurança permanente capaz de poder envolver a nação inteira na defesa do seu territorio.

E assim, talqualmente como no nosso país, a preocupação dominante dos actuais governantes romenos tem sido a preparação da mocidade, trabalhos a que dedicam uma grande parte da sua actividade.

Como resultado desta grande preocupação, pelo destino da juventude, foi criada na Romenia a organização «Straga Tarei»—«Vigilantes do País»—que tem assegurado aos novos romenos os meios de acção que o rei Carol II, desde a sua mocidade, sempre incutiu á organização dos «Boy-Scouts» de que era o chefe supremo.

Hoje, a organização «Vigilantes do País» é uma instituição semelhante á nossa «Mocidade Portuguesa», de educação moral, social, nacional e fisica, obrigatoria para toda a juventude de ambos os sexos dos 7 aos 18 anos.

O rei é o chefe supremo, dispondo a organização de um comandante assistido de uma comissão permanente de 3 membros, um estado maior e comaninante destes dirigentes incutir á minante destes dirigentes incutir á mocidade—os homens de amanhã—á educação nacional e patriótica, sob o culto da dinastia, da Patria, da bandeira, dos antepassados e da tradição.

A educação nacional não descarta também a instrução domestica ás raparigas, a hygiene individual e colectiva, trabalhos de construção rural e solidariedade social.

E um dos pontos principais do programa da «Straga Tarei» é o conhecimento dos países estrangeiros, dos povos e dos costumes alheios, para se poder chegar a uma estreita colaboração entre as juventudes que sigam, como a nossa, os mesmos ideais do Bem e da Humanidade.

E' realmente consolador ver que, por esse mundo fora, a reacção ao comunismo vai, cada vez mais, criando adeptos e que, numa actuação similar, Portugal e Romenia combatem esse mal, embora sob ideais politicos e formas governativas diferenciadas.

SALGUEIRO REGO

OS DESASTRES DE VIAÇÃO EM LISBOA

56 mortos e 1.050 feridos eis o balanço do ano findo

Muita gente diz que os desastres de viação em Lisboa são em percentagem muito maior a qualquer outra capital, mercê não só das condições de transito como da falta de cuidado dos condutores de veículos e da despreocupação do publico. Será, de facto, assim? Taremos nós uma percentagem superior de accidentes de viação a qualquer outra capital? E se é assim, a quem pertence a culpa? Aos automobilistas? Ao publico? Os numeros que vão lêr-se parecem-nos elucidativos. Pela estatística elaborada pelos serviços de transito da Polícia de Segurança Publica, cuja direcção está confiada ao sr. capitão Mala Loureiro, verifica-se que, no ano findo, se registaram na capital 1.106 desastres de viação. Deste numero faleceram 56 individuos e ficaram feridos 1.050, dos quais apenas 236 foram hospitalizados. Os restantes 814 individuos não sofreram ferimentos dos quais tivessem necessidade de hospitalização. Temos portanto que houve apenas 292 desastres de gravidade, incluindo os 56 mortais. Comparados estes numeros em relação ás estatísticas de accidentes ocorridos noutras capitais, e postos em confronto com as respectivas populações, verifica-se que em Lisboa não ha maior percentagem de desastres, apesar das condições acanhadas das ruas da nossa capital.

Isso não quer dizer, porém, que não se estude sempre e cada vez mais a maneira de evitar o maior numero de accidentes, indo procurar, para as evitar, as causas que os originam. E' ainda na estatística da secção de transito da P. S. P. que encontramos indicações bastantes para um estudo do problema. Durante o ano findo, as crianças até os dez anos deram um contingente de 176 sinistrados, o que é uma percentagem elevada para a totalidade de desastres registados em todas as outras idades. Dos dez aos vinte anos houve 175 accidentes; dos vinte aos trinta, 186; dos trinta aos quarenta, 179. Depois começa a decrescer. Dos quarenta aos cinquenta, 118; dos cinquenta aos sessenta, 110; dos sessenta aos setenta, 48. Dos setenta aos noventa houve só 6 sinistrados e dos noventa aos cem não houve nenhum. O numero de crianças é elevado em relação aos restantes accidentes e as causas devem ser procuradas na falta de cuidado com que os garotos atravessam as ruas. A não ser que se queira demonstrar que nesta terra as crianças têm tanto que fazer na rua como os homens de vinte aos trinta anos que forçosamente têm de tratar da vida.

Outro aspecto curioso desta estatística é a demonstração da percentagem dos accidentes nos dois sexos. Em Janeiro houve 116 desastres, dos quais 70 em individuos do sexo masculino, sendo seis mortais e apenas um que

causou a morte e um individuo do sexo feminino. Fevereiro apparece-nos com 82 desastres, 60 em homens e os restantes em mulheres, tendo havido apenas três mortais. Março deu 93 accidentes. A percentagem continua a ser terrivel para os homens. 63 sinistrados, entre os quais 5 mortais. O mês de abril deu-nos uma centena de desastres e dessa centena 83 foram homens. O sexo feminino apenas teve 13 accidentes nenhum mortal, pois os 7 que houve foram todos em individuos do sexo masculino. Maio deu 97 desastres, cinco mortais, e junho segue com 82 sinistros, dos quais 55 em individuos do sexo masculino. Neste mês houve dois accidentes mortais, um para cada sexo. O mês de julho deu-nos 90 desastres. A proporção continua, 62 homens e 28 mulheres, com 3 mortais para os primeiros e 1 para as segundas. Em agosto, os desastres foram de 89, sendo 62 para o sexo masculino. Houve dois mortais e esses foram homens.

Setembro deu 5 mortais, dos quais 1 do sexo feminino, em 85 desastres e em que 64 pertencem ao sexo masculino. Continua a proporção, que não diminuiu nos meses seguintes, pois em outubro houve 86 accidentes e 64 pertenceram aos homens. Neste mês houve seis mortais, todos do sexo masculino. O mesmo se verificou em novembro e dezembro, dois meses em que não houve accidentes mortais no sexo feminino. Naquele mês houve 92 desastres, 69 em homens e dos quais foram mortais 4, e no seguinte registaram-se 94 accidentes, dos quais também 4 mortais em 74 que o sexo masculino forneceu.

A percentagem entre os dois sexos dá-nos uma curiosa conclusão. Houve 798 accidentes em individuos do sexo masculino e 308 do sexo feminino, menos de metade para este. Ora, segundo todos os calculos, a população da capital anda nas ruas da cidade numa proporção de sessenta por cento, isto é 60 mulheres por cada cem homens. Se é assim temos de concluir duas coisas—ou as mulheres têm mais sorte ou sabem melhor andar nas ruas, defendendo-se dos automoveis.

Os desastres a que estamos aludindo foram originados por automoveis, carros electricos e carroças. Os primeiros deram 864 accidentes, os segundos, 183 e os ultimos, 80. Houve ainda outra especie de accidentes. As arvores derrubadas e os candeeiros partidos, sem desastres pessoais. Das primeiras houve 48, dos segundos o numero atingiu 198. A importância dos prejuizos causados pelos desastres também se encontra registada na estatística. Atingiram a verba de 502 mil escudos nos doze meses de 1938.

SEM RUMO

(Continuação da 27.ª pagina)

face do contado na audiência e da lei francesa.

(Ao rever a prova deste artigo, chegou-nos o jornal parisiense noticiando que os dois criminosos foram condenados á morte).

Até o proprio ceu continua perturbado e sem clemencia da desgraça, como a criatura humana. Que estranheza a desta pascoa florida. Troveja. Chove. Calor. Frio: não se sabe como trajar, moral, fisicamente.

Mesmo Veneza se cobre de neve, não deixando ás pombas da Piazzeta, como ás do nosso Corpo Santo, propicia atmosfera para arrulharem.

Água e mais agua, sem contador de ares.

Tanta, que mesmo o pacifico chapéu do senhor Chamberlain será pequeno para abrigar os que para ele corram, por o não poderem ter, não porque, mesmo antes da lição do eminente estadista, deixasse por certo, de conhecer o ditame do seu país—«se não chover não te esqueças do guarda-chuva, se chover farás o que entenderes»....

JOSE' PARREIRA

PIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 8—Sabado de Aleluia.

Laudperene, recepção na igreja da Conceição Velha, ás 12, missa solene, ás 18 e 30, actos de Desagravo.

Benção do lume, cinto Pascal, profissões, Benção da Pia Baptismal e missa de Aleluia, nas seguintes igrejas:

S. Domingos, ás 9. S. Jorge de Arroios, ás 7 e 30. Lumar, ás 9. Socorro, ás 8. Mercês, ás 12. Paroquial de N. S. de Fatima, ás 9. S. Paulo, ás 8 e 30. S. José, ás 10. Pena, ás 8. Encarnação, ás 8 e 30. Corpo Santo, ás 8, e ás 19, Terço do Rosario. Santo Estevão, ás 7. Benfca, ás 9 e 30. Penha de França, ás 10; Coração de Jesus, ás 12. Conceição Nova, ás 11. S. Tiago, ás 9. Ordem Terceira de S. Francisco a Jesus, ás 9. Santa Catarina, ás 9. Sacramento, ás 10. Estrela, ás 11. Carmo, ás 8 e 30. S. Sebastião da Pedreira, ás 9. S. Nicolau, ás 9. Anjos, ás 8. Santo Antonio da Sé, ás 8. Santo Condestavel, ás 9 e 30. Capela de N. Senhora das Dores em Belem, ás 11. Bem Sucesso, ás 8 e 30. S. Mamede, ás 8. S. Luiz, ás 9. Martires, ás 10.

O bairro da Pontinha

e as suas necessidades mais urgentes

Fomos procurados por uma comissão presidida pelo sr. Fradique Soares da Silva e composta de proprietarios e moradores, do florecente Bairro da Pontinha, que nos pede que sejamos interpretes, junto do sr. Dario Canas, presidente da Camara Municipal de Loures, das seguintes necessidades urgentes deste bairro: A estrada de Santo Eloi, desde o Mirante até ao novo bairro, precisa ser concertada. Este bairro serve-se da agua de poços, e com um pequeno dispendio a Camara Municipal de Loures pode canalizar para ali a agua da Companhia de Lisboa, visto ela já chegar ao quartel da Pontinha, e deste quartel ao bairro, a distancia é de pouco mais de quinhentos metros.

Pede-se também que na primeira reunião da Camara Municipal de Loures seja dado, á rua principal deste Bairro, que ainda é rua Particular, e que parte da estrada de Santo Eloi e finda na Azinhaga dos Bezouros, o nome de Ramiro Esteves Coluna, porquanto foi este homem, já falecido, que, com João Rodrigues de Carvalho, tornaram possível o desenvolvimento deste florecente bairro.

Cinema de amadores

Para o concurso nacional de filmes de amadores, levado a efeito pela sub-seção de Cinema do Grémio Português de Fotografia, estão inscritos os seguintes filmes: «Capuchinho Vermelho» e «Gata Borracheira», do sr. engenheiro Frederico Oom; «Jardim Zoológico», «Vida dos insectos» e «Apulia», do sr. engenheiro Carneiro Mendes; «Um Nevão», do sr. engenheiro José Paulo Teixeira; «Cortejo da Beleza e Alegria (Hamburgo)», «Paul» e «Quadros do Ribatejo», do sr. dr. Antonio de Meneses; «Jardim Zoológico», do sr. Alfredo Nunes; «Contrabando», e «Drift Wood», do sr. Severo da Cunha; «Sinfonia do Candeeiro», do sr. Alvaro Antunes; «A pesca do savel», do sr. Mateus Junior; «Quadros e Figuras», do sr. Carlos Azevedo Almeida; «Ciganos», do sr. Carlos Tudela e «Excertos de Reportagem», do sr. E. Dias Ferreira (Edife).

BAILES

Realizam-se amanhã bailes e festas no Ateu Comercial, Belem Clube, e Casa das Beiras.



PUBL. OP. ART. REUNIDOS

A beleza feminina nunca é perfeita sem usar dentes bonitos. Confie a guarda dos seus a um dentífrico que tenha dado provas de perfeição.

A Pasta Couraça tem 55 anos de sucesso.

A Pascoa no Estoril

As festas da Pascoa na Costa do Sol vão ter este ano um desusado brilhantismo, superior ao dos anos anteriores.

Preparam-se varios certames, entre eles, uma grandiosa exposiçao de lenços regionais, do continente e das ilhas, antigos e modernos, tabaqueiros de luxo, etc., e que pela 1.ª vez se realiza entre nós em Cascais.

Espera-se que este ano a concorrência seja grande, pois ha já bastantes pedidos para acomodação nos hotéis do Estoril, a-fim de passarem ali as suas festas da Pascoa, tanto de nacionais, como de estrangeiros.

Para passarem estas férias, a Sociedade Estoril Plage oferece nos seus hotéis condições especiais.

MERCARIA	PEROLA	CEITARIA
Seleção ==	FA3	Cervejaria ==
== rigorosa	AVENIDAS	== Confeitaria
de todos ==	— DA —	Agua ==
== os artigos	David da Silva	== Minerais
do seu ==	Telefone 42991	== e ==
== comercio	Av. Duque de Loulé,	Frutaria ==
	101 a 107	
	LISBOA	

Frutaria Costa

AS MELHORES FRUTAS VERDES E CONSERVADAS—OS SEUS DOCES PRIMOROSOS — AS MERCEARIAS MAIS ESCOLHIDAS — OSTRAS — LAMPREIAS — SALMÃO FRESCO. ETC.

TELEFONE 2 5214

39, Rua do Carmo, 41 LISBOA

Empresa Industrial de Tintas Limitada

Tintas
Para imprensa e Litografia

Vernizes tipograficos e litograficos
Massas para Rolos

TELEFONE 81.669

Rua da Cascalheira, 33
ALCANTARA — LISBOA

PNEUS

das melhores marcas
NOVOS E USADOS
ACESSORIOS para AUTOMOVEIS
CONSULTEM

A. M. BOAVIDA
R. D. Estefania, 68
TELEF. 46489

OFICINAS

de Encadernação Pautação e Dourador

RAUL AUGUSTO DA FONSECA

CASA FUNDADA EM 1918

Executam-se trabalhos Simples e de Luxo — Livros em Branco para o Comercio

Rua Luz Soriano, 68

LISBOA

ORÇAMENTOS GRATIS

PRODUTOS DE BELEZA

SALOMÉ

Da mais alta e mais sólida reputação

Com um pouco de Agua de Colônia SALOMÉ na agua, V. Excia prepara um banho delicioso, dando-lhe uma encantadora sensação de doce frescura. A sua pele tornar-se-á aveludada, firme, rejuvenescida e impregnada de um leve perfume de flores campestres. Com ela deve friccionar o corpo, após o banho, o que lhe manterá uma perene agilidade e uma insensibilidade ao cansaço, tão correntes nas racas do Norte.

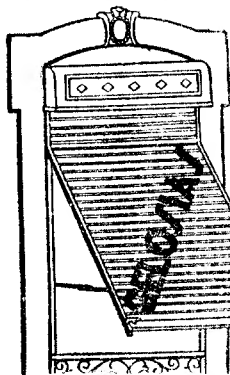
Preço de 1 litro, 35\$00; 1/4, 10\$00.

Como complemento, deve V. Excia usar o Sabonete SALOMÉ espumante e perfeitamente neutro, pois é fabricado meticolosamente, não só para satisfazer as exigências da higiene, como, também, e principalmente, para os cuidados imprescindíveis da epiderme. Não amolece, não abre e conserva até ao fim o seu resplendente perfume da flor da Acácia mimosa. Preço: 2\$50.

Deposito: FARMACIA LIBERAL

Avenida da Liberdade, 213 a 221

Telefone 4 3641



STORES GELOSIAS

O AZ DOS STORES

Construidos pelos primeiros fabricantes DO GENERO.

Casa fundada em 1912. Unica que tem pessoal especializado nesta INDUSTRIA.

Pedidos a GELOSIAS, L.DA, Rua Maria Andrade, 11—LISBOA. Telefone 46102.

Preços de concorrência.

ORÇAMENTOS GRATIS

Não confundir esta casa com outras que pretendem imitá-la.

MONTEIRO PAES & SILVA, L.DA

Torrefacção ESTRELA

FABRICA MECANICA

Cafés torrados e moidos — Moagem de produtos quimicos
Rua Nova do Loureiro, 21 a 25 T. 2 5243

PESQUE!

e adquira o seu material na

Casa A. M. Silva

R. da Betesga,
67 e 43, 2.º

LISBOA — Telef. 2 5424

Um grande sortido aos melhores preços, das melhores procedencias

Alemã e Americana



Pratas d'Arte

A. L. DE SOUSA, L.DA

FORNECEDORES DA CASA REAL DE ESPANHA

16, Rua da Misericordia, 18

ANTIGA RUA DO MUNDO

LISBOA

TELEFONE 2 2662

A MONTANHEZA

S. Pessoa, L.DA

Rua Luz Soriano, 71

Telef. 2 6465

TIPOGRAFIA

A maior perfeição

os melhores preços

Consulte-nos e verá

Casa Viuva Ferreira

Com 100 anos de existencia

Calç. do Combro, 20

LISBOA

Executa com perfeição qualquer trabalho em Joalharia, Ourivesaria, Prataria, Relojaria, Aparelhos de precisão, Grafonolas, etc., etc.

J. A. de Oliveira Braga

(Casa fundada em 1836)

FERRAGENS,

FERRAMENTAS

e CUTELARIAS

IMPORTAÇÃO DIRECTA

3, Calçada do Combro, 3

LISBOA

Secção de Tipografia, enca-
dernação e pautação e tra-
balhos simples e de luxo.

PAPELARIA CAMÕES

DE

Augusto, Rodrigues & Brito, Lda.

Tintas de óleo, aguarela e dese-
nho das marcas: Lefranc,
Winsor, Pelikan e Schmin-
cke

42—Praça Luiz de Camões—43

Telef.: 2 3063

LISBOA

SHEFFIELD HOUSE

Casa Especializada em Cutelaria Fina

Sortido completo de artigos para bar-
beiro, cabeleireiro e manicuro

Grandioso sortido de tesouras para to-
dos os usos

Canivetes de Rodger, e outras marcas

REPRESENTANTE das afamadas nava-
lhas de barba suécas «C. V. Holjestrands»

Manoel Antonio Fernandes (Herdeiros)

26 — Rua Garrett — Lisboa

Telef. 2 8824

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico
SEMPRE FIXE.

Rua Actor
Tasso, 16 a 30
(à Rotunda)

Estação de Serviço

Os melhores preços, rapidez e perfeição em todos
os trabalhos

MOTOR PALACIO

Escola Automobilistica

preferida pela seriedade e competência dos seus
tecnicos, facultando uma aprendizagem rapida e
economica



Telefone
4 2421



As comunicações com o Imperio

Navegação para as colonias

É de fácil diagnostico determinar a doença de que sofre a nossa navegação para as colonias.

Temos pessoal muito competente para prover as necessidades duma marinha mercante digna deste nome, não só destinada ás carreiras, entre a metropole e as colonias de Africa, mas também com outros destinos.

Quere-me parecer, também, que não é em relação ao numero de navios, que navegam sob a bandeira portuguesa, que mostramos a nossa inferioridade; na qualidade dos que temos é que está o mal. E como se trata de navios, com metáfora ou sem ela é por aqui que o barco mete agua!

Salvo raras excepções, velhos ou velhíssimos, incapazes, de entrarem em concorrência com as companhias de navegação estrangeira.

Ainda hoje estamos pagando as consequências da desastrosa administração dos Transportes Marítimos, cujos navios se arrastam ainda por esses mares, á espera de reforma definitiva e os que lhe não pertenciam navegam nas nossas aguas, vagarosos, carregados de anos.

Se alguém tem duvidas a este respeito, não tem senão verificar as datas da construção da grande maioria dos navios da nossa marinha mercante, antes de nos pertencerem.

Neste ramo de actividade nacional, não acompanhamos outros países talvez em condições inferiores ás nossas, que nos passaram adiante.

O melhor exemplo a dar será o da Holanda com a qual, sob varios pontos de vista, nos podemos comparar.

A Holanda tem aproximadamente a mesma população de Portugal, uns 7.000.000 de habitantes, mas tem uma extensão de costa marítima inferior á nossa:

Holanda, 295 milhas.

Portugal, 390 milhas.

A marinha mercante da Holanda, composta na sua grande maioria de navios modernos, soma um total de 2.852.000 toneladas.

A soma total das nossas 5 companhias de navegação é de 201.140 toneladas.

Dum excelente artigo de «O Jornal do Comercio e das Colonias» extraio os seguintes numeros:

A Holand-America, no seu serviço para a America do Norte, acaba de pôr a navegar o seu novo transatlantico «Nieuw Amsterdam», de 36.300 toneladas, que trabalhará em conjunto com o «Statendam», de 28.291 toneladas e o «Rotterdam», de 24.149 toneladas.

No serviço para o Oriente, tem a «Rotterdam Lloyd» como principais navios, o «Baloeran» e o «Dempo», ambos de 16.890 toneladas, e a «Koninklijke Nederland», o «Harnix van St. Aldegonde» e o «Johan van Oldenbarneveld», ambos de 19.100 toneladas.

Estes ultimos navios navegam entre Amsterdão e Indias Holandesas, escalando Southampton, Genova, Napoles, Suez, Colombo e Singapura.

Os serviços inter-orientais, explorados pela «Koninklijke Paketvaart», tem entre a sua enorme frota composta por 150 unidades, de varios tamanhos e tipos, o «Nieuw Holland» e o «Nieuw Zeeland», ambos de 11.000 toneladas.

A «Holland-Afrika», no serviço occidental de Africa, onde a Holanda não possui qualquer interesse territorial, tem entre outros navios, os optimos paquetes «Blaumfontein», «Jagersfontein» e «Boschfontein».

Na categoria de navios-mixtos, tem a Holanda ainda navios tais como os «Puelau», de 9.300 toneladas, como os «Kota», de 7.500 toneladas, o «Drechttdijk», de 9.338 toneladas, e o original «Bearn», de 5.550 toneladas.

Vê-se, pois, a enorme diferença em tonelagem que existe entre as duas marinhas mercantes.

Uma tem navios até, de 36.300 toneladas; o nosso maior navio, o «Nyassa», da Companhia Nacional de Navegação, tem 8.980 toneladas, apenas.

E já agora que se trata de coisas do mar, quero notar esta nossa grande incoerência.

Viu-se já pela extensão da nossa costa marítima, o valor geografico e politico que o mar nos deu.

Ao mar devemos o nosso glorioso passado, a valiosa herança que os nossos navegadores nos legaram.

É o mar ainda, que fornece ao povo português, um dos principais componentes da sua alimentação; que absorve a actividade de muitos milhares de homens e que fornece até ao país um dos seus principais produtos de exportação.

Seria pois natural que os «sports» nauticos fossem justamente os mais cultivados e apreciados.

Pois succede precisamente o contrario. O delicado e artistico pentapé na bola, monopolizou a atenção e o entusiasmo popular e se não fossem ainda uns «abencerragens» dos «sports» nauticos, já estes tinham desaparecido totalmente.

Após este desabafo, voltamos aos nossos navios mercantes.

Em relação á sua marcha, o que nos estranhos representa um «mínimo» entre nós é o máximo. Quando um dos nossos navios vai ás 14 milhas, auxiliados por correntes e ventos, é caso de embandeirar em arco!

Não vai além de 18, o numero de dias de viagem de Lisboa a Lourenço Marques, seja por via Gibraltar, por um dos vapores italianos a Italian Line, ou indo ao Funchal tomar um dos vapores da Union Castle. Na melhor das hipóteses, num dos nossos navios, nunca menos de 28 dias.

Não sei se fazem bem ideia o que seja, numa viagem longa, 10 dias a menos!

De Lisboa a Luanda pelo menos 15

dias, quando por navios rapidos e tocando nos mesmos pontos se podia fazer em 10 dias.

Os frigorificos acanhados e antiquados não chegam para as necessidades dos navios e muito menos para transporte de qualquer artigo comercial.

É por isso que um queijo da Serra, um autentico mimo, que consegue o milagre de ocupar um lugarzinho num frigorifico, chega a custar em Lourenço Marques a bagatela de 38\$00 o quilo!

De todos os portos da União Sul-Africana, especialmente do Cabo e já de Lourenço Marques também, se exportam para a Europa muitos milhares de caixas de frutas que chegam em optimas condições de qualidade e preço, devido ao facto dos navios que as transportam, terem acomodações proprias.

São contraditorias as informações que se nos deparam, acerca do consumo do gado vacuum destinado a ser abatido em Portugal.

Dum lado afirma-se que existe no país gado bovino, que chega para o consumo dos seus habitantes. Por outro lado constata-se que por vezes se tem importado bovino de varias procedencias: Argentina, Açores e Angola.

Outra coisa é certa também: é ser o povo português aquele que na Europa, consome, por habitante, menos carne e a paga mais cara.

Logicamente se conclui que se quisermos aumentar o seu consumo, te-

remos de importar gado vacuum de fora, em condições de preço acessiveis a todas as bolsas.

É sabido que Angola podia fornecer todo o gado bovino, que a metropole necessita, mesmo que o seu consumo aumentasse, mas nas condições em que presentemente se faz, essa importação é quasi nula.

A este respeito transcrevemos o que muito acertadamente diz o sr. Couto Rosado, no seu livro «Angola»:

«Não temos navios com acomodações e com condições para o transporte de gado vivo, que de forma alguma pode ser pratico e viavel nas circunstancias actuais, quando mais não seja pela sensível depreciação do peso. Nem navios temos que permitam a condução da carne em depositos refrigerantes. O tempo que os nossos navios, que hoje podem servir de transporte a esse genero de mercadoria, levam em percurso e em passagens desde Mossamedes a Lisboa, é tanto, que o gado que chega vivo, vem com uma perda tal de peso e em tais condições de saúde, que os nossos marchantes se riem e o rejeitam e com evidente gaudío, visto que o seu aproveitamento prejudicaria os seus interesses».

Mais adiante conta, que numa curta viagem de Mossamedes ao Zaire, de 168 cabeças que embarcaram só chegaram 152, ou seja 16 que morreram no caminho.

A comparação dos distancias entre Lisboa e Buenos Aires, que é de 5.400 milhas, e de Lisboa a Luanda 3.940 milhas, favorece-nos em relação á segunda, mas é ver em que condições chega o gado bovino duma e doutra procedencia.

Suponho que todos estamos de acordo sobre a necessidade de substituir os navios que temos por outros, e a primeira a reconhece-lo são as proprias companhias de Navegação, a começar pela Companhia Nacional de Navegação, que mostra boa vontade em resolver o assunto, mas questões desta natureza não se resolvem só com boa vontade.

A amabilidade dos officiais auxillados pelo resto da tripulação não evita, além dos principais inconvenientes já apontados, que os puxadores nos fujam das mãos ao puxar uma gaveta: que os depositos dos lavatorios estejam róticos; que as ventoinhas não trabalhem ou trabalhem mal ou as luzes funcionem pessimamente. Essa boa vontade também não evita que uma parte dos lucros seja absorvida pelas frequentes reparações.

Independentemente destas considerações ha ainda outras circunstancias que convém não ignorar.

Succede, por exemplo que, como toda a gente sabe, a principal exportação de Moçambique é de sementes oleaginosas e que o seu principal mercado é Marselha, o que quer dizer que esta mercadoria sai dum porto português para um porto francês, mas é transportada por navios alemães ou holandeses!

Todas as companhias estrangeiras agricolas ou comerciais estabelecidas em Angola ou Moçambique, ou porque tenham recebido «mot d'ordre» dos seus governos ou porque lhes convenha economicamente aos seus interesses, os seus produtos sómente são exportados por navios da sua nacionalidade.

Expostas as seguintes modalidades, não julgo ser difficil a solução do problema:

Empréstimo forçado ou voluntario. Participação ou não do Estado nesse empréstimo.

Empréstimo a uma só companhia ou a mais companhias.

Têm a palavra os tecnicos.

AUGUSTO CABRAL

Não há duvida...



é uma pechincha!
nesta quadra do ano,
3 aparelhos por 144\$
(quasi ao preço de 1 só)

Um grupo de aparelhos electro-domesticos
no valor de 260\$

Torradeira
Almofada
Ferro de engomar

Por 12\$ e mais 11 prestações mensais de 12\$

em todas as boas casas da especialidade



Quere V. Ex.^a

adquirir
um receptor

Lorenz, Pilot, R. C. A., ou Philips?
ou candeeiros, ferros de engomar e fogões electricos a prestações?

Dirija-se a
ELECTRO-LISBOA, L.^{DA}

248, Rua Augusta - Tel. 2 0568
Reparações em aparelhos de Radio, todas as marcas

A Semana Santa

Concurso de montras em Cascais

Iniciou-se ontem á noite em Cascais o concurso de montras ornamentadas, promovido, como no ano passado, pela Comissão de Propaganda daquela villa, que está agora instalada na rua Afonso Sanches.

O júri do concurso é constituído pelos srs. general Boaventura Feraz, presidente; pintor Romano Esteves, dr. Sousa Amado, Armando Vilar, da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol; eng. Abreu Nunes, delegado das Companhias Reunidas Gás e Electricidade; Manuel Pinheiro, presidente da Associação Comercial de Oeiras e delegado dos proprietários de estabelecimentos; Henrique de Vasconcelos, do S. N. dos Caixeiros de Lisboa; José Vilar Junior, construtor civil, e Alberto Morato, director da Sociedade de Propaganda de Cascais.

Deve ser feita amanhã, depois das 21 horas, a classificação das montras, que, se o tempo o permitir, serão visitadas pelo sr. Presidente da Republica, que ofereceu um premio para o concurso, outro tanto tendo feito o sr. ministro do Comercio, as Companhias Reunidas Gás e Electricidade, a União Vinicola Regional de Carcavelos, a Companhia Industrial de Portugal e Colonias, a casa Abecassis (Irmãos), a Comissão de Iniciativa e Turismo do Concelho de Cascais, os Bancos Espirito Santo e Commercial de Lisboa; a Sociedade de Perfumes Nally, o Banco Lisboa & Açores, a Sociedade de Propaganda da Costa do Sol e a Camara Municipal de Cascais.

Uma justa reclamação dos comerciantes da avenida Almirante Reis

Assinada por um numero de comerciantes da avenida Almirante Reis e da rua da Palma, recebemos uma representação á Camara Municipal de Lisboa, que se nos afigura justa.

Dizem os comerciantes que ha três meses que as suas transacções se encontram quasi paralisadas, devido ás obras que estão a ser feitas na avenida Almirante Reis. A obra—dizem os commerciantes—é de aplaudir, mas evitar-se-iam transtornos se se fizesse o calçamento dos passeios laterais, após a colocação das respectivas canalizações. Enquanto não estiverem concluidos os trabalhos iniciados, não devem abrir-se valas á frente dos estabelecimentos, por causa do transito.

Estamos certos de que a reclamação não deixará de ser tomada na devida consideração pelo sr. presidente da Camara, sempre pronto a atender todas as petições justas.

Publicações

«Arquitectos»

Acabamos de receber o n.º 8 da Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos, cuja direcção está a cargo de Cottinelli Telmo. E' profusamente illustrada e insere interessante colaboração.

«A Batalha»

Atendendo ás solenidades da presente semana não se publica no domingo proximo o jornal «A Batalha», o qual sairá na proxima semana com um numero especial.

«CHÁ» DANSANTE

Realiza-se na tarde de domingo um interessante torneio de tiro aos pratos seguido de um elegante «chá» dansante, no «stand» do Club dos Caçadores Portugueses, na quinta dos Pilares, em S. Domingos de Benfica.

Os bilhetes vendem-se á entrada, mas podem adquirir-se no 5.º Batalhão da Legião Portuguesa, no palacio da Assistencia, á praça do Brasil, telefone 62425. A receita reverte a favor do fundo de beneficencia do 5.º Batalhão da Legião Portuguesa.

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

Assembleia Geral

E' convocada a Assembleia Geral Ordinaria para o dia 24 do corrente mês, pelas 15 horas, na sede da Companhia, Avenida da Liberdade, n.º 18, 3.º, para apresentação do Relatorio e Contas referentes ao exercicio do ano de 1938, nos termos estatutarios.

Lisboa, 5 de abril de 1939.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Joaquim Antunes Leitão.

MIRAMON
OCULISTA PROFISSIONAL
ESPECIALISADO EM OPTICA MEDICA
RUA DA PRATA, 269-271
LISBOA

GARGOYLE
Insecticida para cães
UM PRODUTO DA VACUUM OIL COMPANY

O INSECTICIDA GARGOYLE
não prejudica o pelo, nem a pele dos animais.
Dá também bom resultado para exterminar as pulgas dos gatos.
A' venda em todas as espingardarias e nos estabelecimentos da especialidade

VACUUM OIL COMPANY

MERCEDES--BENZ

O famoso Carro de Corrida do Campeão de Europa Caracciola está em Exposição durante esta semana e convidamos os Ex.ªs Srs. Automobilistas a visitarem o

Nosso Stand: Travessa de S. Mamede, 39
Soc. Com. Mattos Tavares Lda., LISBOA
Unicos Representantes Gerais MERCEDES-BENZ

METAIS distendidos
TINTAS diversas

«Espinbela»
«Espinhaço»
«Diamantes»
«Gradil»
«Espinbela GZ»
«Gradil GZ»

«Walpamur»
«Muromatte»
«Duradio»
«Truseal»
«Yeoman»
«Imstone»

Para tetos, tabiques, vedações, cimento armado, estuques, etc.

Para todos os fins. Origem inglesa. Embalagem de origem

Agente depositario
CASA LINO
Telef. 2 1374 R. Bacalhoeiros, 113—LISBOA Telegr. Onil

DENISON ROSS NA ACADEMIA DAS CIENCIAS DE LISBOA

Realiza-se no proximo dia 11, pelas 18 horas, uma sessão plenaria, extraordinaria e publica, na Academia de Ciencias de Lisboa, de recepção ao academico correspondente estrangeiro sir E. Denison Ross, o qual será saudado pelo sr. dr. Julio Dantas. Denison Ross fará uma conferencia sobre a viagem de Antonio Tenreiro.

Tenha cuidado, muito cuidado com a sua saude

Não comprando á porta manteiga, que sendo o melhor produto da sua alimentação é também o pior, por ser de facil falsificação e facil de adquirir uma perigosa doença para o seu estomago e intestinos, por ser tratado e transportado por pessoas sem condições de higiene e nada saudáveis.

Não telefone também pedindo que lhe enviem manteiga a casa porque, havendo varias qualidades, lhe mandam a mais antiga e a que V. Ex.ª não gosta.

Defenda o seu dinheiro e a sua saude e vá á

Manteigaria A NUTRITIVA

prove as excelentes qualidades das suas manteigas de fabrico diario e verifique os seus preços:

Sem sal-Bela Portuguesa...	18\$00
Meio sal-Bela Portuguesa...	18\$00
Meio sal-S. Romão.....	16\$00
Com sal.....	15\$00
Com sal.....	13\$00

Rua dos Correios, 243 — LISBOA
(Em frente á Praça da Figueira)

PORTO DE LISBOA

Concurso para marcadores de 2.ª classe

AVISO

O concurso para marcadores de 2.ª classe, conforme a lista dos candidatos e rectificação publicadas nos «Diarios do Governo» n.ºs 64 e 72, 2.ª serie, respectivamente de 18 e 28 de Março findo, efectua-se no dia 13 do corrente mês, ás 15 horas, na sala do Gimnasio do Liceu Camões, Praça José Fontana, (ao Matadouro), devendo os concorrentes apresentar-se meia hora antes, munidos do respectivo bilhete de identidade e de caneta, tinta, lápis e borracha.

Lisboa, 4 de Abril de 1939.

Malinhas para Senhora

A CASA DA SIBERIA apresenta os mais originaes e recentes modelos. Preços limitados. Rua Augusta, 254, esquina de Santa Justa.

Rebuçados Pectorais de S. Paulo
Os melhores contra a tosse
Oito medalhas de ouro
A' venda em toda a parte e na Fabrica
«A PRIMOROSA»
Rua S. Paulo, 126 — T. 26511